Agatha Christie

NOITE SEM FIM





L&PM POCKET

A crescente atração de Michael Rogers por Fenella Goodman e a narrativa desse amor e de seu infeliz destino constituem o ponto de partida deste drama, que culmina na revelação de um crime monstruoso. A Dama do Crime apresenta aqui um romance sem detetive.

Livro Primeiro

I

ACABO ONDE COMEÇO... Eis uma citação que tenho ouvido com frequência. Soa bem, mas, na realidade, que significa?

Existe, porventura, um lugar determinado para onde se possa apontar, dizendo: "Tudo começou naquele dia, em tal momento e lugar, com tal acontecimento?"

Minha história talvez tenha começado quando vi, pendurado na parede do George and Dragon, um cartaz anunciando a venda em leilão da valiosa propriedade, denominada As Torres; dando informações minuciosas acerca da área, dos quilômetros e metros e mostrando fotografia, altamente beneficiada, de As Torres, como possivelmente tivesse existido, de inicio, há cerca de oitenta a cem anos.

Eu não estava fazendo nada de especial, mas apenas matando tempo, a passear pela rua principal de Kingston Bishop, lugar sem a menor importância. Notei, então, o anúncio do leilão. Por quê? Cumprir seu infeliz destino? Ou dar um aperto de mão de boa sorte? Podia-se considerá-lo sob qualquer desses dois prismas.

Dir-se-ia, talvez, que tudo começara quando conheci Santonix e no curso da conversação que com ele mantive. Posso, de olhos fechados, ver-lhe as rosadas maçãs do rosto, os olhos excessivamente brilhantes e o movimento de suas mãos, fortes, mas delicadas, que se estendiam para desenhar plantas e projetos de casas, especialmente uma casa tão bela, que seria maravilhoso possuí-la!

O anseio por uma casa, bela e vistosa, como jamais esperava possuir, despontou em minha vida naquele instante. Era um sonho feliz, partilhado entre nós dois, a casa que Santonix construiria para mim... se vivesse tempo suficiente...

Uma casa em que, no meu sonho, viveria com a mulher amada e onde, como nos tolos contos infantis, juntos ficaríamos "felizes para sempre".

Tudo isso não passava de fantasia, pura insensatez, que, no entanto, em mim despertou aquela onda de anseio: ânsia por alguma coisa que provavelmente jamais teria.

Ou, sendo esta uma história de amor — e juro que o é — então, porque não principiar no lugar onde, pela primeira vez, avistei Ellie, de pé entre os escuros pinheiros do Campo do Cigano.

Campo do Cigano. Sim, talvez por aí deva começar, no momento em que

me afastei do anúncio do leilão, ligeiramente arrepiado porque uma nuvem negra tapava o sol, e, descuidadamente, fiz uma pergunta a pessoa do local, que, de maneira desordenada aparava uma cerca nas proximidades.

— Que tal essa casa, As Torres?

Tenho ainda na memória a estranha expressão do velho, que, olhando de banda, respondeu:

— Não é assim que nós daqui a chamamos. Que espécie de nome é esse?

— ele riu às gargalhadas em sinal de desaprovação. — Já faz muito que moradores dali a chamavam As Torres — e tornou a rir.

Perguntei então, como e/e a chamava, e seus olhos, encravados no velho rosto enrugado, de mim novamente se desviaram, à estranha maneira da gente do campo, que não fala diretamente com as pessoas, mas olha de banda, por sobre os ombros, como se estivesse a ver coisas que os outros não percebem. E respondeu: — Aqui a chamam Campo do Cigano.

— Por que esse nome? — perguntei.

— É uma espécie de lenda. Não sei ao certo. Um diz uma coisa, outro diz outra — prosseguiu. — Seja como for, é ali que ocorrem os acidentes.

— Acidentes de automóvel?

— Acidentes de todo gênero. Hoje em dia, são principalmente acidentes de automóvel. A curva é muito fechada.

— Bem — disse eu, — se se trata de uma curva fechada é de prever que nela ocorram acidentes.

— O Conselho Rural colocou ali um sinal de perigo, porém não adiantou. De nada valeu. Os acidentes continuam como dantes.

— Por que Cigano? — perguntei.

O olhar dele se desviou de mim e a resposta foi vaga.

— As lendas variam. Segundo dizem, aquilo já foi terra de ciganos, que, expulsos, sabre ela lançaram uma maldição.

Dei uma gargalhada.

— É verdade — disse ele, — pode rir quanto quiser, mas o fato é que existem lugares amaldiçoados. Vocês, gente convencida da cidade, não os conhecem. Mas, sem dúvida, há lugares que são amaldiçoados, e sobre aquele pesa uma maldição. Houve gente que morreu na pedreira ao tirar pedras para construção. Uma noite, o velho Geordie caiu da cerca lá existente e quebrou o pescoço.

— Bêbado? — indaguei.

— Talvez estivesse. Não nego que gostasse de um trago. Mas há muitos bêbados que caem — quedas perigosas — sem sofrer nenhuma lesão

permanente. Geordie, no entanto, quebrou o pescoço. Foi ali — e apontou para a colina coberta de pinheiros que se achava atrás — no Campo do Cigano.

Sim, foi desse modo, creio eu, que a coisa começou. Não lhe dei, naquela época, maior atenção. Só agora me estou lembrando. Nada mais que isso. Penso, e isto quando raciocino devidamente, que eu a criei um pouco em meu espírito. Não sei se foi antes ou depois que perguntei se ainda havia ciganos na redondeza. Ele me respondeu que, hoje em dia, não existem muitos ciganos em parte alguma. A polícia sempre os forçava a se irem embora, disse ele. Então, indaguei: — Por que ninguém gosta de ciganos?

— Constituem um bando de ladrões — respondeu em tom de

condenação. E olhando-me com mais atenção, perguntou: — Será que o senhor tem sangue cigano? — insinuou, encarando-me com severidade.

Respondi que, de meu conhecimento, não. Tenho, é verdade, uma certa aparência de cigano. Talvez fosse essa a razão de me fascinar a denominação de Campo do Cigano. Enquanto lá me encontrava, retribuindo o sorriso dele, divertindo-me com a nossa conversa, pensei comigo mesmo que talvez possuísse um pouco de sangue cigano.

Campo do Cigano! Subi pelo caminho sinuoso que partia da aldeia, embrenhei-me por entre as árvores escuras e cheguei, finalmente, ao alto da colina, para contemplar o mar e os navios. A vista era maravilhosa e pensei, como alguém pensa nessas coisas: que tal se o Campo do Cigano fosse meu?

Nem mais, nem menos. Tratava-se apenas de uma ideia ridícula. Quando cruzei novamente com o aparador de cerca, ele me disse:

— Se lhe interessam ciganos, lá está, é claro, a velha Sra. Lee. O Major lhe dá um chalé para morar.

— Quem é o Major? — perguntei.

Ele respondeu, com ar de surpresa: — Evidentemente, o Major Phillpot.

— Pareceu muito admirado com a minha pergunta. Concluí que o Major Phillpot devia ser um deus na localidade. A Sra. Lee era, segundo suponho, uma de suas dependentes de cuja subsistência se encarregava. Os Phillpots devem ter sempre morado por ali e, mais ou menos, mandavam na localidade.

Ao me despedir do velho, ele me disse:

— Ela ocupa o último chalé, ao fim da rua. Provavelmente o senhor a encontrará do lado de fora. Não gosta do interior de casas. É o que acontece com quem possui sangue cigano.

E assim lá estava eu, vagando pela estrada, assobiando e pensando no

Campo do Cigano. Já me havia quase esquecido do que ouvira, quando notei uma mulher idosa, alta e de cabelos negros, fitando-me por sobre uma cerca de jardim. Vi logo que devia ser a Sra. Lee. Parei e a ela me dirigi.

— Disseram-me que a senhora me podia dar informações completas a respeito do Campo do Cigano, lá em cima — disse eu.

Ela me encarou através de uma franja emaranhada de cabelos negros e disse:

— Não se envolva nisso, meu jovem. Siga o meu conselho. Esqueça-se do assunto. Você é um rapaz simpático. Não sai nada de bom, nem jamais sairá, do Campo do Cigano.

— Verifico que ele está à venda — disse eu.

— Está, é verdade, e tolo será quem o comprar.

— Quem é o provável comprador?

— Há um construtor interessado. Mais de um. Vai ser vendido barato.

Verá.

— Por que será vendido barato? — perguntei, cheio de curiosidade. — Tem uma bela situação.

Não recebi resposta a essa pergunta.

— Admitamos que o comprador o adquira barato. Que irá fazer com ele?

Ela deu um risinho discreto, malicioso e desagradável.

— Pôr abaixo a velha casa em ruínas e, evidentemente, construir vinte, talvez trinta casas, todas carregando uma maldição.

Não fiz caso da última parte da frase e, antes que me pudesse deter, exclamei:

— Seria uma pena! Uma grande pena!

— Ora! Não se preocupe. Nenhum prazer daí lhes advirá, nem aos que comprarem, nem aos que assentarem os tijolos e a argamassa. Será um pé a escorregar na escada, um caminhão a se espatifar com a carga e uma ardósia a cair do teto em alvo certo. E as árvores também. Quem sabe se um desabamento produzido por súbita ventania. Ah! Você verá! Você verá! — ela sacudiu vigorosamente a cabeça e depois murmurou: — *Não há felicidade para quem se imiscui no Campo do Cigano.* Nunca houve.

Eu ri e ela falou rispidamente: — Não se ria, meu rapaz. Talvez algum dia você venha a rir do lado errado da boca. Não houve jamais qualquer felicidade ali, nem na casa, nem nas terras.

— Que aconteceu com a casa? — perguntei. — Por que tem estado vazia há tanto tempo? Por que a deixaram cair aos pedaços?

— Morreram as últimas pessoas que lá moravam, todas elas.

— Como morreram? — perguntei por curiosidade.

— É melhor não falar mais nisso. O certo é que depois ninguém nela quis morar. Deixaram-na mofar e cair em ruínas. Agora já está tudo esquecido e é melhor que assim fique.

— Mas a senhora poderia contar-me a história — disse eu, procurando engambelá-la. — A senhora sabe tudo a esse respeito.

— Eu não tagarelo a propósito do Campo do Cigano — a essa altura, ela deixou a voz cair numa espécie de lamúria de falso mendigo. — Agora, se quiser, meu simpático rapaz, eu lhe lerei a sorte. Encha de moedas de prata a palma da mão e eu direi a sina que vai ter. Você é uma daquelas pessoas que irão longe um desses dias.

— Não acredito nessa bobagem de leitura de sorte — disse eu, — e, além disso, não tenho moedas de prata, pelo menos para desperdiçar.

Ela se aproximou de mim e continuou, numa voz lamurienta: — Dê-me seis centavos. Seis centavos, agora. Eu o farei por seis centavos. Quanto vale isso? Absolutamente nada. E o farei por seis centavos porque você é um camarada simpático, bem falante e de personalidade. Pode ser que vá longe.

Procurei seis centavos no bolso, não porque acreditasse nas suas tolas superstições, mas porque, por algum motivo, gostava da velha impostora, mesmo sabendo que o era. Ela se apoderou das moedas, dizendo: — Dê-me agora as suas mãos. Ambas as mãos — tomando-me as mãos em suas garras secas, ela fixou o olhar nas palmas abertas. Permaneceu em silêncio por um ou dois minutos. Largou, então, minhas mãos de maneira brusca, como que as empurrando. Deu um passo atrás e falou asperamente: — Se tem noção do que lhe convém, saia agora mesmo do Campo do Cigano e nunca mais volte aqui! Este é o melhor conselho que lhe posso dar. Não volte.

— Por que não? Por que não hei de voltar?

— Porque, se o fizer, só encontrará tristeza, prejuízos e talvez perigo. Há encrencas, graves encrencas, à sua espera. Esqueça-se de que jamais viu este lugar. Eu o estou avisando.

— Com todos os diabos...

Ela, no entanto, já se estava retirando para o chalé, onde entrou e bateu a porta. Não sou supersticioso. É claro que acredito em sorte, e quem não o faz? Não, porém, num montão de supersticiosas tolices a respeito de casas em ruínas, cobertas de maldição. E, apesar disso, fiquei com a desagradável sensação de que a velha criatura sinistra tinha visto *alguma*

coisa em minhas mãos. Olhei para as duas palmas estendidas à minha frente. Que se poderia ver na palma das mãos de alguém? A quiromancia não passava de rematada insensatez: simples ardil para arrancar dinheiro, graças a uma tola credulidade. Observei o céu. O sol se escondera, o dia agora parecia diferente: uma espécie de sombra, como se fosse uma ameaça. Pensei que se tratava somente da aproximação de uma tempestade. O vento começava a soprar. Já se via nas árvores a parte de trás das folhas. Assobiei para ganhar coragem e caminhei, pela estrada, através da aldeia.

Olhei novamente para o cartaz colado, que anunciava o leilão de As Torres. Cheguei mesmo a anotar a data. Nunca, em minha vida, havia assistido a um leilão e pensei em assistir a esse. Seria interessante saber quem havia adquirido As Torres, isto é, quem se tornaria dono do Campo do Cigano. Sim creio que foi realmente aí que tudo começou... Ocorreu-me uma ideia fantástica. Passaria a fazer de conta que era a pessoa a lançar no leilão do Campo do Cigano! Competiria nos lances com os construtores locais.

Estes iriam desistir, desapontados em sua esperança de adquiri-lo a baixo preço. Eu o compraria e, então, me dirigiria a Rudolf Santonix, dizendo:

"Construa uma casa para mim. Já adquiri o terreno". E, então, havia de encontrar uma jovem, uma jovem maravilhosa, com quem ali viveria, em perene ventura.

Eram em mim frequentes sonhos dessa natureza. Naturalmente, nunca se transformavam em realidade, porém não deixavam de ser divertidos. Assim pensava eu, àquela época. Divertimento! Que divertimento. Deus meu! Se ao menos tivesse sabido!

II

Foi PURO ACASO QUE me levou às vizinhanças do Campo do Cigano naquele dia. Estava dirigindo um carro de aluguel a fim de levar certas pessoas de Londres para assistirem à venda em leilão, não de uma casa, mas de seu conteúdo. Tratava-se de uma grande casa, de feio aspecto, situada nos arredores da cidade. Os passageiros eram um velho casal, que, a julgar pela sua conversa, se achava interessado numa coleção de *papier mâché.* fosse lá isso o que fosse. A única menção que ouvira a tal respeito fora feita por minha mãe, com referência a bacias para lavar as mãos. Ela dizia que uma bacia de *papier mâché* era sempre muito melhor que as de matéria plástica!

Parecia esquisito que pessoas de fortuna se abalassem para adquirir uma coleção desses troços.

Releguei, porém, o fato para o fundo da memória, com a intenção de procurar num dicionário, ou ler, em algum lugar, o que era de fato, *papier mâché.* Devia ter certo valor, pois, do contrário, não se entendia que houvesse pessoas dispostas a alugar um carro para levá-las a um leilão de interior. Sempre me interessei por aprender coisas dessa espécie. Tinha então vinte anos e, de uma forma ou de outra, já havia armazenado apreciável bagagem de conhecimentos. Era bastante entendido em automóveis, bom mecânico e cuidadoso motorista. Na Irlanda, em determinada ocasião, tinha trabalhado em cavalos. Quase me envolvi com uma quadrilha de dopadores, dos quais me desvencilhei por haver percebido a tempo. Um emprego de motorista em empresa locadora de carros de classe não era de todo mau: ganhava bastante em gorjetas e, geralmente, o trabalho não era pesado, se bem que enfadonho.

Em dado momento, durante o verão, fui apanhador de frutas. Não ganhei muito com isso, porém me diverti. Tentei muitas empresas. Fui garçom num hotel de terceira classe, salva-vidas numa praia de veraneio, vendi enciclopédias, aspiradores de pó e outros objetos. Fiz trabalho de horticultura num jardim botânico e aprendi um pouco acerca de flores.

Jamais me apeguei a coisa alguma. Por que haveria de fazê-lo? Achei interessante quase tudo em que me metia. Alguns trabalhos eram mais duros que outros, mas isso pouco me importava. Não sou, em realidade, preguiçoso. Acredito que seja, isso sim, um irrequieto. Estou sempre em busca de alguma coisa. Sim, é isso: quero encontrar alguma coisa.

Desde quando deixei a escola, desejei encontrar alguma coisa, porém

não sabia o que seria essa coisa. Era somente algo a cuja cata me achava, de uma maneira vaga e insatisfeita. Ela se encontrava *em algum lugar.* Cedo ou tarde, saberia tudo a esse respeito. Talvez fosse uma garota... Gosto de garotas, mas nenhuma das que encontrei teve maior significação. Embora se goste delas, não custa passar à que se segue. Elas foram como os empregos que tive: bons por algum tempo, logo se tornam aborrecidos e deseja-se passar para o seguinte. Mudei constantemente de atividade desde que deixei a escola.

Muita gente reprovava o meu modo de viver. Creio que poderiam ser chamados meus amigos, mas assim procediam por desconhecerem o que havia de básico em minha personalidade. Queriam que namorasse a sério uma garota, economizasse dinheiro, me casasse com ela e me fixasse num bom emprego. Dia após dia, ano após ano, um mundo sem fim, amém. Não, porém, para mim! Deve haver algo melhor que isso. Não apenas essa monótona segurança, o velho Estado-Providência, a claudicar em suas meias medidas! De certo, pensava eu, neste mundo em que o homem conseguiu colocar satélites no espaço e em que as pessoas falam grosso da visita às estrelas, deve haver *alguma coisa* que nos emocione, que nos faça o coração bater, que valha a pena procurar pelo mundo afora! Certo dia, bem me lembro, estava caminhando pela Bond Street. Foi no período em que trabalhava como garçom e estava sujeito a horário. Tinha estado a olhar para certos sapatos, numa vitrina. Eram muito elegantes. Como se diz nos anúncios de jornais: "O que estão agora usando os homens elegantes", quase sempre acompanhados do retrato desse homem elegante. Palavra de honra, ele, geralmente, parece um tipo esquisito! Anúncios dessa espécie geralmente me faziam rir.

Passei da vitrina de calçados para a vizinha. Era uma loja de quadros.

Estavam expostas apenas três pinturas, em vitrina artisticamente arrumada, com uma cortina de fino veludo colocada no canto de uma moldura dourada.

Maricas, se entendem o que quero dizer. Não me interesso muito pela arte.

Por simples curiosidade entrei, certa vez, na Galeria Nacional. A exposição me assombrou. Grandes e brilhantes pinturas de batalhas em estreitos vales rochosos, grandes damas, com fátuos sorrisos, vestidas de seda, veludo e renda. Resolvi, naquele mesmo instante, que a arte não era para mim. O

quadro, porém, que agora me atraía tinha algo de diferente. Havia três pinturas na vitrina. Uma delas era uma paisagem, representando um

desses belos trechos de campo, para o que chamo uso diário. Outra, de uma mulher, desenhada de maneira tão curiosa, tão fora de proporção, que quase se diria não ser uma mulher. Imagino que seja a isso que denominam *art nouveau.*

Não entendo nada disso. Foi a terceira que me agradou. Para falar verdade, nada continha de especial. Era... como posso descrevê-la? *Simples,* por assim dizer. Bastante espaço vazio e alguns grandes círculos concêntricos, se de tal modo me posso exprimir. Tudo em cores diferentes, estranhas e inesperadas.

Aqui e ali, havia manchas coloridas, que não pareciam ter qualquer sentido.

E, no entanto, de certa forma, elas significavam alguma coisa! Não sou dado a descrições. Tudo quanto posso dizer é que não queria tirar os olhos dela.

Ali permaneci, com a estranha sensação de que algo fora do comum havia acontecido. Gostaria de usar então aqueles sapatos de luxo. A verdade é que me preocupo bastante com a maneira de vestir. Gosto de me vestir bem para causar boa impressão, porém nunca, em minha vida, pensei seriamente em comprar sapatos na Bond Street. Sei como são extravagantes os preços que ali se cobram. Aqueles poderiam custar quinze libras. São feitos a mão ou coisa parecida, como dizem para, sob algum pretexto, aumentar-lhes o valor. Isso seria puro desperdício. É, de certo, uma linha de sapatos de classe, mas paga-se demais pela classe. E eu não tenho um parafuso solto na cabeça.

Mas essa pintura, quanto poderia custar? Suponha-se que viesse a comprá-la? Você está louco, disse a mim mesmo. Você geralmente não se interessa por pinturas. Isso era a pura verdade. Mas eu queria aquele quadro... Gostaria de que fosse meu. Gostaria de pendurá-lo, sentar-me para contemplá-lo durante o tempo que desejasse e saber que me pertencia. Eu, a comprar quadros! Parecia uma ideia louca. Olhei de novo para a pintura.

Não fazia sentido que eu quisesse possuir tal quadro e, de qualquer forma, provavelmente não poderia dispor de soma suficiente para comprá-lo.

Acontece que, no momento, possuía algum dinheiro, graças a um bom palpite em corridas de cavalos. Ela provavelmente custaria uma bolada.

Vinte libras? Vinte e cinco? Em todo caso, não haveria mal em perguntar.

Não me podiam devorar, podiam? Entrei, sentindo-me bastante

enérgico e colocando-me na defensiva.

O interior da loja era muito silencioso e solene. Havia um ambiente de quietude, com paredes em cores neutras e um pequeno sofá aveludado para sentar e apreciar os quadros. Um homem, parecido com o modelo do cavalheiro bem vestido que aparece em anúncios, veio atender-me, falando baixinho, de modo a combinar com o cenário. Curiosamente, ele não possuía aquele ar de superioridade comum nos que trabalham em lojas de alto luxo na Bond Street. Ouviu o que eu tinha a dizer e, depois, tirou o quadro da vitrina, colocando-o contra a parede e segurando-o pelo tempo que desejei.

Ocorreu-me então, como a gente, às vezes, aprende certos fatos, que não se aplicam às pinturas as mesmas regras aplicáveis a outras mercadorias.

Alguém pode entrar num desses estabelecimentos vestindo roupa surrada e camisa puída e ser, de fato, um milionário, ansioso por aumentar sua coleção. Ou então pode parecer, talvez como eu, um joão-ninguém, com tal atração por determinada pintura, que, por algum processo astucioso, haja conseguido acumular fundos para adquiri-la.

— Este é um esplêndido exemplar de obra de arte — disse o homem, com o quadro nas mãos.

— Quanto custa? — perguntei, bruscamente.

A resposta tirou-me o fôlego.

— Vinte e cinco mil — disse ele, em tom suave.

Sou perito em não deixar que o rosto revele minhas emoções. Conservei-me impassível. Ou, pelo menos, acredito que o tenha feito. Ele mencionou um nome que soava estrangeiro: creio que era o nome do artista e que o quadro tivesse aparecido recentemente no mercado, vindo de uma casa de campo, cujos moradores não sabiam o que tinham. Não me deixei perturbar, mas lamentei.

— É muito dinheiro, mas suponho que valha — disse eu. Vinte e cinco mil libras! Que brincadeira!

— Vale — disse ele suspirando. — Vale mesmo — abaixou,

cuidadosamente, o quadro e levou-o de novo para a vitrina. Olhou-me com um sorriso, dizendo: — O senhor tem bom gosto.

Senti que, de certa maneira, nós nos entendíamos. Agradeci-lhe e saí para a Bond Street.

III

Não SEI BEM COMO PÔR AS coisas no papel, isto é, da maneira em que o faria um bom escritor. Veja-se, por exemplo, o trecho acerca da pintura que vi. Não se relaciona com coisa alguma. Quero dizer que nada dele resultou, a nada conduziu: sinto, no entanto, que é importante e se encaixa em algum lugar. Foi, dentre as coisas que me aconteceram, uma das que tiveram significação. Da mesma forma por que foram significativos para mim o Campo do Cigano e Santonix.

Pouco me referi a este último. Já devem ter, evidentemente, percebido que se tratava de um arquiteto. Nunca me havia metido com arquitetos, se bem que não fosse totalmente ignorante em relação ao negócio de construções. Conheci Santonix no curso de minhas perambulações. Eu trabalhava, então, como motorista, levando gente rica a lugares que desejavam visitar. Fui, algumas vezes, ao estrangeiro: duas à Alemanha, de cujo idioma tinha algum conhecimento; uma ou duas à França, de cuja língua possuía umas tinturas; e uma a Portugal. Os passageiros eram geralmente pessoas idosas possuidoras de dinheiro e má saúde, quase em quantidades iguais.

Quando se tem oportunidade de conduzir por aí gente dessa espécie, fica-se a pensar que o dinheiro, afinal de contas, não é assim tão importante.

Considerem-se os incipientes distúrbios coronários, o número de vidros de pequenas pílulas que têm de ser constantemente engolidas e a impaciência em hotéis com relação à comida e ao serviço. Os ricos que conheci eram, em sua maioria, bastante infelizes. E não deixavam também de ter as suas preocupações. Impostos e investimentos: ouçam-nos falar entre eles e com amigos! Preocupações — eis o que mata a metade deles! Sua vida sexual não é das mais satisfatórias: ou têm mulheres louras, de longas pernas sensuais, a se distraírem longe deles, com amantes, ou estão casados com essa espécie de mulheres rabugentas, feias como o diabo, sempre a lhes dizerem onde devem saltar. Não. Prefiro ser como sou. Michael Rogers, perambulando pelo mundo, e quando me apraz, saindo com bonitas garotas!

É claro que tudo isso é um tanto precário, mas consigo acomodar-me. A vida é divertida e eu me satisfaria em continuar a vivê-la alegremente.

Imagino, porém, que isso aconteceria em qualquer caso. É a atitude que se coaduna com a mocidade. Quando se vai a juventude, vai-se também a

alegria.

Por trás de tudo, penso eu, havia um outro fato: a necessidade de alguém ou alguma coisa... Entretanto, para prosseguir no que ia dizendo, havia certo homem de idade que eu costumava conduzir de carro à Riviera. Estava ali construindo uma casa. Ia ver como prosseguiam as obras. O arquiteto era Santonix. Não sei, ao certo, qual a nacionalidade de Santonix. Julguei, a princípio, que fosse inglês, apesar do estranho nome, que jamais antes ouvira. Acredito, porém, que não fosse inglês. Imagino que proviesse de alguma parte da Escandinávia. Logo percebi que era uma pessoa doente.

Jovem, de tez muito clara, tinha um rosto singular, algo torto, cujos lados não combinavam. Tratava os clientes com grande impaciência. Era de supor que estes, fornecendo o dinheiro, dessem as cartas. Mas assim não acontecia.

Era Santonix, sempre confiante em si mesmo ao reverso dos outros, quem bravateava.

Lembro-me de que o homem idoso, ao qual me referi, ficou fulo de raiva, quando, ao chegar, viu como iam as obras. Era meu costume dar uns cochilos enquanto esperava para prestar serviços de motorista e de faz-tudo.

Parecia que o Sr. Constantin ia ter um enfarte ou um derrame cerebral.

— O senhor não fez o que mandei — disse, quase gritando. — Gastou dinheiro demais. Muito dinheiro mesmo. Não foi o que combinamos. Vai custar-me mais do que pensei.

— O senhor tem toda a razão — disse Santonix. — Mas é preciso gastar esse dinheiro.

— Não vai gastá-lo! Não vai gastá-lo! Terá de se manter dentro dos limites por mim estabelecidos. Entende?

— Nesse caso, não terá a casa que espera — disse Santonix. — *Sei bem* o que o senhor deseja. A casa que estou construindo será aquela que deseja.

Tenho plena certeza disso e o senhor também. Não me venha com essas suas mesquinhas economias de gente de classe média. O senhor quer uma casa de boa qualidade: vai tê-la, vai-se vangloriar perante seus amigos e causar-lhes inveja. Já lhe disse que não construo para qualquer um. Não é só o dinheiro que me interessa. Essa casa.não será igual às de outras pessoas!

— Vai ficar horrível! Horrível mesmo!

— Não vai, não. O mal é que o senhor não sabe o que quer. Ou, pelo

menos, dá essa impressão. Mas a verdade é que o senhor sabe o que deseja e apenas não consegue pôr isso na cabeça. O senhor não consegue vê-lo com clareza, mas eu sei. Se há alguma coisa que eu saiba é isso: o que as pessoas procuram e o que querem. O senhor possui senso de qualidade. E eu lhe vou dar qualidade.

Era costume dele dizer coisas desse gênero. E eu ficava alerta para ouvi-lo. Por este ou aquele motivo, pude perceber que não ia ser igual a qualquer outra a casa que ali estava sendo construída por entre pinheiros e com vista para o mar. Metade dela não dava para o mar, à maneira convencional.

Estava virada para o lado da terra, à altura de uma certa curva de montanhas, deixando ver um pedaço de céu entre os montes. Era estranha, fora do comum e muito atraente.

Santonix às vezes costumava falar comigo, quando não me achava de serviço. Disse-me ele: — Só construo casas para quem quero.

— Isso significa para gente de fortuna.

— Têm que ser ricos, porque, do contrário, não poderiam pagar o custo das casas. Não é, porém, o lucro que me importa. Meus clientes têm que ser ricos, porque quero fazer um gênero de casas que custa dinheiro. Como vê, a casa por si não basta. É necessária uma boa localização. Esta tem igual importância. É como um rubi ou uma esmeralda. Uma bela pedra é só bela pedra. Não vai além. Não significa coisa alguma, não tem forma nem sentido até que seja cravada. E a cravação pouco vale sem uma bela pedra. Eu faço a montagem de acordo com o panorama, onde ele exista por si mesmo. O

panorama nada significa até que nele se assente minha casa, orgulhosamente cravada, como pedra preciosa, em suas garras — olhando para mim, riu-se.

— Você me entende?

— Suponho que não — disse eu vagarosamente, — e no entanto, de certa maneira, penso que sim...

— Isso é possível — ele me olhou, com ar de curiosidade.

Em outra ocasião voltamos novamente à Riviera. A esse tempo, a casa já se achava quase terminada. Não a vou descrever porque não poderia fazê-lo devidamente, mas era — digamos assim — algo de peculiar e belo. Não tive dúvidas a esse respeito. Tratava-se de uma casa que alguém podia, com orgulho, mostrar aos amigos, contemplar e, quiçá, nela morar com a pessoa adequada. E então, repentinamente, certo dia, disseme Santonix: — Sabe que poderia construir uma casa para você? Tenho noção exata da

casa que desejaria.

Balancei a cabeça.

— Nem eu mesmo saberia — disse, com sinceridade.

— Talvez você não soubesse. Eu, porém, saberia por você — e depois acrescentou: — É mesmo uma lástima que você não tenha dinheiro.

— E jamais o terei — disse eu.

— Não fale assim — disse Santonix. — Nascer pobre não significa ser pobre para sempre. O dinheiro é esquisito: vai aonde é desejado.

— Não sou suficientemente esperto — disse eu.

— O que lhe falta é ambição. Você ainda não despertou para a ambição, mas saiba que ela existe em você.

— Pois bem — disse eu, — algum dia, quando em mim despontar a ambição e fizer fortuna, eu o procurarei, dizendo: construa-me uma casa.

Ele sorriu, dizendo:

— Não posso esperar... Não me é dado esperar. Tenho pouco tempo de vida. Uma casa, talvez duas... Nada mais. Ninguém deseja morrer moço...

Mas, às vezes, não há alternativa. Imagino que, na realidade, isso pouco importe.

— Nesse caso, terei que despertar depressa a minha ambição.

— Não — disse Santonix. — Você é saudável, sente-se feliz. Não altere o seu modo de vida.

Respondi: — Não conseguiria fazê-lo, mesmo que tentasse.

Julguei, então, que isso fosse verdade. Gostava de meu modo de vida, estava-me divertindo e gozava de boa saúde. Dirigi automóveis para muitas pessoas que fizeram fortuna, que trabalharam com afinco, e, por haverem trabalhado demais, contraíram úlceras e tiveram enfartes. Eu não queria trabalhar demais. Podia fazer ora uma coisa, ora outra, e tanto bastava.

Não possuía ambição, ou julgava que não a tinha. Creio que a Santonix não faltava ambição. Era-me fácil perceber que projetar casas e construí-las, preparar as plantas e algo mais que não me era dado entender, tudo isso lhe havia prejudicado a saúde. Para começar, ele nunca fora um homem forte.

Às vezes me ocorria a extravagante ideia de que se estava matando antes do tempo pelo esforço despendido para satisfazer a própria ambição. Eu não queria trabalhar. Nem mais, nem menos. Não confiava no trabalho e este me desagradava. Considerava lamentável que o gênero humano o houvesse inventado.

Pensei, frequentemente, em Santonix. Ele me intrigava talvez mais que

qualquer outro dos meus conhecidos. Acredito que as coisas mais curiosas da vida são aquelas de que nos lembramos. Suponho que a gente se lembre do que quer. Algo dentro da gente faz a escolha. Santonix e a casa dele, o quadro na Bond Street, a visita àquela casa em ruínas, As Torres e a história do Campo do Cigano, todas essas eram coisas por cuja recordação optei!

Outras vezes, eram as moças que encontrava e as viagens a lugares no estrangeiro, transportando fregueses. Os fregueses eram todos iguais: maçantes. Ficavam na mesma espécie de hotéis e comiam o mesmo gênero de pratos desprovidos de imaginação.

Ainda conservava dentro de mim aquela curiosa sensação de esperar por alguma coisa, contar em que algo me fosse oferecido ou me acontecesse: não sei bem qual a melhor maneira de expressá-lo. Acredito que, de fato, estivesse à procura de uma garota, a garota que me convinha — não significando isso uma moça honesta e condizente, como entenderiam minha mãe, tio Joshua, ou certos amigos meus. Nada sabia, àquele tempo, em matéria de amor. Para mim, o sexo era tudo. Parece que o mesmo se passava com todos os de minha geração. Falávamos demasiadamente disso, não ouvíamos senão isso e o levávamos por demais a sério. Não sabíamos, meus amigos e eu, como seria quando realmente acontecesse. Refiro-me ao amor.

Éramos jovens e viris, examinávamos, de alto a baixo, as moças com quem nos encontrávamos, apreciávamos as suas curvas e pernas, bem como o olhar que nos dirigiam, e perguntávamos a nós mesmos: "Consentirão elas, ou não? Estarei perdendo meu tempo?" E quanto mais moças conquistássemos, mais nos vangloriávamos, melhores éramos considerados e melhores nos julgávamos a nós mesmos.

Eu não fazia bem ideia de que existisse algo mais. Suponho que, cedo ou tarde, isso chegue a todos, e de maneira repentina. Não se tem a reação esperada: "Esta pode ser uma garota para mim... Esta é a garota que vai ser minha". Pelo menos, não era assim que eu sentia. Não sabia que, quando acontecesse, iria ser tão subitamente e viesse a dizer: "Eis a moça a quem pertenço. Sou dela. Pertenço-lhe, inteiramente, para sempre". Não. Jamais julguei que pudesse ser assim. Não foi um dos velhos comediantes quem disse, certa vez, numa das pilhérias de seu repertório: "Amei uma vez e, se soubesse que isso iria acontecer de novo, garanto-lhe que emigraria"? O mesmo se passou comigo. Se soubesse, se pudesse imaginar o que tudo podia representar para mim, também emigraria! Naturalmente, se tivesse prudência.

IV

NÃO ME ESQUECERA do plano de ir ao leilão.

Ainda faltavam três semanas. Restavam-me três viagens ao Continente, uma à França e outra à Alemanha. Foi quando me encontrava em Hamburgo que as coisas chegaram a um ponto crítico. Em primeiro lugar, tomei-me de violenta antipatia pelo homem para quem dirigia o carro e sua mulher.

Representavam tudo quanto mais detestava. Eram grosseiros, desatenciosos, desagradáveis e, segundo suponho, despertaram em mim a ideia de que não poderia continuar a viver essa vida de servilismo. Fui cauteloso, notem bem.

Cheguei à conclusão de que não os poderia aturar nem mais.um dia, porém, nada lhes disse. Não adianta entrar em conflito com a firma que nos emprega. Por isso, telefonei para o hotel, aleguei doença e telegrafei para Londres fazendo a mesma afirmação. Disse que, possivelmente, me sujeitariam a quarentena e, portanto, era aconselhável mandarem outro motorista para me substituir. Ninguém me iria censurar por isso. Eles não ligavam tanto a mim que fossem fazer novas indagações e se limitariam a supor que a febre alta me impedia de lhes dar outras notícias. Ao voltar, mais tarde, a Londres, contaria uma grande lorota acerca da gravidade de minha doença! Preferi, entretanto, não voltar. Estava farto da profissão de motorista.

Tal rebelião constituiu importante encruzilhada em minha vida. Por esse e outros motivos, apareci no salão de leilões na data aprazada.

"Salvo o caso de venda por meio de negociação direta" — eis o aviso que se achava colocado no cartaz originário. O aviso ali continuava e, portanto, não se havia efetuado nenhuma venda direta. Fiquei tão emocionado que mal sabia o que estava fazendo.

Confesso que nunca havia assistido ao leilão público de um imóvel.

Achava-me imbuído da ideia de que seria emocionante, porém nada disso aconteceu. De modo algum. Foi um dos mais lúgubres espetáculos que já vira. Tomei assento num ambiente meio sombrio, onde apenas se encontravam umas seis ou sete pessoas. O leiloeiro era muito diferente daqueles que havia visto a realizarem leilões de mobiliário ou coisas desse gênero, homens de voz alegre, muito cordiais e brincalhões. Esse, num tom monótono, elogiou a propriedade, descreveu a área e pronunciou mais algumas palavras, passando logo ao leilão, com pouco entusiasmo. Alguém

fez um lance de É 5.000. O leiloeiro esboçou um sorriso, como se tivesse ouvido uma pilhéria sem graça. Feitas algumas observações, seguiram-se novos lances. Os presentes eram principalmente gente do campo. Um tinha a aparência de fazendeiro, outro me deu a impressão de ser um dos construtores concorrentes, e mais dois advogados, um dos quais, possivelmente, vindo de Londres, bem vestido e com ar de profissional. Não posso assegurar que este haja feito algum lance, mas é possível que sim. Se fez, foi de maneira muito discreta e por meio de simples gesto. Seja como for, o leilão foi-se enfraquecendo e, ao cabo, o leiloeiro, em tom melancólico declarou que o preço mínimo não fora atingido e as atividades ficavam suspensas.

— Que negócio maçante! — disse eu a um dos homens da localidade, que se achava a meu lado quando sai.

— São sempre assim — disse ele. — Já assistiu a muitos desses leilões?

— Não — respondi. — Na verdade, este foi o primeiro.

— Veio a título de curiosidade, não é? Não o vi fazer lances.

— Não se admire — disse eu. — Queria apenas ver como a coisa se processava.

— Bem, é o que muitas vezes acontece. Querem apenas verificar quem se acha interessado.

Encarei-o, com ar interrogativo.

— Eu diria que só três participaram — disse o meu amigo — Whetherby, de Helminster, que é construtor; depois, Dakham e Coombe, lançando, segundo dizem, por uma firma de Liverpool; e ainda um aventureiro de Londres, talvez advogado. Possivelmente, outros, porém esses me pareceram os principais. Todo mundo diz que será vendido barato.

— Por causa da fama do lugar? — perguntei.

— Oh! Ouviu falar no Campo do Cigano, não é? Isso é apenas o que diz a gente da terra. Há muitos anos o Conselho Rural já deveria ter modificado aquela estrada: é uma armadilha mortífera.

— Mas, não é verdade que o lugar tem má fama?

— Afirmo que se trata de simples superstição. De qualquer maneira, o verdadeiro negócio será realizado por trás dos bastidores. Eles passarão a fazer propostas. Imagino que a coisa irá para a gente de Liverpool. Não creio que Whetherby ofereça o suficiente, porque só gosta de fazer pechinchas.

Há, hoje em dia, numerosas propriedades à venda para negócio. No final das contas, não existem muitas pessoas que disponham de dinheiro

para comprar a propriedade, demolir a casa e construir outra, não é mesmo?

— Penso que não há muitos hoje em dia — disse eu.

— É deveras difícil. Há que pensar em impostos e em várias outras coisas. Além do mais, não se consegue trabalho doméstico no interior. As pessoas, nos dias que correm, preferem pagar milhares, nas cidades, por um apartamento de luxo, situado no décimo sexto andar de edifício moderno. As grandes casas de campo, difíceis de manter, eternizam-se no mercado.

— Mas poder-se-ia construir uma casa moderna — argumentei. — Isso diminuiria o número de empregados.

— Poder-se-ia fazê-lo, porém é dispendioso e não há muita gente que goste de viver em isolamento.

— Talvez haja quem goste — disse eu.

Ele riu e nós nos separamos. Pus-me a caminhar, carrancudo e confuso.

As pernas sem que eu realmente notasse para onde ia, me levaram pelo caminho entre as árvores e até a estrada curva que conduzia das árvores à charneca.

E foi assim que cheguei ao ponto da estrada onde vi Ellie, pela primeira vez. Ela estava de pé, bem junto a um alto pinheiro, dando a impressão de alguém que, por assim dizer, houvesse saído da própria árvore. Usava, então, um vestido verde escuro e seu cabelo tinha a cor suave de uma folha de outono, dando-lhe o aspecto de algo irreal. Eu a vi e parei. Ela estava olhando para mim com os lábios entreabertos e parecendo ligeiramente surpresa. Creio que também eu devia parecer surpreso. Queria dizer alguma coisa e não sabia exatamente o quê. Falei afinal: — Desculpe-me. Não pretendi assustá-la. Não tinha ideia de que houvesse alguém por aqui.

Ela disse em tom suave e meigo, um tanto semelhante à voz de uma menina:

— Não há por que se desculpar. Eu também não pensava em encontrar aqui pessoa alguma. Este lugar é bastante isolado — e teve então, um leve estremecimento.

Soprava naquela tarde um vento bastante frio. Mas talvez o frio não fosse do vento. Aproximei-me dois ou três passos.

— Esse lugar amedronta, não é? — disse eu. — Refiro-me a esta a casa nas condições de ruína em que se encontra.

— As Torres — observou pensativamente. — Tal era o nome dela, mas creio que nunca teve torres de espécie alguma.

— Presumo que fosse apenas um nome — disse eu. — As pessoas dão a suas casas certos nomes, como As Torres, para lhes atribuir a impressão de grandiosidade, que não possuem.

Ela deu um leve sorriso — Suponho que seja esse o caso. Esta propriedade — talvez o senhor saiba melhor que eu — é a que está sendo hoje vendida ou posta em leilão.

— Sim — disse eu. — Acabo de voltar do leilão.

— Oh! — ela deu a impressão de ter ficado espantada. — O senhor estava, ou está interessado?

— Não creio que vá comprar uma casa em ruínas com algumas centenas de acres de terras florestais — disse eu. — Não possuo recursos para isso.

— Foi vendida? — perguntou-me.

— Não. Os lances não atingiram o mínimo.

— Compreendo — ela me pareceu aliviada. — O senhor também não desejava comprá-la, não é? — disse ela.

— Oh! Não, certo que não — notei nela um nervosismo em torno do assunto.

Hesitei um pouco e depois deixei escapar as palavras que me vieram à boca.

— Estou fingindo — disse. — Evidentemente, não posso comprá-la por falta de dinheiro, mas estou interessado. Gostaria de adquiri-la. Quero comprá-la. Abra a boca e, se quiser, ria-se de mim, mas esta é a pura verdade.

— Não acha, porém, que ela está caindo aos pedaços?

— Concordo — disse eu. — Não a desejo, é claro, nas condições em que ora se encontra. Minha ideia seria demoli-la e jogar tudo fora. É uma casa feia e creio que deve ter sido muito triste. Mas este local não é nem triste, nem feio. É uma beleza. Veja daqui. Aproxime-se um pouco, por entre as árvores. Contemple a paisagem daquele lugar, em direção aos montes e à charneca. Está vendo? Descortine o panorama daqui e venha, depois, nesta direção.

Tomei-a pelo braço e a levei a outro ponto do local. Se estávamos tomando certa intimidade, ela não chegou a notar. De toda forma, não a segurei com o intuito que se pode pensar. Desejava somente mostrar-lhe o que eu via.

— Aqui — disse eu, — você vê onde ele desliza para o mar e, lá, onde as pedras se tornam visíveis. Há de permeio uma aldeia, que se esconde por causa da protuberância dos montes. E, de um terceiro ponto, divisa-se

um vale florestal. Agora, poderá verificar que, se cortarmos as árvores, abrirmos clareiras e limparmos o terreno em torno da casa, que bela construção se pode levantar. Não ficaria situada no mesmo local da que existe. Afastar-nos-íamos cerca de vinte e cinco a trinta metros para a direita. Lá ficaria a casa, uma casa maravilhosa, construída por um arquiteto genial.

— Conhece arquitetos que sejam gênios? — perguntou, em tom dubitativo.

— Conheço um — disse eu.

E então pus-me a falar de Santonix. Sentamo-nos, lado a lado, num tronco de árvore. Falei àquela jovem a respeito da floresta que antes não conhecia, e lhe falei com toda sinceridade, expondo-lhe o meu sonho.

— Isso jamais se tornará realidade — disse eu. — Sei perfeitamente disso. Mas pense, exatamente como estou pensando. Cortaríamos as árvores, limparíamos o terreno, plantaríamos rododendros e azáleas, e, então, viria o meu amigo Santonix, capaz de realizar a obra, embora constantemente a tossir, pois não tardará a morrer de tuberculose ou coisa parecida. Teria, no entanto, tempo de fazê-lo antes de morrer. Seria uma casa maravilhosa. Você não faz ideia das que ele constrói. Só trabalha para gente rica, que deseje uma boa obra. Não me refiro a uma boa construção, no sentido convencional, mas a um sonho realizado, algo de maravilhoso.

— Gostaria de possuir uma casa desse gênero — disse Ellie. — Você me faz vê-la e senti-la. Seria a concretização de um sonho. Aí se poderia viver em liberdade, sem ficar tolhida por gente que nos impede de fazer tudo quanto queremos e nos obriga a fazer tudo quanto não desejamos. Estou tão cansada da vida que levo, das pessoas que me rodeiam e de tudo mais!

Foi assim que começou, entre Ellie e eu: eu, com os meus sonhos e ela, revoltada contra a vida. Deixamos de falar e nos entreolhamos.

— Qual é o seu nome? — perguntou-me.

— Mike Rogers — disse eu. — Michael Rogers — corrigi. — E o seu?

— Fenella — hesitou um pouco e completou: — Fenella Goodman — olhando-me com a fisionomia algo transtornada.

Isso não nos adiantou muito, mas continuamos a olhar um para o outro.

Ambos desejávamos um novo encontro, porém não atinávamos com a maneira de expressá-lo.

V

Foi VERDADEIRAMENTE assim que tudo começou entre mim e Fenella. O prosseguimento não foi tão rápido assim, porque ambos possuíamos os nossos segredos. Coisas existiam que desejávamos ocultar um do outro e nos impediam de revelar tudo a nosso respeito criando entre nós uma espécie de barreira. Não podíamos dizer às claras: "Quando nos veremos novamente?

Onde posso encontrá-lo? Onde mora?" Quem faz uma pergunta destas provoca outra da mesma espécie.

Fenella pareceu-me apreensiva ao me dar o nome, tanto assim que julguei não ser aquele o verdadeiro. Cheguei a pensar que tinha sido inventado! Mas senti que isso era impossível, pois eu lhe tinha dado meu verdadeiro nome.

Não sabíamos como nos despedir, um do outro, naquele dia. Foi embaraçoso. Estava esfriando, precisávamos de nos afastar de As Torres... mas, e depois? Meio desajeitado insinuei: — Você vai ficar por aqui?

Ela respondeu que morava em Market Chadwell. Era aquela uma cidade-mercado, não muito distante, onde sabia existir um grande hotel de três estrelas. Ela me disse, com embaraço semelhante: — Você mora aqui?

— Não — disse eu, — não moro aqui. Estou apenas passando o dia.

Caímos de novo em desconcertante silêncio. Ela começou a tremer um pouco por causa do vento frio que soprava.

— Creio que devíamos caminhar — disse eu, — para nos aquecer. Você está de carro, ou vai de ônibus ou trem?

Ela me respondeu que havia deixado o carro na aldeia.

— Não se preocupe com isso — disse ela.

Parecia um pouco nervosa. Pensei que quisesse livrar-se de mim, sem saber como fazê-lo. Foi então que eu sugeri:

— Por que não caminhamos juntos até a aldeia?

Ela me dirigiu um rápido olhar de agradecimento. Descemos

vagarosamente pela sinuosa estrada, onde tantos acidentes haviam ocorrido.

Ao chegarmos a uma curva, um vulto surgiu, repentinamente, da sombra de um pinheiro. Apareceu de modo tão imprevisto que Ellie deu um pulo, exclamando — Oh! — Era a mesma velha mulher que vira, outro dia, no jardim de seu chalé: a Sra. Lee. Ela me pareceu agora muito mais desajeitada, com um emaranhado de cabelos pretos a voarem com o vento

e um manto escarlate a lhe cobrir as costas, dando a impressão de mais alta, graças à atitude dominadora que assumiu.

— Que estão fazendo por aqui, meus caros? — perguntou. — Que é que os traz ao Campo do Cigano?

— Oh! — disse Ellie, — não estamos invadindo nenhuma propriedade particular, estamos?

— É possível que não. Esta já foi terra de ciganos, e dela nos expulsaram. Nada de bom podem vocês fazer por aqui e nenhum bem lhes advirá de estarem rondando o Campo do Cigano.

Ellie não tomou uma atitude belicosa. Isso não era de seu temperamento.

Limitou-se a dizer, suave e polidamente: — Peço desculpas se aqui não devêssemos ter vindo. Julguei que esta propriedade estivesse hoje à venda.

— Má sorte há de ter quem a comprar! — replicou a velha mulher. — Ouça, beleza, e bonita você, de fato, é: azar terá quem quer que a compre. Existe uma maldição sobre estas terras, maldição que data de muitos anos. Afaste-se delas. Não se envolva no Campo do Cigano. Ela trará para você perigo e morte. Volte para casa pelo mar e não retorne ao Campo do Cigano. Não diga que não a preveni.

Com uma leve centelha de ressentimento, disse Ellie: — Não estamos fazendo nada de mal.

— Venha cá, Sra. Lee — disse eu, — não assuste esta jovem.

Virei-me, então, para Ellie, a fim de dar uma explicação.

— A Sra. Lee mora nesta aldeia. Possui um chalé mais adiante. Ela lê a sorte e prevê o futuro. Tudo isso, não é, Sra. Lee? — falei-lhe em tom de brincadeira.

— Tenho esse dom — limitou-se a dizê-lo, tornando ainda mais erecto o seu talhe de cigana. — Tenho essa faculdade. Nasci com ela. Todos nós a possuímos. Vou ler a sua sorte, mocinha. Ponha moedas de prata na palma de minha mão e eu lhe lerei a sorte.

— Creio que não preciso de que me leiam a sorte.

— Seria prudente fazê-lo: saber o que deve evitar, conhecer o que lhe está reservado, se não tomar cuidado. Venha cá, há muito dinheiro em sua bolsa. Muito mesmo. Sei de coisas que lhe seria prudente conhecer.

Creio que a compulsão de deixar que lhes leiam a sorte é quase invariável nas mulheres. Já havia notado isso nas moças que conheci. Quase sempre, ao levá-las a uma feira, tinha de lhes pagar a entrada na barraca das quiromantes. Ellie abriu a bolsa e colocou duas moedas de meia coroa nas mãos da velha.

— Ah! beleza, agora está certo. Você vai ouvir o que a velha Lee tem para lhe contar.

Ellie tirou as luvas e colocou sua pequena e delicada palma nas mãos da velha. Esta olhou para baixo e resmungou: — Que estou vendo agora? Que vejo?

De repente, deixou cair de maneira abrupta a mão de Ellie.

— Se fosse você, eu iria embora. Iria para não mais voltar! É o que lhe acabo de dizer e é a pura verdade. Vi-o na palma de sua mão. Esqueça-se do Campo do Cigano, esqueça-se de que jamais o viu. Não é sobre a casa em ruínas que pesa a maldição. É sobre as próprias terras.

— A senhora tem uma mania a esse respeito — disse eu, asperamente.

— Seja como for, essa jovem nada tem a ver com as terras daqui. Veio apenas passear e não possui ligações na vizinhança.

A velha mulher não me deu a menor atenção. Prosseguiu com severidade: — Eu lhe estou dizendo, minha beleza. Estou-lhe avisando. Sua vida pode ser feliz, mas evite perigos. Não venha a um lugar onde há perigo, ou sobre o qual pesa uma maldição. Vá para onde seja amada, cuidada e ajudada. Você precisa de se manter em segurança. Lembre-se disso. Do contrário... do contrário... — ela estremeceu um pouco. — Não gosto de ver, não quero ver o que mostra a sua mão.

De repente, num gesto esquisito e brusco, ela tornou a colocar as duas moedas de meia coroa nas mãos de Ellie, murmurando alguma coisa que mal podíamos ouvir. Era como se dissesse: "É cruel, muito cruel o que está para acontecer." E, dando as costas, foi-se a passos largos.

— Que mulher, que mulher horrível! — disse Ellie.

— Não lhe preste atenção — disse eu rispidamente. — Para começar, creio que é meio maluca. Depois, deseja afastá-la daqui pelo temor. Sinto que eles têm um certo preconceito contra esta propriedade.

— Têm havido acidentes por aqui? Aconteceram outras coisas más?

— São inevitáveis os acidentes. Veja a curva e a estreiteza da estrada. Os conselheiros municipais mereciam ser fuzilados por não tomarem providências. É claro que hão de ocorrer acidentes aqui. Não existem suficientes placas de aviso.

— Só acidentes... ou outras coisas?

— Venha cá — disse eu, — há quem goste de colecionar desgraças. Não faltam infortúnios para colecionar. É assim que se criam lendas a respeito de determinado lugar.

— É essa uma das razões por que dizem que essa propriedade será vendida barato?

— Suponho que seja. Refiro-me a uma venda local. Julgo, porém, que não será vendida a gente daqui. Presumo que será comprada para negócio.

Você está tremendo de frio — disse eu. — Vamos apressar o passo — e acrescentei: — Você preferiria que nos separássemos antes de chegarmos à cidade?

— Não. Claro que não. Por que haveria de querer isso? Fiz uma desesperada arremetida.

— Olhe — disse eu, — vou ficar amanhã em Market Chadwell. Não sei se você ainda estará lá... Haveria alguma possibilidade de tornar a vê-la? —

arrastei os pés e virei a cabeça para o lado. Penso que fiquei bastante ruborizado; no entanto, se não dissesse alguma coisa naquele momento, como iria continuar com isso?

— De certo — disse ela, — só voltarei para Londres à tarde.

— Neste caso, talvez vá praticar uma ousadia.

— Não, de modo algum.

— Talvez você pudesse tomar chá comigo numa confeitaria... creio que se chama Bull Dog. É muito decente — disse eu. — É, quero dizer, é... — e não conseguia encontrar a palavra adequada. Empreguei, por isso, a expressão que ouvira de minha mãe, uma ou duas vezes, dizendo, com ansiedade: — lugar próprio para senhoras.

Neste ponto, Ellie sorriu. Creio, que, hoje em dia, isso não se usa mais.

— Tenho certeza de que será muito agradável — disse ela. — Lá estarei. Às quatro e meia, mais ou menos. Está bem?

— Ficarei à sua espera — disse eu. — Estou muito satisfeito — não disse, porém, por que estava satisfeito.

Chegamos à última curva da estrada, onde começavam as casas.

— Então, adeus — disse eu — até amanhã. E, por favor, não pense no que disse aquela velha bruxa. Creio que tem prazer em assustar as pessoas. É meio maluca — acrescentei.

— Você julga que o lugar é de meter medo? — perguntou Ellie.

— O Campo do Cigano? Não, não acredito — disse eu, de forma demasiadamente categórica, mas na realidade, não o julgava assustador. Pensava então, como antes, que era um lindo lugar, belo local para uma linda casa...



Pois bem, foi assim que decorreu o meu primeiro encontro com Ellie. Já me encontrava em Market Chadwell, no dia seguinte, à sua espera no Buli Dog, quando ela apareceu. Tomamos chá e conversamos. Ainda não havíamos dito muita coisa a nosso respeito, isto é, a propósito de nossas vidas. Falávamos principalmente de coisas que pensávamos e sentíamos, quando Ellie, olhando para o relógio-pulseira, disse que precisava sair porque o trem para Londres partia às 17h30.

— Pensei que tivesse um carro à sua disposição — disse eu.

Ela ficou um tanto embaraçada, acrescentando que não era seu o carro usado no dia anterior. Não explicou de quem era. Aquela sombra de constrangimento novamente se interpôs entre nós. Apontei para a garçonete, paguei a conta e, sem rodeios, perguntei a Ellie: — Terei oportunidade de vê-la novamente?

Ela não olhou de frente, e sim para baixo da mesa, respondendo: — Ainda permanecerei em Londres por uma quinzena.

Disse eu: — Onde? Como?

Marcamos encontro, no Regent's Park, para três dias depois. O dia estava lindo. Comemos num restaurante ao ar livre e caminhamos para o jardim Queen Mary, onde nos sentamos em cadeiras espreguiçadeiras e conversamos. A partir de então, falamos a respeito de nós mesmos. Possuía alguma instrução, disse eu, mas, afora isso, não valia muito. Contei-lhe que trabalhos realizara, ou, pelo menos alguns deles; como jamais me firmava em coisa alguma e como vagava, tentando isso ou aquilo.

O curioso é que ela ficou fascinada ao ouvir todas essas revelações.

— Tão diferente — disse ela, — tão maravilhosamente diferente!

— Diferente de quê?

— De mim.

— Você é uma moça rica? — perguntei.

— Sim — disse ela, — sou uma pobre moça rica.

Falou-me, então, de maneira fragmentária, sobre sua fortuna, seu sufocante conforto, seu tédio, a impossibilidade de escolher amigos e de fazer o que desejava. Olhava, às vezes, para outras pessoas que pareciam divertir-se, ao passo que ela não o fazia. Perdera a mãe ainda criança e o pai tornara a se casar. Em seguida, não muitos anos decorridos, ele também morrera. Ao que percebi, não gostava muito da madrasta. Vivera principalmente nos Estados Unidos, mas fizera frequentes viagens ao estrangeiro.

Ao ouvi-la, parecia-me fantástico que uma jovem, nessa idade e nesta época, pudesse viver tão vigiada e confinada. É verdade que tinha ido a

festas e divertimentos, mas, pela sua maneira de falar, isso parecia haver ocorrido há quinze anos. Nada que se parecesse com intimidade ou prazer! A vida dela diferia da minha como a água do vinho. De certo modo, a descrição era fascinante, mas a mim tudo isso me parecia ridículo.

— Quer dizer que você não tem seus próprios amigos?.— disse eu, incredulamente. — E quanto a amiguinhos?

— Escolhem-nos para mim — disse ela, com amargor..— São profundamente cacetes.

— É como se estivesse numa prisão — disse eu.

— É, assim parece.

— É verdade que não tem mesmo nenhum amigo?

— Agora tenho uma. É Greta.

— Quem é Greta? — perguntei.

— Ela veio, a princípio, como companheira, ou talvez não fosse bem isso. Mas, seja como for, tive uma moça francesa que morou conosco durante um ano para me ensinar francês e depois veio Greta, da Alemanha, para me ensinar alemão. Greta é diferente. Tudo mudou depois de sua vinda.

— Você gosta muito dela? — perguntei.

— Ela me ajuda — disse Ellie. — Toma o meu partido. Providencia para que eu possa fazer certas coisas e ir a certos lugares. Mente para me proteger. Se não fosse Greta, não teria podido afastar-me para ir ao Campo do Cigano. Ela me está fazendo companhia e cuidando de mim em Londres, na ausência de minha madrasta, que se encontra em Paris. Escrevo duas ou três cartas e, se saio para algum lugar, Greta as põe no correio, cada três ou quatro dias, para que sigam com o carimbo de Londres.

— Por que desejou ir ao Campo do Cigano? — perguntei. — Para quê?

Não recebi resposta imediata.

— Greta e eu fizemos os planos — disse. — Ela é maravilhosa — prosseguiu. — Tem imaginação. Dá ideias.

— Que tal é essa Greta? — perguntei.

— Oh! é bonita — disse ela. — Alta e loura. Tem competência para qualquer trabalho.

— Creio que não vou gostar dela — disse eu. Ellie sorriu.

— Gostará, sim. Estou certa de que gostará. Ela é também muito inteligente.

— Não gosto de moças inteligentes — disse eu. — Não me agradam as mulheres altas e louras. Gosto de moças de baixa estatura, cujos cabelos tenham a cor de folhas de outono.

— Creio que você está com ciúmes de Greta.

— Talvez esteja. Você gosta muito dela, não é?

— *É* verdade. Gosto muito. Por causa dela, tudo mudou em minha vida.

— E foi ela quem sugeriu que você fosse lá. Por quê, pergunto eu? Não há muito para ver ou fazer naquelas bandas. Parecem-me bastante misteriosas.

— É um segredo nosso — disse Ellie, com ar de preocupação.

— Seu ou de Greta? Diga-me.

Ela balançou a cabeça — Tenho o direito de possuir meus próprios segredos — disse ela.

— Sabe sua amiga Greta que você se está encontrando comigo?

— Tem conhecimento de meu encontro com alguém. Apenas isso. Ela não me faz perguntas. Sabe que sou feliz.

Depois disso não vi Ellie durante uma semana. A madrasta voltou de Paris, com uma pessoa a quem chamava tio Frank, e explicou, quase de passagem, que ia fazer anos e que lhe estavam organizando uma grande festa em Londres.

— Não poderei ausentar-me — disse ela, — de maneira nenhuma, na próxima semana. Mas, depois, tudo será diferente.

— Por que, depois, será diferente?

— Terei o direito de fazer o que me aprouver.

— Como sempre, graças ao auxílio de Greta? — perguntei.

A minha maneira de falar a respeito de Greta fazia Ellie sorrir. Dizia ela: — Você é tão tolo por estar enciumado! Um dia destes você a conhecerá.

E vai gostar dela.

— Não gosto de moças mandonas — disse eu, obstinadamente.

— Por que a julga mandona?

— Pela maneira de você se referir a ela. Está sempre ocupada em planejar alguma coisa.

— Ela é muito eficiente — disse Ellie. — Planeja tudo muito bem. E por isso que minha madrasta confia tanto nela.

Perguntei-lhe que tal era o tio Frank.

Ela respondeu: — Na verdade, não o conheço muito bem. Era o marido da irmã de meu pai e, portanto, não temos um verdadeiro parentesco. Creio que sempre foi uma pessoa instável e que se meteu em apuros uma ou duas vezes. Você sabe da maneira por que certas pessoas falam dos outros fazendo insinuações.

— Ele não goza de bom conceito na sociedade? — perguntei. — Não

presta?

— Oh! creio que não seja assim tão mau, mas costumava meter-se em enrascadas de natureza financeira, sendo socorrido por fiduciários, advogados e outras pessoas que liquidavam as dívidas.

— Então é isso — disse eu. — Trata-se da ovelha negra da família.

Creio que me daria melhor com ele que com a modelar Greta.

— Quando quer, pode tornar-se muito simpático — disse Ellie. — É uma boa companhia.

— Mas, de fato, você não gosta dele? — perguntei, bruscamente.

— Creio que gosto... Mas, algumas vezes, não sei como explicar, tenho a impressão de que não sei o que está pensando ou planejando.

— Um de nossos planejadores, não é?

— Não sei o que realmente é — repetiu Ellie.

Ela jamais sugeriu que eu conhecesse a família. Perguntei a mim mesmo, algumas vezes, se deveria dizer-lhe alguma coisa a tal respeito, porém não sabia como ela pensava a propósito do assunto. Por fim, formulei diretamente a pergunta: — Olhe, Ellie — disse eu, — você julga que eu deveria conhecer sua família, ou prefere que não o faça?

— Não quero que você os conheça — respondeu, imediatamente.

— Sei que não valho muito... — disse eu.

— Não tome nesse sentido, de modo algum! Quero dizer que fariam uma encrenca. E eu não tolero encrencas.

— Tenho, às vezes, a impressão — disse eu, — de que esta é uma situação furtiva, que me deixa mal. Não lhe parece?

— A idade me permite possuir meus próprios amigos — disse Ellie. — Quase cheguei aos vinte e um anos. Quando atingir essa idade poderei ter os amigos que quiser e ninguém me há de deter. Mas, por enquanto, conforme expliquei, haveria uma terrível encrenca e eles poderiam despachar-me para algum lugar onde não pudesse encontrar-me com você. Por favor, deixe as coisas continuarem como estão.

— Se é isso o que lhe convém, não farei objeções — disse eu. — Apenas não desejava que fosse tudo tão às escondidas.

— Não há nada de clandestino. Tenho somente um amigo com quem trocar ideias; alguém — e ela repentinamente sorriu — com quem posso fazer de conta. Você não sabe como isso é maravilhoso.

Efetivamente, havia muito "fazer de conta" nessa situação. Nossos encontros, cada vez mais, assumiam tal aspecto. Em certos momentos, era eu. Com frequência, era Ellie: "suponhamos que comprássemos o Campo do Cigano e lá construíssemos uma casa".

Falei-lhe muito a respeito de Santonix e das casas que construíra.

Procurei descrever-lhe as casas de que se tratava e a sua maneira de encarar as coisas. Julgo que não foi muito boa a descrição, porque não sou perito no assunto. Ellie, sem dúvida, fazia sua própria ideia da casa — a nossa casa.

Não falávamos em "nossa casa", mas sabíamos que era nisso que pensávamos...

Assim, durante mais de uma semana, não me pude avistar com Ellie.

Levantara todas as economias que possuía — e não eram muitas — e comprei-lhe um pequeno anel de trevo verde feito de certa pedra irlandesa.

Dei-lho como presente de aniversário, o que a fez muito feliz.

— É bonito — disse.

Ela não costumava usar muitas joias, mas, quando o fazia, eu estava certo de serem brilhantes, esmeraldas, ou coisa desse gênero. Apreciou, no entanto, o anel irlandês que lhe dera.

— Será o presente de aniversário de que mais hei de gostar — disse ela.

Recebi depois um bilhete apressado, comunicando que iria viajar com a família para o sul da França, logo após o aniversário.

"Não se preocupe, porém — escreveu; — estaremos de volta dentro de duas ou três semanas, dessa vez a caminho da América. De qualquer forma, então nos encontraremos de novo. Tenho um assunto especial de que lhe quero falar."

Senti-me impaciente e constrangido por não ver Ellie e saber que tinha ido à França. Recebi também algumas notícias a respeito da propriedade Campo do Cigano: esta, ao que parece fora vendida diretamente, mas não havia informações acerca de quem a teria comprado. Apontava-se como compradora uma firma de advogados londrinos. Procurei obter maiores dados, mas não tive êxito. A firma em apreço era muito matreira. Não me aproximei, é claro, dos chefes, mas fiz camaradagem com um dos empregados, de quem só obtive vagas informações. A propriedade tinha sido comprada por um cliente riquíssimo, que pretendia conservá-la como bom investimento, sujeito a valorizar-se quando as terras se desenvolvessem mais naquela zona do país.

É muito difícil descobrir coisas dessa natureza quando se trata com firmas seletas. Tudo se torna um segredo mortal como se fosse MI5, ou coisa desse gênero! Cada qual está sempre representando alguma outra pessoa cujo nome não pode ser mencionado! Aceitar propostas está fora

de cogitação!

Fiquei terrivelmente inquieto. Deixei de pensar em tudo e fui visitar minha mãe.

Não a visitava há bastante tempo.

VI

MINHA MÃE MORAVA NA MESMA casa onde vivera nos últimos vinte anos, numa rua de casas pardacentas, todas altamente respeitáveis e desprovidas de qualquer espécie de beleza ou interesse. O degrau da porta de entrada achava-se, como sempre, inteiramente limpo. A casa tinha o número 46. Apertei o botão da campainha da entrada. Minha mãe abriu a porta e pôs-se a olhar-me. Ela também não havia mudado. Alta e magra, cabelos grisalhos repartidos no centro, boca parecida com uma ratoeira e olhar eternamente desconfiado. Parecia dura como unhas. Mas, no meu entender, existia algo de brandura em algum ponto recôndito de seu ser. Se pudesse evitar, ela não o desvendava, mas verifiquei que existia. Jamais deixou de desejar, sequer por um instante, que eu fosse diferente do que era, mas seus desejos nunca se iriam transformar em realidade. Havia entre nós uma perpétua barreira.

— Oh! — disse ela, — então é você?

— Sim — respondi, — sou eu.

Ela se afastou um pouco para me deixar entrar, passando eu pela sala de estar e dirigindo-me à cozinha. Acompanhou-me e ficou de pé, a me olhar.

— Há quanto tempo! — disse — Que tem feito?

Dei de ombros.

— Diversas coisas — disse eu.

— Ah! — exclamou minha mãe, — como sempre, não é?

— Como sempre — concordei.

— Quantos empregos teve desde quando o vi da última vez?

Pensei um instante — Cinco — disse.

— Gostaria de que amadurecesse.

— Sou inteiramente adulto — respondi. — Escolhi minha maneira de viver. E como vão as coisas para o seu lado? — acrescentei.

— Como de costume — respondeu minha mãe.

— Gozando saúde e tudo mais?

— Não tenho tempo a perder com doenças — respondeu. E, então, disse bruscamente: — Que é que o traz por aqui?

— Teria necessidade de algum motivo especial para vir visitá-la?

— Geralmente você tem.

— Não sei por que você há de desaprovar, com tanta firmeza, as minhas viagens pelo mundo — disse eu.

— Dirigir carros de luxo pelo Continente afora! É essa a sua ideia de conhecer o mundo?

— De certo.

— Você não vai progredir muito dessa forma, abandonando empregos com um dia de aviso, ficando doente e desfazendo-se de clientes em uma cidade distante.

— Como soube disso?

— Recebi um telefonema da companhia. Desejavam saber se conhecia o seu endereço.

— Que queriam comigo?

— Suponho que tencionassem empregá-lo novamente — disse minha mãe. — Não atino por quê.

— Porque sou bom motorista e os clientes gostam de mim. Em qualquer caso, não tenho culpa de ficar doente, tenho?

— Não sei — disse minha mãe.

Em sua opinião, sem dúvida, eu era culpado.

— Por que não se apresentou à companhia ao regressar a Londres?

— Porque tinha outras ideias — disse eu.

Ela ergueu as sobrancelhas — Mais ideias na cabeça? Mais ideias extravagantes? Que trabalhos vem fazendo desde então?

— Bombeamento de petróleo, mecânico em uma garagem, empregado de escritório por algum tempo, lavador de pratos no restaurante de um elegante cabaré...

— E assim, caindo cada vez mais — disse minha mãe, com uma espécie de cruel satisfação.

— De modo algum — respondi. — Tudo isso constitui parte de um plano. Meu plano!

Ela suspirou — Que quer tomar? Chá ou café? Tenho ambos.

Optei pelo café. Desabituei-me de tomar chá. Sentamo-nos, com as xícaras à frente, e ela, tirando da lata um bolo feito em casa, cortou um fatia para cada um de nós.

— Você me parece diferente — disse ela, subitamente. — Que aconteceu?

— Não aconteceu nada. Por que haveria de acontecer?

— Você está nervoso — disse ela.

— Vou roubar um banco — respondi.

Ela não estava disposta a brincar, limitando-se a dizer:

— Não tenho receio de que faça isso.

— Por que não? Nos dias que correm esse parece um bom meio de

enriquecer rapidamente.

— Exigiria trabalho demais — disse ela. — E muito planejamento. Mais esforço mental do que você estaria disposto a realizar e, além disso, não é suficientemente seguro.

— Você julga que me conhece bem, sob todos os aspectos — disse eu.

— Não. Em realidade, não o conheço, porque você e eu somos tão diferentes quanto a água do vinho. Sei, porém, quando tem um problema. E você o tem neste momento. Qual é, Micky. É uma moça?

— Que a leva a pensar que seja uma moça?

— Sempre senti que isso iria acontecer algum dia.

— Que quer dizer com "algum dia". Tive muitas namoradas.

— Não é a isso que me refiro. É o que sempre acontece com um jovem desocupado. Você se tem metido com mulheres, porém até agora não havia levado nenhuma a sério.

— Mas você julga que estou agora levando a sério?

— Trata-se de uma moça, não é Micky?

Não a encarei. Desviei o olhar, dizendo: — De certo modo.

— Que espécie de moça é essa?

— A que me convém — disse.

— Você vai trazê-la para me apresentar?

— Não — disse eu.

— É assim, não é?

— Não. Não é. Não desejo magoá-la, mas...

— Você não me está magoando. Não deseja que eu a conheça para evitar que lhe diga: "Não faça isso". Estou certa?

— Não ligaria se o fizesse.

— É possível que assim fosse, mas isso o abalaria. No intimo, você se inquietaria porque dá importância ao que digo e penso. Há coisas que adivinhei a seu respeito e você bem o sabe. Sou a única pessoa neste mundo capaz de abalar sua confiança em si mesmo. É alguma moça que não preste a que o está dominando?

— Não presta? — disse eu, sorrindo. — Se a conhecesse! Você me faz rir.

— Que deseja de mim? Você quer alguma coisa, como sempre.

— Quero algum dinheiro — disse eu.

— Não serei eu quem lho dará. Para que fim você precisa? Para gastá-lo com essa moça?

—Não — respondi, — é para comprar um terno de primeira ordem para o casamento.

— Você vai casar-se com ela?

— Se ela aceitar.

Esta declaração a impressionou.

— Se, ao menos, você me contasse alguma coisa! — disse ela. — Pelo visto você está profundamente apaixonado. Sempre temi que escolhesse a mulher errada.

— Mulher errada! Com os diabos — gritei. Estava indignado.

Saí da casa, batendo com a porta.

VII

CHEGAR A CASA, esperava-me um telegrama vindo de Antibes. *Encontre-se comigo amanhã dezesseis* e *meia lugar de costume.*

Ellie estava diferente. Reconheci-o imediatamente. Encontramo-nos, como sempre, no Regent's Park e, a princípio, ficamos um tanto esquisitos e embaraçados um com o outro. Tinha alguma coisa a lhe dizer e não sabia bem como fazê-lo. Creio que é assim que se sente qualquer homem quando chega ao ponto de propor casamento.

Ela também se achava em dificuldade por algum motivo. Talvez estivesse pensando na maneira mais gentil e bondosa de me dizer "não".

Toda a confiança que punha na vida se baseava no fato de que Ellie me amava. Mas a sua nova atitude de independência e confiança em si mesma não podia, segundo pensava, decorrer apenas do fato de ficar um ano mais velha. Um aniversário a mais não pode modificar tanto uma moça. Ela me contou um pouco acerca da viagem feita com a família ao sul da França. E então, com certa timidez, disse-me: — Vi lá aquela casa, a de que você me falou, construída pelo seu amigo arquiteto.

— Quem? Santonix?

— Sim. Um dia fomos almoçar lá.

— Como aconteceu isso? Sua madrasta conhece o morador?

— Dmitri Constantin? Não é bem assim. Ela o conheceu, mas foi Greta quem, de fato, tomou as providências para que lá fôssemos.

— Greta, mais uma vez — disse eu, deixando que a exasperação se refletisse em minha voz.

— Já lhe disse — continuou ela, — que Greta tem muito jeito para fazer arranjos dessa ordem.

— Bem, está certo. Foi Greta quem providenciou para a ida de você e sua madrasta...

— E tio Frank — acrescentou ela.

— Uma verdadeira festa de família — disse eu, — e suponho que Greta também.

— Não, Greta não foi, porque... — Ellie hesitou — Cora, minha madrasta, não lhe dá essa confiança.

— Ela não pertence à família, é apenas um parente pobre, não é? — disse eu. — Na verdade, uma simples dama de companhia. Imagino que, às vezes. Greta não goste de ser assim tratada.

— Ela não é dama de companhia, mas uma espécie de companheira.

— Uma acompanhante — disse eu, — guia, anjo da guarda, governante. São vários os sinônimos.

— Ora, fique quieto — disse Ellie, — quero contar-lhe. Compreendo agora o que você me disse a respeito de seu amigo Santonix. A casa é maravilhosa. Não tem nada de comum. Estou certa de que, se construísse uma casa para nós, ela seria maravilhosa.

Essas palavras foram pronunciadas involuntariamente. *Nós,* foi o que disse. Ela tinha ido à Riviera e feito que Greta providenciasse para conhecer a casa por mim descrita, porque desejava ter uma visão mais clara da casa que Santonix, no mundo de nossos sonhos, construiria para nós.

— Agrada-me sua opinião a esse respeito — disse eu. E ela prosseguiu:

— Que tem feito você?

— O mesmo trabalho monótono — disse, acrescentando: — fui a uma corrida de cavalos e apostei algum dinheiro num azar: 30 a 1. Apostei tudo quanto possuía e o cavalo ganhou com grande vantagem. Quem diz que não tenho sorte?

— Fico satisfeita por ter ganho — disse Ellie, sem entusiasmo. Apostar tudo quanto possuía num azar, e o cavalo vencer, nada significava para o mundo em que ela vivia, ao reverso do meu.

— Fui visitar minha mãe — acrescentei.

— Você nunca me falou muito a respeito de sua mãe.

— Por que haveria de fazê-lo? — perguntei.

— Não gosta dela?

Pensei um pouco e respondi: — Não sei. As vezes penso que não. No final das contas, as pessoas amadurecera e superam os pais... mães e pais.

— Creio que você gosta dela — disse Ellie. — Do contrário, não mostraria tanta incerteza quando a ela se refere.

— Em certo sentido, tenho medo dela — disse eu. — Conhece-me bem demais. Refiro-me aos meus pontos fracos.

— Alguém há de conhecê-los — disse Ellie.

— Que quer dizer com isso?

— Um grande escritor, cujo nome não me recordo, já afirmou que ninguém é um herói para seu criado de quarto. Talvez todos devessem ter um criado de quarto. De outra forma, deve ser tão difícil corresponder sempre ao bom conceito em que os outros nos têm.

— Bem, Ellie, você é, sem dúvida, uma moça inteligente — disse eu, — tomando-lhe uma das mãos. — Você sabe tudo a meu respeito? — perguntei.

— Creio que sim — respondeu Ellie, com calma e simplicidade.

— Nunca lhe falei muito a tal respeito.

— Você quer dizer que nunca me disse nada e sempre se mostrou reticente nessa matéria. Isso é outra coisa. Entretanto, sei o que você é, como pessoa.

— Tenho as minhas dúvidas — disse eu, e prossegui: — Seria tolo declarar que a amo. É tarde demais para tanto, não é? Quero dizer que você sabe disso há muito tempo, praticamente desde o começo, não é verdade?

— Sim — disse Ellie, — e também sabe o que sinto por você, não é?

— O problema, agora — disse eu, — é o que vamos fazer. Não será fácil, Ellie. Você sabe bem quem sou e como tenho vivido. Voltei a visitar minha mãe e a pequena rua respeitável e triste onde mora. O meu mundo não se iguala ao seu, Ellie. Receio que não possamos aproximá-los.

— Você poderia levar-me para conhecer sua mãe.

— Poderia, sim — disse eu, — mas prefiro não o fazer, Imagino que isso lhe pareça duro e mesmo cruel, mas teremos que viver juntos uma vida esquisita: não será nem a que vivi, nem a que você viveu. Terá que ser uma vida nova, um meio termo entre minha pobreza e ignorância e seu dinheiro, cultura e meio social. Meus amigos hão de julgar que você está sendo assaltada e os seus que sou socialmente inapresentável. E, assim que vamos fazer?

— Direi precisamente. — disse Ellie — o que vamos fazer. Iremos morar no Campo do Cigano, em uma casa — casa de sonho — que seu amigo Santonix construirá para nós. Eis o que faremos — acrescentou. — Nós nos casaremos primeiro. É o que deseja, não é?

— Sim — respondi, — é o que desejo, se você estiver certa de que lhe convém.

— É muito simples — disse Ellie, — podemos nos casar na próxima semana. Sou maior e agora tenho o direito de fazer o que queira. Isto é o que importa. Talvez você tenha razão quanto aos parentes. Nada direi à minha gente e você nada dirá à sua mãe, antes que tudo esteja consumado. Depois, não importará que se enfureçam.

— Isso é maravilhoso, Ellie, verdadeiramente maravilhoso, mas existe um ponto, que me custa mencionar: não podemos morar no Campo do Cigano. Se construirmos uma casa não há de ser lá porque a propriedade foi vendida.

— Sei que foi vendida — disse Ellie, às gargalhadas. — Você não entende, Mike: fui eu quem a comprou.

VIII

SENTÁVAMOS NA GRAMA, ao lado de um riacho entre flores aquáticas, com pequenos caminhos e degraus de pedra em volta de nós.

Havia muitas outras pessoas sentadas ao redor, mas não lhes demos atenção, porque eram como nós: jovens casais fazendo planos para o futuro. Encarei-a e tornei a encará-la, mas as palavras não me ocorriam.

— Mike — disse ela, — tenho uma coisa para lhe contar; algo a meu respeito.

— Não é necessário — disse eu, — não precisa dizer-me coisa alguma.

— Eu sei, mas tenho que lhe contar. Já o devia ter feito há muito tempo, porém não quis pelo temor de afastá-lo de mim. Mas isso, de certo modo, explica o caso do Campo do Cigano.

— Você o comprou — disse eu. — Mas de que forma?

— Por intermédio de advogados — respondeu ela, — como geralmente se faz. É um bom investimento, sabe? As terras vão valorizar-se e meus advogados se mostram muito satisfeitos.

Era estranho ouvir Ellie, a tímida e suave Ellie, falar com tamanho conhecimento e confiança do mundo de negócios de compra e venda.

— Você a comprou para nós?

— Sim. Procurei um advogado de minha confiança e não o da família. Disse-lhe o que tencionava fazer e o incumbi de examinar o caso e tomar as devidas providências. Havia duas outras pessoas interessadas, porém não tanto que fizessem uma oferta muito atraente. O importante era que as negociações deveriam estar concluídas e os papéis prontos para serem por mim assinados logo que atingisse a maioridade. Está tudo assinado e concluído.

— Mas você deve ter tido que dar um sinal ou fazer um depósito prévio.

Dispunha de dinheiro suficiente para isso?

— Não — disse Ellie, — antes não dispunha de muito dinheiro, mas, é obvio, sempre existem pessoas prontas a adiantá-lo. E se alguém se dirige a um novo escritório de consultores jurídicos, este, para se assegurar da clientela quando o dinheiro lhe vier às mãos, tomará o risco de que venha a morrer antes do aniversário.

— Você possui tamanho senso prático — disse eu, — que me causa espanto.

— Não se preocupe com negócios — disse Ellie, — tenho de voltar ao que lhe estava dizendo. De certa maneira, já o contei, mas creio que você não entendeu bem.

— Não quero saber de nada — disse eu. — Levantei a voz e quase gritei.

— Não me diga nada. Não quero saber o que fez, de quem gostou ou o que lhe aconteceu.

— Não é nada disso — afirmou ela. — Não me apercebi de que era uma coisa desse gênero que você receava. Não tenho segredos de natureza sexual. Não há ninguém a não ser você. O fato é que eu sou... rica.

— Sei disso — repliquei, — você já me contou.

— Sim — disse Ellie, com um leve sorriso, — e foi assim que você me respondeu: "pobre mocinha rica". Mas, em certo sentido, há mais que isso.

Meu avô era riquíssimo: petróleo, principalmente petróleo, e outras coisas.

As esposas a quem dava pensão alimentar estão mortas. Ficamos apenas meu pai e eu, pois morreram os dois outros filhos: um na Coreia e outro em acidente automobilístico. Assim, a fortuna, em sua totalidade, ficou num enorme truste e, com a súbita morte de meu pai, tudo reverteu para mim.

Meu pai já havia assegurado o futuro de minha madrasta, de modo que ela nada mais recebeu. Tudo me pertence. Sou, na realidade, Mike, uma das mulheres mais ricas dos Estados Unidos.

— Meu Deus! — disse eu. — Não sabia... Você tem razão: não sabia que era assim.

— Eu não queria que você soubesse. Não desejava contar-lhe. Foi por isso que me amedrontei ao revelar o meu nome. Fenella Goodman.

Escrevemos assim — G-u-t-e-m-a-n, e, julgando que você pudesse conhecer o nome Guteman, eu o pronunciei como se fosse Goodman.

— É verdade — disse eu, — tinha uma vaga ideia do nome Guteman.

Creio, porém, que, mesmo assim, não o teria reconhecido. Há muita gente que possui nomes parecidos.

— Foi por isso — disse ela, — que me mantive tão reticente, esquiva e reservada. Tive sempre detetives a me vigiarem e os jovens eram investigados antes de poderem sequer falar comigo. Quando adquiria um amigo, eles queriam estar certos de que não era inadequado. Você não sabe como é horrível uma vida de prisioneiro desse gênero! Agora, porém, tudo acabou e se você não se importar...

— É claro que não me importo — disse eu, — e havemos de divertir-

nos a valer. Na verdade — acrescentei, — você não poderia ser rica demais para mim.

Rimos ambos e ela disse: — O que me agrada em você é a naturalidade.

— Aliás — disse eu, — imagino que você pague impostos muito altos sobre seus bens, não é? Eis um dos poucos aspectos vantajosos de ser como eu. Todo o dinheiro que ganho fica no meu bolso e dele ninguém me pode despojar.

— Teremos a nossa casa — disse Ellie, — nossa casa no Campo do Cigano. — Por um instante, ela teve um súbito tremor.

— Você não está sentindo frio, querida — disse eu, vendo o Sol brilhar.

— Não — respondeu.

Fazia muito calor e nos achávamos expostos ao Sol, quase como se fora no sul da França.

— Não — disse Ellie, — pensava apenas naquela mulher, naquela cigana, do outro dia.

— Ora, não pense nela — disse eu, — em qualquer caso, trata-se de uma louca.

— Você não acredita na sinceridade dela quando afirma que uma maldição pesa sobre aquela terra?

— Creio que todos os ciganos são assim, sempre a criar uma cantiga ou uma dança a propósito de maldições ou coisas semelhantes.

— Você conhece bem os ciganos?

— Nada absolutamente sei a respeito deles — respondi, com sinceridade. — Se você não quer o Campo do Cigano, compraremos uma casa em outro lugar. Santonix poderá construir para nós uma casa, igualmente agradável, no cume de uma montanha em Gales, no litoral da Espanha ou numa encosta da Itália.

— Não — disse Ellie, — é lá que eu a quero. Foi onde vi você pela primeira vez, subindo pela estrada, surgindo repentinamente de um canto e parando a olhar-me fixamente. Disso jamais me hei de esquecer.

— Nem eu — disse.

— Assim é lá que há de ser. E é seu amigo Santonix quem a construirá.

— Espero que ainda esteja vivo — disse eu, com angustiosa apreensão.

— Era um homem doente.

— Sei que está vivo — disse Ellie. — Fui visitá-lo.

— Você foi visitá-lo?

— Sim, quando estive no sul da França. Achava-se internado num sanatório local.

— Você, Ellie, parece mais espantosa a cada momento pelas coisas que

faz e trama.

— Achei que era uma pessoa realmente maravilhosa — disse Ellie, — porém bastante assustadora.

— Ele a assustou?

— Sim, por algum motivo, ele me assustou muito.

— Você lhe falou a nosso respeito?

— Sim. Falei-lhe a respeito de nós, do Campo do Cigano e da casa.

Respondeu-me que não podia contar muito com ele, pois era um homem muito doente. Julgava que ainda lhe restaria tempo de vida suficiente para visitar o local, fazer os planos, visualizá-los e de tudo fazer um esboço.

Disse que não se preocuparia muito se morresse antes de acabar a casa, mas eu lhe disse — acrescentou Ellie, — que não podia morrer antes de terminada a casa, pois queria que ele nos visse habitá-la.

— Que resposta deu a isso?

— Perguntou se sabia o que estava fazendo ao me casar com você, e eu respondi que, evidentemente, sabia.

— E depois?

— Declarou que tinha dúvidas sobre se você sabia o que estava fazendo.

— Sei muito bem — disse eu.

— Ele acrescentou: "A senhorita sempre sabe para onde vai, sempre irá para onde quer, por ser o caminho que escolheu. Mike, porém, disse ele, ainda não amadureceu bastante para saber aonde vai." — Respondi — disse Ellie, — que comigo você estaria em perfeita segurança.

A autoconfiança dela era soberba. Eu me irritei com o que Santonix havia dito. Parecia-se com minha mãe, que me conhecia melhor que eu mesmo.

— Sei para onde vou — disse eu. — Vou para onde quero e para lá iremos juntos.

— Já começaram a demolir as ruínas de As Torres — disse Ellie.

Passou, então, a falar com espírito prático.

— Será um trabalho a realizar com urgência, logo que os projetos estejam concluídos. Temos que nos apressar, no dizer de Santonix. Casar-nos-emos na terça-feira — disse Ellie, — é um bom dia da semana.

— Sem a presença de convidados — disse eu.

— Sim, com exceção de Greta — disse Ellie.

— Que vá Greta para o diabo — disse eu, — ela não assistirá ao nosso casamento. Seremos nós dois e mais ninguém. Podemos pegar na rua as

testemunhas.

Relembrando, penso que aquele foi o dia mais feliz de minha vida...

Livro Segundo

IX

E FOI ASSIM QUE ELLIE e eu nos casamos. Parece brusco descrevê-lo dessa forma, mas foi exatamente como as coisas se passaram. Resolvemos casar-nos e nos casamos.

Isso constitui parte de um conjunto, e não o fim de uma novela romântica ou de um conto de fadas: "E assim eles se casaram e viveram felizes para sempre." Afinal de contas não se pode basear um grande drama numa vida de perene ventura. Casamo-nos, fomos felizes e muito tempo se passou até que alguém se interpusesse entre nós, começasse a criar as costumeiras dificuldades e desavenças e chegássemos às nossas próprias conclusões a tal respeito.

Tudo era, de fato, extremamente simples. Em sua ânsia de liberdade, Ellie, até então, se havia protegido com grande habilidade. A prestativa Greta tomara todas as providências necessárias e sempre lhe guardava as costas. E eu não tardei a compreender que não havia ninguém que se interessasse realmente por Ellie e pelo que fazia. Ela possuía uma madrasta absorvida em sua própria vida social e casos amorosos. Se Ellie não desejava acompanhá-la a alguma parte do mundo, não era obrigada a fazê-lo. Estavam à disposição dela adequadas governantes, criadas de quarto e facilidades educacionais, e, se desejasse ir à Europa, por que não? Se decidira passar o vigésimo primeiro aniversário em Londres, por que também não haveria de fazê-lo? Agora, passando a dispor de enorme fortuna, passaram-lhe às mãos as rédeas da família, no concernente à maneira de gastar seu próprio dinheiro. Se queria uma casa de campo na Riviera ou um castelo em Costa Brava, um iate ou coisas dessa natureza, era só mencionar o fato e alguém do séquito que acompanha os milionários tudo lhe poria imediatamente nas mãos.

Greta, segundo percebi, era considerada pela família como admirável lacaia. Competente, capaz de providenciar com a máxima eficiência, sem dúvida subserviente e encantadora para com a madrasta, o tio e uns tantos primos, esquisitos e desocupados. Ellie tinha à sua disposição nada menos de três advogados, pelo que deixou escapar de vez em quando. Estava cercada por uma cadeia financeira de banqueiros, advogados, auxiliares de advogados e administradores de fundos fiduciários. Era um mundo que eu apenas vislumbrava, vez por outra, principalmente pelas coisas que Ellie, descuidadamente, deixava escapar no curso de uma conversa. Naturalmente, não lhe ocorreu que eu não entendesse de tais assuntos.

Crescera em meio a eles, e, obviamente, concluíra que todo mundo estivesse a par deles, de como funcionavam e assim por diante.

Em verdade, os vislumbres das peculiaridades de nossas existências eram, imprevistamente, o que mais nos divertia nos primeiros tempos de nossa vida de casados. Para apresentá-lo rudemente, e eu não o fiz a mim mesmo, pois era esse o único meio de me acomodar à nova vida — os pobres, de fato, não sabem como vivem os ricos e estes não sabem como vivem os pobres, e chegar a entendê-lo torna-se um encanto para ambos.

Disse uma vez, com certo constrangimento:

— Venha cá, Ellie, vai haver uma grande encrenca em torno de tudo isso. quero dizer, de nosso casamento?

Ellie pensou um pouco, segundo percebi, sem grande interesse.

— Não há dúvida — disse ela, — eles vão ser medonhos; — e acrescentou: — espero que você não se preocupe *demasiadamente.*

— Não me preocuparei. Por que o faria? Mas, quanto a você, eles a intimidarão?

— Creio que sim — disse Ellie, — mas não terei necessidade de lhes dar ouvidos. O fato é que *nada* poderão fazer.

— Mas irão tentar, não é?

— Com certeza — disse Ellie. — Vão tentar. — E, depois, pensativamente, acrescentou: — Provavelmente procurarão comprá-lo.

— Comprar-me?

— Não fique tão abalado — disse Ellie, com o feliz sorriso de uma mocinha. — Não será posto exatamente nesses termos. — E acrescentou: —

Já compraram Minnie Thompson.

— Minnie Thompson? É aquela a quem sempre chamam a herdeira do petróleo?

— Sim, é essa mesma. Ela fugiu e se casou com um guarda-vidas em uma praia.

— Olhe, Ellie — disse constrangidamente, — eu fui, em certa época, guarda-vidas em Little Lampton.

— É mesmo? Como deve ser divertido! Em caráter permanente?

— Não, é claro; somente durante um verão.

— Gostaria de que não se preocupasse — disse Ellie.

— Como foi o caso de Minnie Thompson?

— Creio que tiveram de chegar a 200.000 dólares — disse Ellie. — Ele se recusou a aceitar menos que isso. Minnie ficou furiosa e quase enlouqueceu — acrescentou.

— Você me espanta, Ellie — disse eu. — Adquiri, não só uma esposa, como algo que, a qualquer momento, posso trocar por bom dinheiro.

— É isso mesmo — disse Ellie. — Procure um poderoso advogado e diga-lhe que está disposto a fazer negócio. Ele providenciará para o divórcio e a pensão alimentar — disse Ellie, continuando a lição. — Minha madrasta casou-se quatro vezes — acrescentou, — e com isso ganhou muito dinheiro — e, então, concluiu: — Oh! Mike, não fique tão abalado.

O curioso é que fiquei revoltado. Senti uma aversão puritana à corrupção da sociedade moderna, em suas camadas mais ricas. Havia em Ellie algo de moça ingênua, tão simples, tão tocante em sua atitude, que me surpreendi ao verificar quanto era entendida em questões materiais e com quanto se conformava. E, no entanto, sabia que estava certo no conceito que, basicamente, dela formava. Sabia que espécie de pessoa era Ellie: sua simplicidade, afetuosidade e natural doçura. Isso não significava que devesse ignorar as coisas. O que conhecia e aceitava era uma porção, bastante limitada, da humanidade. Pouco sabia acerca de meu mundo, o mundo de luta por empregos, de quadrilhas de corridas de cavalos e narcóticos, os duros e violentos perigos da vida, o tipo de ladrões pretensiosos e bem vestidos, que eu conhecia tão bem por haver vivido no meio deles. Não sabia o que era ter sido educado para ser decente e respeitável, mas estar sempre em dificuldades de dinheiro, tendo uma mãe que trabalha com afinco para ser respeitável, decidida a que o filho tivesse êxito na vida. Cada centavo sovinamente guardado e a amargura ao ver que o filho, alegre e despreocupado, punha fora todas as oportunidades ou jogava tudo numa boa informação, em busca de 3 a 30.

Ellie gostava de ouvir o relato de minha vida tanto quanto a mim me agradava o da vida dela. Estávamos ambos a explorar um terreno estranho.

Recordando-me, vejo como a vida ao lado de Ellie foi maravilhosa nos primeiros tempos. Naquela época, eu aceitava tudo e ela também. Casamo-nos em uma pretoria de Plymouth. Guteman não é nome invulgar.

Repórteres ou quaisquer outras pessoas, ninguém sabia que a herdeira Guteman se encontrava na Inglaterra. Vez por outra, os jornais publicavam vagos tópicos, indicando que se achava na Itália ou num iate. O casamento foi efetuado na pretoria, tendo como testemunhas um funcionário e uma datilógrafa de meia-idade. O juiz pronunciou umas poucas palavras acerca das responsabilidades da vida conjugal e formulou votos de felicidade.

Saímos logo depois, livres e casados. Sr. e Sra. Michael Rogers! Passamos uma semana num hotel à beira mar e, a seguir, fomos para o

estrangeiro.

Foram três esplêndidas semanas, a viajar para onde o capricho nos levava, sem medir despesas.

Estivemos na Grécia, em Florença, em Veneza; repousamos no Lido; daí prosseguimos para a Riviera Francesa e, finalmente, chegamos aos Dolomitas. Já me esqueci da metade dos nomes. Tomamos aviões, fretamos iates ou alugamos grandes e luxuosos carros. E enquanto nos divertíamos, pelo que deduzi das palavras de Ellie, Greta continuava na frente interna fazendo o que lhe competia: viajando por onde queria, remetendo cartas e despachando as diversas cartas que Ellie deixara nas mãos dela.

— Virá, certamente, o dia do ajuste de contas — disse Ellie. — Eles cairão sobre nós como nuvem de abutres. Mas vamos nos divertir até que isso aconteça.

— Que acontecerá a Greta? — perguntei. — Não irão ficar furiosos com ela quando descobrirem?

— Ora, é claro — disse Ellie, — mas Greta não se importara. Ela é forte.

— Isso não a impedirá de conseguir outro emprego?

— Por que haveria ela de procurar outro emprego? — perguntou Ellie. — Virá morar conosco.

— Não! — disse eu.

— Por que diz *não,* Mike?

— Não queremos ninguém morando conosco — disse eu.

— Greta não nos atrapalhará — disse Ellie, — e será muito útil. Em verdade, não sei o que faria sem ela. Quero dizer que é ela quem dirige tudo e toma todas as providências.

Franzi as sobrancelhas. — Isso não me agradaria. Além do mais, queremos nossa própria casa, a casa de nossos sonhos, afinal de contas. Ellie, nós a queremos só para nós.

— Sim — disse Ellie, — sei o que quer dizer. Mas, ao mesmo tempo... — houve um momento de hesitação. — Refiro-me a que seria muito duro para Greta não ter onde morar. Afinal de contas, ela esteve junto a mim e fez tudo por mim durante quatro anos. E veja como me ajudou em nosso casamento e em tudo mais.

— Não quero que se imiscua conosco todo o tempo!

— Ela, porém, não é, de modo algum, desse tipo, Mike. Você ainda não a conhece.

— Não. Bem sei que não a conheço, mas isso nada tem que ver com gostar ou deixar de gostar dela. Queremos ficar a sós, Ellie.

— Meu querido Mike — disse Ellie, com suavidade. Não tornamos a

tratar do assunto naquele momento. No curso de nossas viagens, encontramo-nos com Santonix. Foi na Grécia. Ele estava numa pequena cabana de pescadores. Espantou-me sua aparência doentia, muito pior do que quando o vira há um ano. Recebeu com grande cordialidade tanto a Ellie, como a mim.

— Então vocês o fizeram, vocês dois — disse ele.

— Sim — respondeu Ellie, — e agora nossa casa vai ser construída, não é?

— Já estão prontos os planos e projetos — disse ele, dirigindo-se a mim.

— Ela já lhe deve ter contado como se aproximou de mim, me dobrou e me deu ordens — disse, usando pensadamente esta última palavra.

— Ordens, não! — disse Ellie. — Apenas procurei convencê-lo.

— Sabe que já compramos a propriedade?

— Ellie me informou por telegrama. Enviou-me dezenas de fotografias.

— Claro está que terá de ver antes a propriedade — disse Ellie. — Pode não gostar do local.

— Gosto, sim.

— Não pode saber ao certo antes de o examinar pessoalmente.

— Já o vi, menina. Fui lá de avião. Encontrei-me lá com um de seus enérgicos advogados... o inglês.

— O Sr. Crawford?

— É esse mesmo. Na verdade os trabalhos já foram iniciados: limpeza do terreno, remoção dos escombros da velha casa, fundações, drenagem.

E nos veremos em Londres quando regressarem — a seguir, ele nos apresentou as plantas e nós nos pusemos a discutir e contemplar nossa futura casa. Vimos até um esboço em aquarela, bem como a planta alta e os projetos.

— Você está gostando, Mike? Respirei profundamente.

— Sim — disse eu, — é isso mesmo. Exatamente isso.

— Você falava tanto da casa, Mike! Quando me punha a imaginar, pensava que ficara enfeitiçado por aquele pedaço de terra. Você estava caído de amores por uma casa que talvez jamais viesse a possuir, ou ver, e que poderia nem sequer ser construída.

— Mas agora ela vai ser construída — disse Ellie, — não é mesmo?

— Se Deus ou o diabo o permitirem — disse Santonix. — Não depende de mim.

— Não se está sentindo... um pouco melhor? — perguntei, em tom de dúvida.

— Ponha isso em sua cabeça dura: não vou melhorar jamais. Isso está

escrito.

— Tolice! — exclamei. — Novos meios de cura estão sendo descobertos todos os dias. Os médicos são uns brutos lúgubres. Predizem que as pessoas dentro em breve vão morrer e, apesar disso, elas se recuperam e vivem cinquenta anos mais.

— Admiro seu otimismo, Mike, mas a moléstia que tenho não é dessa espécie. Levam-me para um hospital, dão-me uma transfusão de sangue e saio com pequena margem de vida, ganhando um curto período de tempo. E a cada repetição vou ficando mais fraco.

— Você é corajoso — disse Ellie.

— Não, não sou corajoso. Não há bravura diante do inevitável. A única coisa a fazer é buscar consolo.

— Construindo casas?

— Não, não é isso. Com a constante diminuição de vitalidade, a construção de casas se torna difícil, em vez de mais fácil. As forças começam a decair. Mas existem consolos. E, às vezes, muito curiosos.

— Não o compreendo — disse eu.

— Você não entenderia, Mike. Não sei mesmo se Ellie poderia entender. Talvez — e Santonix prosseguiu, falando, não tanto conosco, como consigo mesmo. — Duas coisas caminham juntas, lado a lado: fraqueza e fortaleza, a fraqueza da vitalidade decrescente e o poder da fortaleza frustrada. Não importa, na verdade, o que agora faça. Vou morrer, de qualquer maneira. Assim, posso fazer tudo quanto queira. Não há nada que me detenha, nada que me impeça. Poderia caminhar pelas ruas de Atenas atirando em qualquer homem ou mulher cuja cara não me agradasse. Pensem nisso.

— Em todo caso, você poderia ser preso pela polícia — observei.

— Claro que sim. Mas que poderia ela fazer? No máximo, tirar-me a vida. Pois bem: essa vida vai ser tirada dentro em pouco por um poder maior que o da lei. Que mais poderiam fazer? Mandar-me para a prisão por vinte ou trinta anos para cumprir a pena: seis meses, um ano, dezoito meses no máximo. Não há coisa alguma que alguém possa fazer contra mim. Assim, no tempo que me resta, sou um rei. Posso fazer o que quiser. Às vezes, essa ideia se torna sedutora. O caso, porém, é que a tentação não é grande por não existir nada particularmente exótico ou ilegal que eu deseje fazer.

Quando nos separamos de Santonix, na viagem de automóvel para Atenas, Ellie me disse:

— É uma pessoa muito esquisita. Sabe que, às vezes, ele me assusta?

— Tem medo de Rudolf Santonix, por quê?

— Porque não é como as outras pessoas e porque, não sei, há nele algo de rude e arrogante. Creio que, na realidade, procurava dizer-nos que a certeza da morte próxima lhe exacerbava a arrogância. Suponhamos — disse Ellie, olhando vivamente para mim, com fisionomia quase extasiada e emocionada, — suponhamos que ele construa o nosso encantador castelo, a nossa bela casa à beira do rochedo, no meio do pinheiral; suponhamos que lá viéssemos a morar, e ele, dos degraus da porta de entrada, nos desse as boas-vindas, e então...

— O que, Ellie?

— Então, suponhamos que ele nos seguisse, fechasse a porta e nos matasse no limiar, cortando-nos o pescoço ou coisa assim.

— Você me assusta, Ellie. A sua imaginação!

— O mal entre mim e você, Mike, é que não vivemos em mundo real. Sonhamos com coisas fantásticas, que provavelmente jamais acontecerão.

— Não se preocupe com tragédias relacionadas com o Campo do Cigano.

— Suponho que sejam o nome e a maldição que pesa sobre ele.

— Não existe maldição alguma — gritei. — Tudo não passa de tolice. Esqueça-a.

Isso se passou na Grécia.

X

CREIO QUE FOI NO DIA seguinte. Estávamos em Atenas. Subitamente, nos degraus da Acrópole, Ellie se encontrou com pessoas que conhecia.

Tinham vindo a terra no curso de um cruzeiro helênico. Separou-se do grupo uma mulher, de cerca de trinta e cinco anos, e desceu rapidamente os degraus em direção a Ellie, exclamando: — Que surpresa! É mesmo você, Ellie Guteman? Bem, que está fazendo por aqui? Não poderia imaginar. Está fazendo excursão?

— Não — disse Ellie, — somente vim aqui.

— Que coisa! Mas é um prazer encontrá-la. Como vai Cora? Está aqui?

— Não. Julgo que esteja em Salzburg.

— Bem! — enquanto a mulher olhava para mim, Ellie, calmamente, disse: — Quero apresentar-lhe o Sr. Rogers. Esta é a Sra. Bennington.

— Muito prazer em conhecê-lo. Quanto tempo vai ficar por aqui?

— Vou-me embora amanhã — disse Ellie.

— Deus meu! Que coisa! Perder-me-ia do meu grupo se não me apressasse e não quero perder uma só palavra das explicações e das descrições. Como sabe, eles apressam um pouco os excursionistas. Fico morrendo de cansaço ao fim do dia. Seria possível encontrarmo-nos para tomar uma bebida?

— Hoje não — disse Ellie, — vamos fazer uma excursão. A Sra. Bennington apressou-se para se juntar ao grupo.

Ellie, que comigo subia os degraus da Acrópole, deu uma volta e desceu.

— Isso resolve o problema, não é? — disse-me ela.

— Resolve o quê?

Ellie demorou um instante a responder e depois, com um suspiro, disse: — Tenho que escrever hoje à noite.

— Escrever a quem?

— Ora essa! A Cora, possivelmente ao tio Frank e ao tio Andrew.

— Quem é o tio Andrew? Este é novo para mim.

— Andrew Lippincott. Não é meu tio verdadeiro. É meu principal tutor, fiduciário ou que outro nome tenha. É advogado, e de grande reputação.

— Que pretende dizer?

— Vou informá-los de que estou casada. Não poderia dizer bruscamente a Nora Bennington: "quero apresentar-lhe meu marido". Haveria gritos terríveis, exclamações e perguntas: "Não sabia que se tinha casado! Conte-me tudo querida", etc. etc. etc. É natural que minha

madrasta, tio Frank e tio Andrew sejam os primeiros a saber — ela suspirou.

— Seja como for, até agora tivemos momentos encantadores.

— Que dirão ou farão eles? — perguntei.

— Vão fazer onda, suponho — disse Ellie, de maneira plácida. — Pouco importa o que façam, e eles têm juízo suficiente para sabê-lo. Imagino que se tornará necessária uma conferência. Poderíamos ir a Nova York. Você gostaria disso? — ela olhou para mim, com um ar interrogativo.

— Não — disse eu, — não gostaria nada.

— Nesse caso, eles provavelmente virão a Londres, ou, ao menos, alguns deles. Não sei se você preferiria assim.

— Não gostaria de nada disso. Quero ficar junto a você para ver nossa casa subir, tijolo por tijolo, logo que Santonix chegue lá.

— Nada nos impede — disse Ellie. — Afinal de contas as reuniões de família não duram muito. Possivelmente uma grande briga resolverá tudo. Vamos acabar com tudo isso de uma vez: ou voaremos para lá ou eles voarão para cá.

— Pensei que você me havia dito que sua madrasta estava em Salzburg.

— Ora! Disse por dizer. Pareceria esquisito que eu não soubesse onde ela se encontrava. Sim — disse Ellie, com um suspiro, — vamos para o nosso país e nos encontraremos com todos eles. Espero, Mike, que você não se aborreça muito.

— Aborreça com quê? Com sua família?

— Sim. Não se aborreça se eles o tratarem rudemente.

— Suponho que seja esse o preço a pagar por me ter casado com você — disse. — Eu aturarei.

— É o caso também de sua mãe — disse Ellie, atenciosamente.

— Pelo amor de Deus, Ellie, você não vai organizar uma reunião entre sua madrasta, com suas rendas e babados, e minha mãe, de poucas posses.

Que teria uma para dizer à outra?

— Se Cora fosse minha verdadeira mãe poderiam ter muito a dizer uma à outra — disse Ellie. — Desejaria, Mike, que você não estivesse tão obcecado com a distinção de classes!

— Eu! — disse, com incredulidade. — Não é essa a frase americana: venho do lado errado dos trilhos.

— Você não deseja escrevê-la num cartaz e colocá-lo nas costas.

— Não sei que roupas se devem usar — disse eu amargamente. — Não conheço a maneira correta de falar e, na verdade, nada sei a respeito de

quadros, arte ou música. Só agora estou aprendendo a quem devo dar gorjetas e quanto.

— Não lhe parece, Mike, que isso torna tudo mais interessante para você? Creio que sim.

— Seja como for — disse eu, — você não vai arrastar minha mãe à reunião de sua família.

— Não estava propondo arrastar ninguém para lugar algum, mas penso, Mike, que eu deveria visitar sua mãe quando voltarmos a Londres.

— Não — disse eu, explosivamente. Ela olhou para mim muito espantada.

— E, no entanto, Mike, por que não? Afora tudo mais, julgo que seria muito impolido deixar de fazê-lo. Você já contou à sua mãe que nos casamos?

— Ainda não.

— Por que não? Deixei de responder.

— Não é o caminho mais simples dizer-lhe que estamos casados e levar-me para conhecê-la quando voltarmos à Inglaterra?

— Não — repeti. — Não fui tão explosivo desta vez, porém ainda bastante enfático.

— Você não quer que me encontre com ela — disse Ellie, vagarosamente.

É claro que não queria. Suponho que era óbvio, mas tornava-se-me impossível explicá-lo. Não sabia como fazer.

— Não seria prudente — disse, vagarosamente. — Você tem que compreender. Estou certo de que causaria complicações.

— Julga que ela não gostaria de mim.

— Ninguém pode deixar de gostar de você, mas... não sei como explicá-lo. Ela poderia ficar perturbada e confusa. Afinal de contas, casei-me fora de minha condição social. Esta é a expressão antiga. Ela não gostaria disso.

Ellie abanou ligeiramente a cabeça.

— Haverá alguém que ainda pense desta maneira hoje em dia?

— Claro que há. E também no seu país.

— Sim — disse ela, — de certo modo, é verdade, mas lá, se uma pessoa consegue êxito.

— Quer dizer, se um homem ganha muito dinheiro.

— Bem, não é só dinheiro.

— Sim — disse eu. — É uma questão de dinheiro. Se um homem faz fortuna, é admirado e procurado, pouco importa onde haja nascido.

— Bem, isso acontece em toda parte — disse Ellie.

— Por favor, Ellie — disse eu. — Não vá visitar minha mãe.

— Continuo a pensar que é uma crueldade.

— Não é, não. Não lhe seria possível deixar que eu decidisse acerca do que julgo melhor para minha própria mãe? Ela ficaria transtornada. Garanto que ficaria.

— Mas você terá de lhe dizer que se casou.

— Pois bem — disse — eu o farei.

Ocorreu-me que seria mais fácil escrever, do estrangeiro, à minha mãe.

Naquela noite, enquanto Ellie estava escrevendo ao tio Andrew, ao tio Frank e à madrasta Cora van Stuyvesant, eu também escrevia a minha carta, aliás muito lacônica.

"Querida Mamãe — escrevi — Deveria ter-lhe dito antes mas julguei-o um tanto embaraçoso. Casei-me há três semanas. Aconteceu repentinamente.

É uma bonita moça e muito meiga. Tem muito dinheiro, o que, às vezes, cria dificuldades. Vamos fazer construir, no interior, uma casa para nós. Estamos neste momento em viagem pela Europa. Votos de felicidade do seu Mike."

O resultado de nossa correspondência noturna foi um tanto variado. Só depois de uma semana minha mãe me escreveu uma carta, tipicamente sua:

"Caro Mike. Tive o prazer de receber sua carta. Espero que seja muito feliz. Sua afetuosa mãe."

Como Ellie havia profetizado, houve mais barulho do lado dela.

Mexemos numa verdadeira casa de marimbondos. Ficamos cercados de repórteres, à cata de notícias acerca de nosso romântico casamento, apareceram artigos nos jornais a respeito da herdeira Guteman e sua evasão romântica, receberam-se cartas de banqueiros e advogados. E finalmente, organizaram-se reuniões formais. Encontramo-nos com Santonix no Campo do Cigano, ali examinamos os projetos, tratamos de assuntos com eles relacionados e, depois de deixar tudo em andamento, voltamos a Londres, tomamos um apartamento no Claridge e, como se dizia nos livros antigos, preparamo-nos para receber a cavalaria.

O primeiro a chegar foi o Sr. Andrew P. Lippincott. Era um homem idoso, seco e preciso, alto e magro, e de boas maneiras. Nascera em Boston e, pelo sotaque, não teria percebido que era americano. Conforme combinação por telefone, ele nos procurou, às 12 horas, em nosso apartamento. Notei que Ellie estava nervosa, embora o ocultasse muito

bem.

O Sr. Lippincott beijou Ellie e me estendeu a mão, com amável sorriso.

— Bem, minha cara Ellie, você está com ótima aparência. Diria que viçosa.

— Como tem passado, tio Andrew? Como veio? De avião?

— Não, fiz uma travessia muito agradável pelo *Queen Mary.* É este o seu marido?

— Sim, este é o Mike.

Fui cortês ou, ao menos, achei que o tivesse sido — Como tem passado o senhor? — perguntei. E prossegui, indagando se desejava tomar um trago, o que ele delicadamente recusou. Sentado numa poltrona de encosto reto, passou a olhar, ainda sorridente, para Ellie e para mim.

— Bem — disse ele, — vocês, meus jovens, vêm nos sobressaltando. Tudo muito romântico, não é?

— Lamento — disse Ellie, — deveras lamento.

— É verdade? — disse o Sr. Lippincott, secamente.

— Julguei que fosse a melhor maneira — disse Ellie.

— Nesse ponto não compartilho inteiramente de sua opinião, minha querida.

— Tio Andrew — disse Ellie, — você sabe muito bem que se tivesse procedido de outro modo haveria um tremendo barulho.

— Por que teria havido tal barulho?

— Sabe como eles são — disse Ellie. — E você também, — acrescentou em tom acusador, acrescentando: — Recebi duas cartas de Cora, uma ontem e outra hoje, pela manhã.

— Você deve dar o desconto por uma certa dose de agitação, minha querida. É mais que natural, diante das circunstâncias, não acha?

— Só a mim interessa com quem me caso, de que maneira e em que lugar.

— É o que você pensa, mas há de verificar que as mulheres de qualquer família raramente hão de concordar com você nesse ponto.

— Na realidade, poupei a todos muitos dissabores.

— Este é o seu modo de ver.

— Mas é verdade, não?

— Você praticou uma série de dissimulações, ajudada por alguém que não deveria fazer o que fez...

Ellie enrubesceu.

— Você se refere a Greta? Ela se limitou a fazer o que lhe pedi. Estão todos muito zangados com ela?

— Naturalmente. Nem ela, nem você, poderiam esperar outra coisa, não é? Não se esqueça de que ela ocupava uma posição de confiança.

— Sou maior. Não tenho de dar satisfações a ninguém.

— Eu estou me referindo ao tempo anterior à maioridade. Foi então que começaram as dissimulações, não é verdade?

— O senhor não deve culpar Ellie — disse eu. — Para começar eu não estava a par do que se passava e, uma vez que todos os parentes se encontravam no estrangeiro, não me seria fácil pôr-me em contato com eles.

— Entendo perfeitamente — disse o Sr. Lippincott, — que Greta pós no correio certas cartas, deu certas informações à Sra. Van Stuyvesant e a mim a pedido de Ellie e, fazendo-o, procedeu com grande habilidade. Michael, você conhece Greta? Creio que posso chamá-lo Michael, já que é o marido de Ellie.

— De certo — disse eu, — chame-me Michael. Nunca me encontrei com a Senhorita Anderson...

— De fato? Isso me parece surpreendente — ele me encarou pensativamente, durante bastante tempo. — Julguei que ela tivesse estado presente à cerimônia do casamento.

— Não, Greta não estava lá — disse Ellie, olhando para mim com ar de censura, e eu, embaraçado, desviei dela o olhar.

O olhar pensativo do Sr. Lippincott ainda se dirigia para mim. Senti-me inconfortável. Ele me deu a impressão de que estava para dizer alguma coisa e tinha desistido.

— Receio — disse ele, após alguns instantes, — que vocês dois, Michael e Ellie, terão que suportar uma série de censuras e críticas da parte da família de Ellie.

— Imagino que todos se voltarão contra mim — disse Ellie.

— Provavelmente — disse o Sr. Lippincott. — Tentei preparar o terreno — acrescentou.

— Você está do nosso lado, tio Andrew? — perguntou Ellie, com um sorriso.

— Você não deveria pedir a um advogado prudente que chegasse a tanto. Aprendi que, na vida, é prudente aceitar o que é um fato consumado. Vocês se apaixonaram um pelo outro, casaram-se e, pelo que você, Ellie, me disse, compraram uma propriedade no sul da Inglaterra, onde já começaram a construir uma casa. Pretende portanto morar neste país?

— Desejamos aqui estabelecer o nosso lar. Tem alguma objeção a que o façamos? — perguntei, com um laivo de cólera na voz. — Ellie casou-se

comigo e se tornou assim súbita britânica. Por que não haveríamos de morar na Inglaterra?

— Não há motivo algum. De fato, nada obsta a que Fenella resida em qualquer país de sua escolha ou que possua bens em mais de um país. Lembre-se, Ellie, de que a casa de Nassau lhe pertence.

— Sempre julguei que fosse de Cora. Ela sempre se portou como tal.

— Entretanto, o direito de propriedade é seu. Você possui também uma casa em Long Island, que poderá visitar quando lhe aprouver. É igualmente dona de muitos campos petrolíferos no Oeste — a despeito de seu tom amável e agradável, tive a impressão de que tais palavras a mim se dirigiam, de alguma forma curiosa. Estaria procurando criar uma barreira entre mim e Ellie? Não tinha certeza. Não me pareceu muito sensato insistir perante um homem em que a mulher dele possuía bens em toda parte do mundo e era fabulosamente rica. Julgaria, ao contrário, que ele devesse depreciar os direitos de propriedade de Ellie, sua fortuna e tudo quanto a isso se referisse.

Se eu fosse um caçador de dotes, como, obviamente, ele pensava, isso jogaria mais lenha na fogueira. Percebi, no entanto, que o Sr. Lippincott era um homem sutil. Seria sempre difícil saber a que estava visando, o que tinha em mira por trás de suas maneiras plácidas e agradáveis. Estaria ele, a seu modo, a criar para mim uma situação inconfortável, fazer-me sentir que ia ser rotulado, quase publicamente, como caçador de dotes? Ele disse a Ellie: — Trouxe comigo, Ellie, um certo número de documentos que, juntos, teremos de examinar. Em muitos deles necessito de sua assinatura.

— Sim, é claro, tio Andrew, a qualquer momento.

— Como diz, a qualquer momento. Não há pressa. Tenho outros negócios na Inglaterra e aqui ficarei cerca de dez dias.

Dez dias, pensei eu. É muito tempo. Preferia que o Sr. Lippincott aqui não permanecesse dez dias. Parecia bastante cordial para comigo, embora, como se poderia dizer, indicasse que não formara juízo sobre certos assuntos. Naquele instante, porém, cheguei a pensar que talvez fosse meu inimigo. Se o fosse, não era homem de descobrir o jogo.

— Bem — prosseguiu, — agora que todos nos conhecemos e, por assim dizer, chegamos a um entendimento em relação ao futuro, desejaria uma curta entrevista com este seu marido.

Disse Ellie: — Não há nada que o impeça de falar na minha presença — ela estava furiosa e eu lhe segurei o braço.

— Não se inflame, querida; você não é uma galinha a proteger os pintos — eu a conduzi, meigamente, até a porta que dava para o quarto de

dormir.

— O tio Andrew deseja formar juízo a meu respeito — disse eu. — Está no seu direito.

Empurrei-a delicadamente através das portas duplas. Fechei-as ambas e voltei à sala de estar. Era uma sala grande e bem mobiliada. Sentei-me em frente ao Sr. Lippincott — Estou pronto — disse, — pode começar.

— Obrigado, Michael — disse ele. — Quero assegurar-lhe, em primeiro lugar, que não sou de maneira alguma seu inimigo, como pode estar pensando.

— Bem — disse eu, — tenho prazer em saber disso. — Não parecia muito convencido a esse propósito.

— Deixe-me falar com franqueza — disse o Sr. Lippincott, — com mais franqueza que poderia ter diante daquela querida criança, de quem sou tutor e muito amigo. Você talvez ainda não o haja percebido inteiramente, Michael, mas Ellie é uma moça extremamente meiga e adorável.

— Não se preocupe. Estou realmente apaixonado por ela.

— Isso não basta — disse o Sr. Lippincott, com sua peculiar secura. — Espero que, além de estar apaixonado, você também compreenda que pessoa bondosa e, sob certos aspectos, vulnerável, ela realmente é.

— Procurarei — disse eu. — Creio que não vai ser muito difícil. Ellie é uma pessoa excelente.

— Então, vou continuar aquilo que estava para dizer. Porei as cartas na mesa, com a máxima franqueza. Você não é a espécie de jovem com quem desejaria ver Ellie casada. Eu, como toda a família, gostaríamos de que ela se casasse com alguém de seu meio, de sua posição social.

— Em outras palavras, um grã-fino — disse eu.

— Não, não é só isso. Julgo que uma posição social semelhante é desejável como base do matrimônio. E veja que não me estou referindo a uma atitude esnobe. Afinal de contas Herman Guteman, o avô dela, começou a vida como estivador e acabou por se tornar um dos homens mais ricos dos Estados Unidos.

— Nesse caso, o mesmo poderia passar-se comigo — disse eu. — Poderia tornar-me o homem mais rico da Inglaterra.

— Tudo é possível — disse o Sr. Lippincott. — Você tem ambições nesse sentido?

— Não se trata apenas de dinheiro — disse eu. — Gostaria de ser alguém, realizar alguma coisa e... — nesse ponto, hesitei e parei.

— Digamos que você tem ambições. Isso é, por certo, muito bom.

— Estou começando com grande desvantagem — disse eu, — partindo

da estaca zero. Não sou nada ou ninguém, e não finjo ser.

Ele inclinou a cabeça, em sinal de assentimento.

— Maneira franca e nobre de se expressar, que eu muito apreciei. Agora, Michael, não sou parente de Ellie, mas tenho atuado como seu tutor e administrador de seus negócios, nomeado pelo avô, e, portanto, administro-lhe a fortuna e os investimentos. Assim, assumo certas responsabilidades a tal respeito e desejo saber tudo quanto possa em relação ao marido que escolheu.

— Pois bem — disse eu, — presumo que possa efetuar sobre mim as investigações que quiser e apurar facilmente o que entender.

— Lá isso é verdade — disse o Sr. Lippincott. — Essa constituiria uma das maneiras de fazê-lo e uma prudente precaução a tomar. De fato, porém, Michael, eu gostaria de ouvir de seus próprios lábios tudo quanto possa em relação a você. Gostaria de que você mesmo me contasse a história de sua vida até agora.

Evidentemente, isso não me agradou. Creio que ele não tinha ilusões a respeito. Está no íntimo de todas as pessoas apresentarem-se sob o melhor aspecto. Fiz questão disso na escola e depois dela, basofiando um pouco, desviando-me um tanto da verdade. Não me sentia envergonhado. Creio que é natural. E o que cabe fazer para progredir na vida: apresentar-se sob bom aspecto. Os outros aceitam as pessoas pela avaliação que estas fazem delas próprias e eu não queria ser como aquele personagem de Dickens, de quem se ouve na televisão, e que constitui, em si mesmo, uma boa lorota. O nome dele era qualquer coisa parecida com Uriah e estava sempre a planejar e tramar por detrás de sua humildade. Não queria ser como ele.

Estava sempre disposto a me gabar um pouco com quem me encontrava ou apresentar-me bem diante de um possível empregador. Afinal de contas, todos têm o seu lado bom e mau; não há vantagem em mostrar o pior e nele insistir. Não; até então, tivera êxito em descrever da melhor maneira as minhas atividades. Não imaginei, porém, fazer a mesma coisa com o Sr. Lippincott. Ele, de certo modo, descartava a ideia de investigações particulares a meu respeito, mas apesar de tudo, não estava certo de que não viesse realizá-las. Assim, contei-lhe, como se poderia dizer, a verdade nua e crua.

Referi-me à miséria de minha infância, ao fato de que meu pai era bêbado, mas tivera uma boa mãe, que se escravizara bastante para ajudar a me instruir. Não fiz segredo de que sempre fora uma pessoa instável, não esquentando emprego. Ele era um bom ouvinte, animador, se assim me

faço entender. De vez em quando, porém, percebi o quanto tinha de perspicaz: só pelas pequenas perguntas que encaixava, certos comentários, que, desprevenido, poderia precipitar-me a confessar ou negar.

Sim, tive a sensação de que deveria ser cauteloso e ficar alerta. E, dez minutos após, senti-me feliz quando ele se recostou na cadeira e pareceu terminada a inquirição, se assim se quisesse chamá-la, embora de todo não o fosse.

— É aventurosa a sua atitude em relação à vida, Sr. Rogers, quero dizer, Michael. Não há nada de mal nisso. Fale-me um pouco mais dessa casa, que você e Ellie estão construindo.

— Bem — disse eu, — não fica muito distante de uma cidade chamada Markett Chadwell.

— Sim — disse ele. — sei exatamente onde fica. Para dizer a verdade fui vê-la. Ontem, para ser preciso.

Fiquei um pouco admirado. Isso mostrava que se tratava de um sujeito tortuoso, capaz de fazer mais do que parecia.

— É lindo aquele lugar — disse eu, colocando-me na defensiva — e a casa que estamos construindo vai ficar bem bonita. O arquiteto é um camarada que se chama Santonix, Rudolf Santonix. Não sei se já ouviu falar nele, mas...

— Ouvi, sim — disse o Sr. Lippincott, — é nome muito conhecido entre os arquitetos.

— Creio que ainda não fez trabalho algum nos Estados Unidos.

— Trata-se de arquiteto de grande futuro e talento. Infelizmente, segundo sei, não goza de boa saúde.

— Considera-se um homem morto — disse eu, — porém não acredito.

Penso que vai recuperar a saúde. Esses médicos fazem cada afirmativa!

— Espero que seu otimismo seja justificado. Você é mesmo um otimista.

— Sou, em se tratando de Santonix.

— Espero que seu desejo se realize. Devo dizer-lhe que vocês fizeram excelente negócio na compra daquela propriedade.

Pareceu-me muito gentil da parte daquele homem idoso usar o pronome

"vocês". — Eu vinha insistindo em que Ellie tinha efetuado a compra sozinha.

— Tive uma conferência com o Sr. Crawford...

— Crawford? — franzi, ligeiramente, as sobrancelhas.

— O Sr. Crawford, do escritório de advogados ingleses Reece &

Crawford. Foi ele o sócio da firma que efetuou a compra. É um bom escritório de advogados e, segundo apurei, a propriedade foi adquirida por preço baixo. Pus-me a matutar quanto a isso. Estou a par dos preços atuais de terrenos neste país e fiquei perplexo, em busca de uma explicação. Creio que o Sr. Crawford também se surpreendeu ao adquirir a propriedade tão barato. Perguntei a mim mesmo se você tinha conhecimento do motivo determinante de um preço tão baixo. O Sr. Crawford não expressou qualquer opinião a tal respeito. Notei mesmo o embaraço dele diante da minha indagação.

— Ora essa — disse eu, — pesa sobre ela uma maldição.

— Repita, por favor Michael. Que foi que disse?

— Uma maldição, senhor — expliquei. — Advertência de cigano ou coisa desse gênero. É conhecida no local como Campo do Cigano.

— Oh! Uma lenda?

— Sim. É bastante confusa e não sei o que existe de verdade ou de imaginação do povo. Há muito, lã ocorreu um homicídio ou coisa parecida: um homem, a mulher dele e outro homem. Conta-se que o marido matou os dois e depois se suicidou. Foi, pelo menos, o que se apurou. Correm, no entanto, outras versões. Creio que ninguém sabe, ao certo, o que aconteceu.

A propriedade, desde então, mudou de dono quatro ou cinco vezes, mas ninguém ali permaneceu muito tempo.

— Ah! — disse o Sr. Lippincott, — um interessante folclore inglês —

ele me encarou com ar de curiosidade. — E quanto a você e Ellie, não têm medo da maldição? — fez a pergunta naturalmente, com ligeiro sorriso.

— Claro que não — respondi. — Nem Ellie nem eu iríamos acreditar numa bobagem dessas. Na verdade, tivemos sorte, pois assim adquirimos a propriedade tão barato — ao dizer isso, uma ideia subitamente me ocorreu.

Foi sorte, em certo sentido, mas pensei que com todo o dinheiro, bens e outras posses de Ellie, não importava muito a ela comprar uma propriedade a preço alto ou baixo. Rejeitei, porém, essa ideia. Afinal de contas, ela tivera um avô que de estivador havia passado a milionário. Uma pessoa dessa espécie sempre deseja comprar barato e vender caro.

— Bem, não sou supersticioso — disse o Sr. Lippincott, — e o panorama visto daquela propriedade é simplesmente magnífico — após uma certa hesitação, continuou: — Minha única esperança é que, quando vocês se mudarem para a casa a fim de nela morar, Ellie não ouça muitas

dessas lendas que estão correndo.

— Evitarei o mais que puder — disse eu. — Creio que ninguém lhe dirá coisa alguma.

— A gente das pequenas aldeias do interior gosta de repetir histórias dessa natureza — disse o Sr. Lippincott. — E lembre-se, Michael, de que Ellie não é tão forte como você. Deixa-se influenciar com facilidade, embora apenas sob certos aspectos, e isso me leva... — não concluiu o que estava para dizer. Bateu com o dedo na mesa. — Vou falar-lhe agora de um assunto algo difícil. Você acaba de me dizer que nunca foi apresentado a essa Greta Anderson.

— Não; como já disse, não a conheço.

— É estranho. Muito curioso.

— Como? — olhei para ele com ar interrogativo.

— Julguei que você estivesse quase certo de a conhecer — disse ele, vagarosamente. — Que sabe a respeito dela?

— Sei que, há algum tempo, vem fazendo companhia a Ellie.

— Esteve com Ellie desde os dezessete anos. Ocupava posição de responsabilidade e confiança. Veio, a princípio, para os Estados Unidos na qualidade de secretária e dama de companhia, uma espécie de acompanhante de Ellie quando a Sra. Van Stuyvesant, a madrasta, se encontrava no estrangeiro, o que acontecia, posso dizê-lo, com bastante frequência — ele adotou um tom nitidamente seco ao assim falar. — Pelo que sei, trata-se de moça bem nascida, com excelentes recomendações, meio alemã, meio sueca.

Ellie, naturalmente, ligou-se muito a ela.

— Foi o que deduzi.

— Em certo sentido, creio que se ligou demasiadamente, você não se importa de que me expresse de tal forma?

— Não, porque haveria de me importar? Em verdade, eu tive a mesma ideia, uma ou duas vezes: Greta isso, Greta aquilo. Não é da minha conta, mas confesso que, em certas ocasiões, fiquei farto.

— E, no entanto, ela jamais mostrou desejo de que você conhecesse Greta?

— Bem — disse eu, — é bastante difícil explicar. Pensando agora, creio que ela fez leve sugestão, por umas duas vezes, mas nós estávamos muito ocupados com o nosso conhecimento recíproco. Ao demais, julgo que não me achava muito interessado em conhecer Greta. Não queria partilhar Ellie com pessoa alguma.

— Compreendo. Entendo bem. E Ellie não sugeriu que Greta estivesse

presente por ocasião do casamento?

— Sugeriu, sim — disse eu.

— Mas você não quis que comparecesse. Por quê?

— Não sei. Realmente não sei. Senti apenas que essa Greta, moça ou mulher que jamais conhecera, se estava metendo em tudo. Sabe como é: dispondo sobre a vida de Ellie, remetendo postais e cartas, substituindo-a, organizando completo itinerário e transmitindo-o à família. Tive a impressão de que Ellie, de certa forma, se encontrava na dependência de Greta, deixava-se dirigir por ela e fazia tudo quanto Greta quisesse. Desculpe-me, Sr. Lippincott, talvez não devesse vir com essas coisas. Digamos que fosse puro ciúme de minha parte. De toda forma, explodi e disse, taxativamente, que não desejava a presença de Greta ao casamento, que o casamento era nosso, de nossa conta e de ninguém mais. Apresentamo-nos assim diante do pretor, tendo como testemunhas um funcionário de cartório e um datilógrafo.

Reconheço ter sido maldade de minha parte recusar a presença de Greta, mas o fato é que queria Ellie somente para mim.

— Entendo. Entendo bem e, se me permite dizê-lo, Michael, julgo que foi prudente.

— O senhor também não gosta de Greta — disse eu, manhosamente.

— Você não pode usar, com propriedade, a palavra "também," se nem ao menos lhe foi apresentado.

— Não, eu sei; mas, afinal, se uma pessoa ouve constantemente falar a respeito de outra, pode fazer uma ideia em relação a esta. Chame a isto ciúme, se quiser. Por que não gosta de Greta?

— Não tenho prevenção — disse o Sr. Lippincott. — mas você, Michael, é o marido de Ellie e eu me interesso muitíssimo pela felicidade dela. Não considero desejável e influência de Greta sobre Ellie. Intromete-se demais.

— Acredita que procurará criar problemas entre nós? — perguntei.

— Penso — disse o Sr. Lippincott, — que não tenho o direito de dizer coisa alguma desse gênero.

Ele se pôs a me encarar cautelosamente, tremendo como velha tartaruga enrugada.

No momento, fiquei em dúvida sobre o que iria dizer. Foi ele o primeiro a falar, escolhendo, com cuidado, as palavras.

— Não houve, pois, nenhuma sugestão de que Greta Anderson viesse a morar com vocês?

— Não, e se puder, eu o evitarei — disse eu.

— Ah! É assim que pensa? A ideia foi debatida?

— Ellie mencionou alguma coisa em tal sentido. Entretanto, Sr. Lippincott, nós estamos recém-casados. Queremos a casa, nossa nova casa, apenas para nós. Imagino que ela venha passar dias conosco. Isso seria perfeitamente natural.

— Como diz, seria perfeitamente natural. Mas talvez você compreenda que Greta se verá em dificuldades para conseguir novo emprego. Não importa o que dela pense Ellie mas as pessoas que a contrataram e nela depositaram confiança...

— Quer dizer que o senhor ou a Sra. Van, não sei o quê, se recusarão a recomendá-la para colocação da mesma natureza?

— Não é de esperar que o façamos, salvo para atender a exigências puramente legais.

— E pensa que ela irá voltar à Inglaterra para viver às custas de Ellie.

— Não desejo predispô-lo demasiadamente contra ela. Afinal de contas, estou somente conjeturando. Não gosto de algumas coisas que fez e da maneira por que procedeu. Creio que Ellie, cujo coração é generoso, vai sentir-se perturbada por ter, digamos assim, arruinado, de várias formas, as futuras oportunidades de Greta. É possível que impulsivamente, insista em que venha morar com vocês.

— Não acredito que Ellie insista — disse, lentamente. De qualquer forma, senti-me algo preocupado e creio que Lippincott percebeu. — Não poderíamos, digo, não poderia Ellie conceder-lhe uma pensão?

— O caso não deveria ser colocado, precisamente, nesses termos — disse o Sr. Lippincott. — A aposentadoria sugere uma certa idade e Greta é uma mulher jovem, diria mesmo que muito elegante. É, de fato, uma beleza

— acrescentou, em tom de censura e reprovação. — Ela também atrai os homens.

— Bem, talvez venha a se casar — disse eu. — Se é assim, por que até agora não se casou?

— Houve homens interessados, mas, creio eu, ela não lhes deu atenção. Julgo, entretanto, que sua sugestão é muito boa. Pode ser posta em prática de modo a não ferir as susceptibilidades de ninguém. Pareceria muito natural que, atingida a maioridade de Ellie e tendo em vista que os bons ofícios de Greta auxiliaram o casamento, se lhe destinasse determinada quantia, como prova de gratidão — o Sr. Lippincott fez que essas últimas palavras soassem tão azedas como suco de limão.

— Bem, nesse caso, tudo se resolverá — disse eu alegremente.

— Vejo, mais uma vez, que você é um otimista. Esperemos que Greta aceite a oferta.

— Por que não havia de aceitar? Seria louca se não o fizesse.

— Não sei — disse o Sr. Lippincott. — Digo que seria extraordinário se não aceitasse e as relações entre elas continuassem amistosas.

— Que é que o senhor pensa?

— Gostaria de destruir a influência dela sobre Ellie — disse o Sr. Lippincott. — Você, como espero, me ajudará e fará todo o possível para se atingir esse objetivo?

— É lógico que farei — disse eu. — A última coisa que quero é ter Greta a nos influenciar o tempo todo.

— Pode ser que mude de ideia quando a vir — disse o Sr. Lippincott.

— Creio que não — disse eu. — Não gosto de mulheres mandonas, por mais eficientes e bonitas que sejam.

— Obrigado, Michael, por me ouvir com tanta paciência. Espero que vocês dois me deem o prazer de jantar comigo. Que tal terça-feira próxima?

Nessa ocasião, Cora Van Stuyvesant e Frank Barton estarão, provavelmente, em Londres.

— E suponho que terei de conhecê-los.

— Certamente, isso será inevitável — ele me dirigiu um sorriso, então mais sincero que antes — Não se preocupe demais — disse ele. — Presumo que Cora o tratará de maneira muito impolida. Frank será apenas pouco diplomático. Reuben, no momento, não estará presente.

Não sabia quem era Reuben — presumivelmente algum outro parente.

Caminhei em direção às portas e as abri — Pode entrar, Ellie — disse eu, — o interrogatório está terminado.

Ela voltou à sala de estar e, após um rápido olhar para mim e para Lippincott, deu a este um beijo.

— Caro tio Andrew — disse ela, — vejo que tratou bem a Michael.

— Minha querida, se não tratasse bem seu marido, não lhes serviria para nada no futuro, não é verdade? Reservo-me o direito de lhes dar alguns conselhos, de vez em quando. Vocês, os dois, são ainda muito jovens.

— Está bem — disse Ellie, — ouviremos, com toda paciência.

— Agora, minha querida, se possível, gostaria de lhe dizer algumas palavras, a sós.

— É a minha vez de ser expulso — disse eu, afastando-me para o quarto de dormir.

Fechei aparatosamente as portas duplas, mas tornei a abrir a de dentro, logo que entrei. Não sou tão educado como Ellie e, por isso, fiquei um pouco ansioso por verificar quão insincero poderia ser o Sr. Lippincott.

Mas, na verdade, nada foi dito que eu não devesse ouvir. Ele deu uns conselhos a Ellie. Disse que devia compreender a minha difícil situação de homem pobre casado com mulher rica e passou a sondá-la a respeito de uma liquidação com Greta. Ela, pressurosamente, concordou, dizendo que ia pedir-lhe precisamente isso. Sugeriu também uma liquidação suplementar com Cora Van Stuyvesant.

— Não há necessidade alguma de fazê-lo — disse ele. — Ela recebe bastante a título de pensão alimentar de seus vários maridos. E, como você sabe, recebe uma renda, embora não muito grande, paga pelo fundo fiduciário deixado por seu avô.

— Mas você acha que eu ainda lhe deva dar mais?

— Creio que não tem nenhuma obrigação de ordem legal ou moral. O que penso é que, se o fizer, ela não a importunará tanto. Dar-lhe-ia a forma de um aumento de renda, susceptível de ser revogado a qualquer tempo. Se você verificar que ela anda espalhando boatos maldosos a seu respeito, a respeito de Michael ou de sua vida em comum, o conhecimento da possibilidade de revogação tirará da língua dela as farpas venenosas que ela sabe tão bem desferir.

— Cora sempre me detestou — disse Ellie. — Sempre soube disso — e acrescentou, um tanto acanhada. — Você, tio Andrew, gostou do Mike?

— Creio que é um jovem extremamente simpático — disse o Sr. Lippincott. — E agora entendo por que você veio a se casar com ele.

Suponho que isso era o melhor que poderia esperar. Eu, realmente, sabia que não constituía para ele o tipo ideal. Tornei a fechar a porta devagarinho e, instantes após, Ellie veio buscar-me.

Estávamos ambos de pé, a nos despedir de Lippincott, quando se ouviu uma batida na porta e um mensageiro entrou com um telegrama. Ellie o recebeu e abriu, fazendo ligeira exclamação de surpresa.

— É de Greta — disse, — informando de que chegará a Londres esta noite e virá visitar-nos amanhã. Que bom! — olhou para nós dois e disse: — Não é mesmo?

Ela deu uma olhada para ambos os rostos mal-humorados e ouviu de um, "é sim, querida," e do outro, "evidentemente".

XI

PASSEI A MANHÃ SEGUINTE na rua, a fazer compras, e retornei ao hotel mais tarde que tencionava. Encontrei Ellie sentada no saguão central, tendo à frente uma jovem, alta e loura. Era Greta. Ambas falavam como verdadeiras matracas.

Não tive nunca muito jeito para descrever pessoas, mas farei a tentativa de dar uma ideia de Greta. Para começar, não se poderia negar que, como disse Ellie, se tratava de uma bonita moça e, como o Sr. Lippincott admitira com relutância, muito simpática. As duas coisas não significam exatamente o mesmo. Se alguém diz que uma mulher é simpática, isso não significa que, pessoalmente, a admire. Segundo percebi, o Sr. Lippincott não tinha admiração por Greta. Seja como for, quando Greta atravessava o saguão de um hotel ou restaurante, os homens se viravam para contemplá-la. Tratava-se de um tipo nórdico de loura, com cabelos cor de milho, enrolados em cima da cabeça, como estava na moda, e não caídos para cada lado do rosto, como se usava em Chelsea. Parecia o que realmente era: sueca ou alemã do Norte. Na verdade, se lhe pusesse às costas um par de asas, num baile a fantasia, poderia passar por Valquíria. Os olhos eram de um azul brilhante e o perfil admirável. Não há negar: era do outro mundo!

Dirigi-me ao lugar em que se sentavam e cumprimentei-as da maneira que julguei natural e amistosa, embora me sentisse um pouco desajeitado.

Nem sempre consigo ser bom ator. Disse Ellie, imediatamente: — Até que enfim, esta é Greta.

Disse que já o imaginava, de maneira polida em aparência, porém não muito feliz, acrescentando:

— Greta, tenho muito prazer em, afinal, conhecê-la.

Disse Ellie: — Como você bem sabe, se não fosse Greta, nunca nos poderíamos ter casado.

— Em qualquer caso, teríamos dado um jeito.

— Não, se a família caísse em cima de nós como uma tonelada de carvão de pedra. Eles encontrariam meios de nos forçar ao rompimento. Diga-me, Greta, foram horríveis? — perguntou Ellie. — Você não me disse nada, ou escreveu, sobre isso.

— Sou bastante sensata — disse Greta, — para não escrever a um feliz casal em lua-de-mel.

— Mas, eles ficaram furiosos com você?

— Evidentemente. Como se poderia esperar outra coisa? Asseguro-lhe, no entanto, que estava plenamente preparada para isso.

— Que lhe disseram ou fizeram?

— Tudo quanto puderam — disse, alegremente, Greta. — Naturalmente, a principiar pela despedida.

— Sim, suponho que fosse inevitável. Mas, que fez você? Afinal de contas, não poderiam recusar-se a lhe dar boas referências.

— Certo que sim. Afinal, do ponto de vista deles, eu ocupava uma posição de confiança, de que, descaradamente, abusei. — E acrescentou: — Aliás, com muito prazer.

— Mas que está fazendo agora?

— Ora! Tenho um emprego à minha disposição.

— Em Nova York?

— Não. Aqui em Londres. Como secretária.

— Mas, está passando necessidades?

— Ellie, querida — disse Greta, — como poderia passar necessidades com o belo cheque que você me mandou prevendo o que iria acontecer quando subisse o balão?

O inglês dela era muito bom, com pouquíssimo sotaque, embora, às vezes, empregasse sem muita propriedade certas expressões coloquiais.

— Viajei um pouco pelo mundo, estabeleci-me em Londres e fiz muitas compras.

— Mike e eu também adquirimos uma porção de objetos — disse Ellie, sorrindo ao se recordar.

Era verdade. Tivemos muita sorte nas compras feitas no Continente.

Fora maravilhoso ter dólares para gastar, sem nos preocuparmos com as restrições do fisco: brocados e tecidos para a casa, na Itália, e quadros também, tanto na Itália como em Paris, pagando por eles somas que pareciam fabulosas. Abriu-se para mim um novo mundo, com que jamais sonhara.

— Vocês dois parecem extremamente felizes — disse Greta.

— E você ainda não viu a nossa casa — disse Ellie. — Vai ficar uma maravilha. Exatamente como havíamos sonhado, não é Mike?

— Já a vi — disse Greta. — No primeiro dia após minha chegada à Inglaterra aluguei um automóvel e fui lá.

— É mesmo! — exclamou Ellie. Eu também fiz uma exclamação.

— Pois é — disse Greta pensativamente, virando a cabeça de um lado para outro.

Ellie pareceu muito pesarosa e horrivelmente surpresa. Eu, porém, não

me espantei. Vi logo que Greta estava brincando conosco. Se, por um instante, me passou pelo espírito que a brincadeira não era muito bondosa, não tive tempo para sedimentar essa ideia. Greta desatou a rir, uma gargalhada estridente que fez os circunstantes virarem a cabeça e olharem para nós.

— Vocês deveriam olhar-se ao espelho — disse ela, — especialmente você, Ellie. Deixe-me implicar um pouco com vocês. É uma casa maravilhosa, encantadora. Aquele homem é um gênio.

— Sim — disse eu, — é algo fora do comum. Verá quando o conhecer.

— Já me encontrei com ele — disse Greta. — Estava lá no dia em que cheguei. É verdadeiramente uma pessoa extraordinária. Mete um pouco de medo, não acham?

— Medo? — surpreendido, perguntei. — Em que sentido?

— Ora! Não sei bem. Parece ver as pessoas por dentro no seu intimo. Isso é sempre embaraçoso — e depois acrescentou: — Dá a impressão de muito doente.

— É doente. Muito doente — disse eu.

— Que pena! Trata-se de tuberculose ou coisa semelhante?

— Não — disse eu, — creio que não é tuberculose. Acredito que seja algo relacionado com o sangue.

— Compreendo. Os médicos, hoje em dia, podem curar quase tudo, a menos que matem o paciente ao procurarem curá-lo. Tratemos, porém, de outro assunto. Vamos pensar na casa. Quando vai ficar pronta?

— Dentro em breve, a julgar pelo que vi. Jamais pensei que uma casa pudesse ser construída tão depressa — disse eu.

— Oh! — disse Greta, descuidadamente, — é uma questão de dinheiro: turmas dobradas, gratificações e tudo mais. Você não imagina, Ellie, como é maravilhoso ter o dinheiro que tem.

Eu, no entanto, sabia. Aprendera muito, muito mesmo, nas últimas semanas. Entrava, em consequência do casamento, num mundo totalmente diverso e, de fora, não fazia ideia desse mundo. Até então, na minha vida, acertar em uma dupla feliz constituía a máxima noção de riqueza. O

recebimento de uma porção de dinheiro, para gastá-lo tão depressa quanto quisesse, nas maiores bobagens que encontrasse. Imaturo, de certo: a imaturidade de minha classe. Mas o mundo de Ellie era diferente. Não o que eu julgava: somente mais e mais superluxo. Não eram maiores banheiros, maiores casas, mais candelabros elétricos, refeições mais abundantes e automóveis mais rápidos. Não era somente gastar por gastar e se mostrar diante dos outros. Ao invés, era estranhamente simples: a

espécie de simplicidade a que se chega após atingir o ponto em que se ostenta por ostentar. Não se precisa de três iates ou quatro automóveis, não se pode comer mais de três vezes ao dia e, se se pode comprar um quadro de alto preço, não há necessidade de mais de um na mesma sala. É simples assim.

Tudo quanto se tem é o melhor no gênero, não tanto por ser o melhor, mas porque, se se gosta de determinado objeto, ou se quer possuí-lo, não há porque não o ter. Não há oportunidade para dizer: "está acima de minhas posses." Assim, de modo estranho, isso, às vezes, explica a curiosa simplicidade que não conseguia compreender. Estávamos contemplando uma pintura impressionista francesa, creio que de Cézanne. Tive que aprender esse nome cuidadosamente, pois sempre o confundia com cigana, que, segundo entendo, é uma orquestra de ciganos. E então, quando passeávamos pelas ruas de Veneza, Ellie parou para ver uns artistas de calçada. De um modo geral, eles pintavam horríveis quadros para turistas, todos semelhantes: retratos com grandes dentaduras e, em geral, cabelos louros, caídos pelo pescoço.

Foi nessa ocasião que ela comprou um quadro minúsculo com ligeira vista através do canal. O homem que o havia pintado examinou o nosso aspecto e ela o adquiriu por 6 libras, ao câmbio inglês. O curioso é que eu sabia perfeitamente bem que Ellie nutria tanto desejo de possuir aquele quadro de seis libras quanto o de Cézanne.

A mesma coisa aconteceu, certo dia, em Paris. Ela me disse, de repente:

— Vamos fazer uma coisa divertida: comprar um pão francês bem fresco e comê-lo com manteiga e um daqueles queijos embrulhados em folhas.

Assim o fizemos e creio que Ellie apreciou mais tal refeição que o jantar da noite anterior, que havia custado cerca de 20 libras inglesas. A princípio não pude compreender, mas depois comecei a entender. O fato estranho é que agora podia verificar que estar casado com Ellie não representava apenas prazeres e divertimentos. Tive que trabalhar em casa, aprender como entrar em um restaurante, os pratos a pedir, as gorjetas a dar e quando, por algum motivo, deveria gratificar mais que de costume. Tive que aprender de cor o que se deveria beber com certos pratos. Tive que fazer quase tudo isso pela observação. Não me seria possível perguntar a Ellie, porque essa era uma das coisas que não teria entendido. Ela havia de dizer: "Mas, querido Mike, você pode pedir o que quiser. Que importa se garçons julgarem que você deveria tomar um certo vinho com determinado prato?" Isso não teria importância para ela, por ter nascido

nesse meio, mas a mim me preocupava por não poder fazer o que queria. Eu não possuía essa simplicidade. E o mesmo acontecia em relação à roupa. Nesse ponto, Ellie podia ser mais útil, pois entenderia melhor. Indicava-me os melhores estabelecimentos e aconselhava-me a deixar tudo ao critério deles.

Evidentemente, eu não havia ainda adquirido boa aparência e boas maneiras. Isso, porém, não me importava muito. Aprendera o suficiente, a ponto de satisfazer pessoas como o Sr. Lippincott e, dentro em breve, segundo presumia, a madrasta e os tios de Ellie quando chegassem, e, certamente, não ia ter importância alguma no futuro. Construída a nossa casa e aí morando, nosso lar seria o nosso reino. Olhando para Greta, comecei a imaginar o que ela, na realidade, pensava de nossa casa. De qualquer forma, era o que eu queria. Estava plenamente satisfeito. Desejava tomar um automóvel e atravessar uma trilha por entre as árvores até uma pequena enseada, que seria a nossa praia particular, da qual ninguém se poderia aproximar por terra. Seria mil vezes melhor, pensei, ali mergulhar. Mil vezes melhor que um trecho de praia com centenas de corpos deitados. Eu não desejava as coisas ricas sem sentido. Queria, e aí vai mais uma vez a palavra, minha palavra preferida — queria, queria... Tinha consciência de todos os sentimentos que em mim despontavam. Queria uma maravilhosa mulher, uma casa maravilhosa como a de ninguém mais, cheia de objetos maravilhosos. Coisas que me pertencessem e só a mim.

— Ele está pensando em nossa casa — disse Ellie. Parece-me que ela já havia, por duas vezes, sugerido que nos encaminhássemos para a sala de jantar. Eu lhe dirigi um olhar afetuoso.

Mais tarde naquele dia, à noite, quando nos vestíamos para o jantar, disse Ellie, com certa hesitação: — Você gosta de Greta, não é?

— Claro que sim — respondi.

— Não me conformaria se não gostasse.

— Mas é evidente que gosto — protestei. — Que é que a leva a julgar o contrário?

— Não estou de todo certa. Você quase não olha para ela quando lhe fala.

— Bem, suponho que seja por me sentir nervoso.

— Nervoso, por causa de Greta?

— Sim; sabe que ela infunde certo temor?

Disse, então, a Ellie que julgava Greta parecida com uma Valquíria.

— Não tão gorda como as de ópera — disse Ellie, sorrindo.

Rimos ambos e eu disse: — Isso não significa muito para você, que a conhece há tantos anos. Mas a verdade é que ela é um tanto, ou melhor, muito eficiente, prática e sofisticada — lutei à procura de palavras, porém todas se me afiguravam inadequadas. — Vejo-me posto de lado quando está presente.

— Oh! Mike — Ellie sentiu um peso na consciência. — Temos uma porção de assuntos de que falar. Velhas anedotas, fatos que aconteceram e coisas assim. Compreendo que isso lhe possa causar certo constrangimento.

Ela gosta muito de você. Foi o que me disse.

— Ouça, Ellie, provavelmente diria a mesma coisa, mesmo que não sentisse.

— Não, ela não o faria. Greta é muito franca. Você ouviu algumas das coisas de que falou hoje.

É verdade que Greta não mediu palavras durante o almoço. Dirigindo-se mais a mim que a Ellie, disse: — Às vezes, deve ter-lhe parecido esquisita a maneira por que apoiei Ellie, embora sem conhecer você. Mas fiquei furiosa, furiosa mesmo, com a vida que a obrigavam a levar. Estava metida num casulo, cheio de dinheiro e ideias tradicionais. Nunca lhe deram oportunidade para se distrair, sair sozinha para parte alguma e fazer o que lhe agradasse. Ela desejava rebelar-se, mas não sabia como. É por isso, confesso, que a instiguei. Sugeri que examinasse imóveis em Londres. Mais tarde, atingidos os vinte e um anos, poderia comprar um deles e dizer adeus a toda aquela gente de Nova York.

— Greta sempre tem ideias magníficas — disse Ellie. — Pensa em coisas de que eu provavelmente jamais cogitaria.

Quais haviam sido as palavras que o Sr. Lippincott me dissera? "Ela exerce demasiada influência sobre Ellie". Fiquei a matutar se seria verdade.

O curioso é que, realmente, não acreditava nisso. Tive a impressão de que existia em Ellie um âmago no qual Greta, a despeito de a conhecer tão bem, nunca havia penetrado. Ellie, estava certo, sempre aceitaria ideias que coincidissem com as que, ela própria, desejaria ter. Greta pregou rebeldia a Ellie, mas esta mesma desejava rebelar-se, não sabendo apenas como fazê-lo. Entretanto, agora que a conhecia melhor, Ellie me parecia uma dessas pessoas muito simples que possuem reservas inesperadas. Julgava-a perfeitamente apta a tomar uma atitude, se o quisesse. O caso era que, muitas vezes, não desejava e, então, pensei na dificuldade que sempre existe de entender as pessoas. Mesmo Ellie. Mesmo Greta. E talvez

até minha própria mãe. A maneira com que me olhava, com temor nos olhos!

— E o Sr. Lippincott? — disse eu, enquanto descascava um enorme pêssego.

— O Sr. Lippincott pareceu-me aceitar muito bem o nosso casamento. Foi para mim uma surpresa.

— O Sr. Lippincott — disse Greta — é uma velha raposa.

— Você sempre repete isso, Greta — disse Ellie, — mas eu o considero muito estimável, rigoroso, correto e tudo mais.

— Continue a julgá-lo assim, se quiser — disse Greta. — Quanto a mim, não lhe confiaria um alfinete.

— Não confiar nele! — disse Ellie.

Greta abanou a cabeça — Eu sei. É um pilar de respeitabilidade e fidedignidade. É tudo quanto deve ser um fiduciário e um advogado.

Ellie riu, dizendo: — Quer você dizer que ele se apoderou de minha fortuna? Não seja tola. Greta. Há milhares de auditores, bancos, verificações e coisas desse gênero.

— Oh! Creio que, na verdade, ele seja correto — disse Greta.— Mesmo assim, são pessoas dessas que praticam desfalques... os dignos de confiança.

Depois toda gente diz: "Nunca teria acreditado que o Sr. A ou o Sr. B fizesse isso. Seria a última pessoa neste mundo". Sim, é isso o que dizem: a última pessoa neste mundo.

Disse Ellie, cautelosamente, que em sua opinião tio Frank seria mais capaz de um procedimento desonesto, não dando, porém, a impressão de ter ficado muito preocupada ou surpresa com a ideia.

— Ele tem a aparência de desonesto — disse Greta. — Para começar, isso o coloca em situação desvantajosa, toda aquela jovialidade e bonomia!

Entretanto, jamais estaria em condições de ser um velhaco de alto coturno.

— É irmão de sua mãe ou de seu pai? — perguntei. Ainda não dispusera de tempo para pensar muito nos parentes de Ellie.

— É o marido da irmã de meu pai — disse Ellie. — Ela o abandonou, casou-se novamente e morreu, há cerca de seis ou sete anos. O tio Frank tem vivido, mais ou menos, às custas da família.

— Eles são três — disse Greta, bondosa e prestimosamente. — Três sanguessugas, como se poderia chamá-los. Os verdadeiros tios de Ellie foram mortos, um na Coreia e o outro num acidente de automóvel, e assim o que lhe resta é uma custosa madrasta, um tio Frank, um afável parasita

na casa da família, e o primo Reuben, a quem chama de tio, mas é realmente primo, Andrew Lippincott e Stanford Lloyd.

— Quem é Stanford Lloyd?

— Oh! Uma outra espécie de fiduciário, não é, Ellie? De qualquer maneira, administra seus investimentos e faz coisas desse gênero. Não deve ser muito difícil, pois, quando se possui tanto quanto Ellie, o dinheiro sempre se reproduz sem necessidade de muito estorço da parte de ninguém.

Eis o principal grupo que a cerca — acrescentou Greta, — e não duvido de que você, dentro em breve, irá conhecê-los. Hão de vir aqui para lhe dar uma olhadela.

Dei um grunhido e olhei para Ellie. Esta, muito gentil e suavemente, disse: — Não se importe, Mike. Irão embora novamente.

XII

ELES EFETIVAMENTE CHEGARAM. Nenhum, aqui permaneceu por longo tempo, ao menos na primeira visita. Vieram para me conhecer. Julguei-os difíceis de entender, evidentemente por serem americanos. Eram tipos de pessoas com as quais não me achava familiarizado. Alguns bastante amáveis, como, por exemplo, o tio Frank. Concordei com Greta em relação a ele. Não lhe confiaria um alfinete. Já cruzara na Inglaterra, com gente dessa espécie. Era corpulento, um pouco barrigudo e tinha papo debaixo dos olhos, o que lhe dava uma aparência de libertino, talvez não longe da realidade.

Apreciava as mulheres e, mais ainda, as grandes oportunidades. Uma ou duas vezes, pediu-me dinheiro, pequenas quantias, somente, por assim dizer, para tirá-lo de aperturas por um ou dois dias. Pensei que não se tratava tanto do dinheiro, como de me experimentar, para ver se fazia empréstimos com facilidade. Fiquei algo preocupado por não estar certo quanto à melhor maneira de proceder. Seria preferível recusar de cara e dar-lhe a impressão de que era unha de fome, ou tomar uma atitude de descuidada generosidade, que, na verdade, estava longe de sentir? Pensei com os meus botões: que vá para o diabo o tio Frank!

Cora, madrasta de Ellie, foi quem me interessou. Mulher de cerca de quarenta anos, parecia mais moça do que era, tinha cabelos pintados e maneiras bastante efusivas. Desmanchou-se em meiguice para com Ellie.

— Você, Ellie, não deve fazer caso das cartas que lhe escrevi — disse ela. — Há de reconhecer que foi para nós um tremendo choque o seu casamento daquele modo. Entretanto, sei perfeitamente que foi Greta quem a induziu a assim proceder.

— Não acuse Greta — disse Ellie. — Não tencionava aborrecer tanto a todos vocês. Julguei apenas que quanto menos barulho...

— Evidentemente, minha querida Ellie, há certa razão de seu lado.

Todos os homens de negócio ficaram literalmente lívidos. Veja o caso de Stanford Lloyd e Andrew Lippincott. Julgaram, penso eu, que todos iriam censurá-los por não cuidarem melhor de você. E, além disso, não faziam a mínima ideia de quem era Mike. Não imaginavam como era encantador.

Nem eu mesma — ela me dirigiu um olhar risonho, muito meigo e um dos mais falsos que jamais vi! Pensei com os meus botões que mulher alguma poderia odiar um homem como Cora a mim. Sua doçura para com Ellie era bem compreensível. Andrew Lippincott, de volta aos Estados

Unidos, sem dúvida lhe havia aconselhado cautela. Ellie estava vendendo alguns de seus bens na América, porque decidira morar na Inglaterra, mas iria dar-lhe uma grande pensão, a fim de que pudesse morar onde entendesse. Pouco se falou do marido de Cora. Percebi que partira para outra parte do mundo, e sozinho.

Provavelmente, pelo que ouvi, estava em andamento um novo divórcio.

Deste não resultaria muito como pensão alimentar. O último casamento de Cora tinha sido com um homem muito mais moço, cujas atrações eram mais de natureza física que por dinheiro.

Cora queria aquela pensão. Era uma mulher de gostos extravagantes. O velho Andrew Lippincott, sem dúvida, lhe dera claramente a entender que tal pensão poderia ser suspensa quando Ellie quisesse, ou se Cora continuasse a criticar virulentamente o marido dela.

O primo Reuben, chamado tio Reuben, não empreendeu a viagem. Ao invés, escreveu a Ellie uma carta amável e não comprometedora, fazendo votos de ventura, mas duvidando de que lhe agradasse morar na Inglaterra.

"Se não gostar, Ellie, volte imediatamente para os Estados Unidos. Não julgue que vá ser mal recebida aqui, pois não será, e particularmente pelo tio Reuben."

— Parece boa pessoa — disse eu a Ellie.

— Sim — respondeu Ellie, meditativamente. Julguei, entretanto, que não estava muito convencida.

— Você gosta de algum deles, Ellie? — perguntei-lhe — Ou não deveria formular essa pergunta?

— É claro que você me pode fazer qualquer pergunta. Mas, apesar disso, demorou um pouco a responder. E, depois, disse, de maneira terminante e firme: — Não, creio que não. Parece esquisito, mas suponho que por não ser um dos meus. Trata-se de afinidade e não de parentesco... Nenhum deles tem o meu sangue. Pelo que me lembro, eu amava meu pai. Era um homem bastante fraco e creio que desapontou meu avô por não ter boa cabeça para negócios. Não queria entrar no mundo dos negócios. Gostava de pescar na Flórida e coisas semelhantes. Casou-se, mais tarde, com Cora, de quem jamais gostei muito, nem ela de mim. Não me lembro, evidentemente, de minha mãe. Estimava o tio Henry e o tio Joe. Eram divertidos. De certa forma, mais ainda que meu pai. Este, sob certos aspectos, era reservado e tristonho. Mas os tios se divertiam, sendo que o tio Joe me parecia um pouco violento, desses violentos que o são por terem muito dinheiro. De qualquer maneira, foi quem morreu esmagado num

carro, ao passo que o outro pereceu lutando na guerra. A esse tempo, meu avô já estava doente e sofreu terrível golpe com a morte dos três filhos. Ele não gostava de Cora, nem apreciava qualquer dos parentes mais distantes. Veja o caso do tio Reuben.

Costumava dizer que era imprevisível o que estava tramando. Foi por isso que deliberou deixar todo o dinheiro em fundos fiduciários. Uma boa parte foi para museus e hospitais. Deixou Cora bem amparada, fazendo o mesmo quanto ao marido de sua irmã, o tio Frank.

— Mas a maior parte ficou para você?

— Sim. E creio que isso o preocupava um pouco. Fez o possível para que fosse bem administrado para mim.

— Pelo tio Andrew e pelo Sr. Stanford Lloyd, um advogado e outro banqueiro.

— Sim. Suponho que não me julgasse capaz de administrar pessoalmente. O esquisito é que me deixou entrar na posse do fundo com vinte e um anos, não esperando até os vinte e cinco, como outros fazem. Presumo que por ser mulher.

— É curioso — disse eu; — seria de esperar justamente o contrário.

Ellie abanou a cabeça — Não — disse ela, — creio que meu avô considerava os jovens do sexo masculino sempre irresponsáveis e precipitados, deixando-se dominar por louras mal intencionadas. Julgava aconselhável deixar-lhes tempo bastante para se entregarem aos prazeres da mocidade. É assim que se diz na Inglaterra, não é? Disse-me, porém uma vez: "Se uma jovem tiver de possuir bom senso na vida, ela já o terá aos vinte e um anos. Não há necessidade de fazê-la esperar quatro anos mais. Se for uma tola, já o será naquela idade". Disse-me também — e Ellie dirigiu-me um sorriso — que não me considerava tola, acrescentando: "Você, Ellie, pode não saber muita coisa acerca da vida, mas tem bom senso, especialmente em se tratando de pessoas. Creio que sempre o terá."

— Imagino que não gostaria de mim — disse eu pensadamente.

Ellie é muito sincera. Não procurou tranquilizar-me com palavras que não fossem indubitavelmente verdadeiras.

— Não — disse ela, — creio que ficaria horrorizado. Isso, porém, no começo. Depois ter-se-ia acostumado.

— Pobre Ellie — disse eu, de repente.

— Por que fala assim?

— Não é a primeira vez, lembra-se?

— Sim. Você me chamou de pobre moça rica. E tinha toda razão.

— Desta vez, não pretendia expressar a mesma coisa — disse eu. —

Não queria dizer que fosse pobre por ser rica. Referia-me... — e então hesitei, acrescentando depois:

— Você tem muita gente atrás de você. De todos os lados. Muita gente querendo obter favores, sem lhe dedicar afeto. É verdade, não?

— Creio que o tio Andrew gosta de mim — disse Ellie, com certa dúvida. Sempre me tratou bem e foi compreensivo. Os outros, não. Você tem toda razão. Só querem tirar proveito.

— Estão sempre a lhe pedir, não é? Empréstimos, obséquios. Querem que os tirem de trapalhadas e coisas dessa natureza. Sempre atrás, atrás, atrás de você.

— Suponho que seja natural — disse, calmamente, Ellie,

— mas, para mim, basta! Vou morar aqui na Inglaterra. Não os verei com frequência.

Estava, evidentemente, errada nesse ponto, mas disso ainda não se havia apercebido. Mais tarde, veio, sozinho, Stanford Lloyd. Trouxe numerosos documentos, papéis e coisas para serem assinados por Ellie, e queria a concordância dela para fazer investimentos. Falou-lhe dos investimentos, ações e bens que possuía e da disposição dos fundos fiduciários. Tudo isso era grego para mim. Não podia auxiliá-la ou aconselhá-la. Também não podia impedir que Stanford Lloyd a enganasse. Tinha esperança de que não o fizesse, mas como estar certa uma pessoa ignorante como eu?

Relativamente a Stanford Lloyd, havia alguma coisa que era quase boa demais para ser verdadeira. Ele era banqueiro e parecia sê-lo; bonito homem, se bem que não fosse jovem; tratava-me com muita cortesia, porém não me tinha em bom conceito, embora procurasse dissimular.

— Ainda bem que é o último — disse eu, quando, finalmente, ele se foi.

— Não fez bom juízo de nenhum deles, fez?

— Creio que sua madrasta Cora é a mulher mais fúlgida que já conheci.

Desculpe-me, Ellie. talvez não devesse ter usado essas palavras.

— Por que não, se assim pensa? Julgo que não está longe da verdade.

— Você, Ellie, deve ter-se sentido isolada — disse eu.

— Sim, estava isolada. Conhecia moças de minha idade. Frequentei uma escola de nomeada, porém nunca fui livre. Se fazia amizade com alguém, encontravam meios de nos separar, colocando outra moça em seu lugar. Era tudo governado... sabe... pelo registro social. Se dedicasse bastante amizade a alguém para fincar pé... mas nunca cheguei a esse ponto. Em verdade, jamais gostei de pessoa alguma. Até que chegou Greta, e tudo mudou. Pela primeira vez, alguém me estimava sinceramente. Foi uma

maravilha! — desanuviou-se-lhe o rosto.

— Desejaria — disse eu, ao me afastar em direção à janela.

— Que quer?

— Ora, não sei... Desejaria que não ficasse tanto sob a influência de Greta. Não é bom manter-se tanto na dependência de uma outra pessoa.

— Mike, você não gosta dela — disse Ellie.

— Gosto, sim — protestei, imediatamente. — Gosto mesmo. Entretanto, Ellie, você deve imaginar que, para mim, ela é uma estranha. Suponho, e vamos encarar o assunto de frente, suponho que esteja um pouco enciumado. Com ciúmes porque ela e você... bem, não tinha compreendido antes o quanto as duas eram ligadas.

— Não seja ciumento. Ela é a única pessoa que foi boa para mim, que gostava de mim... antes de conhecer você.

— Mas, agora, me conheceu — disse eu — e se casou comigo.

Repeti depois o que já havia dito antes: "E vamos viver felizes para todo sempre"

XIII

DA MELHOR MANEIRA QUE posso, embora isso não signifique muito, estou procurando retratar as pessoas que entraram em nossas vidas, isto é, na minha vida, pois já se achavam na de Ellie. O erro por nós cometido consistiu em imaginar que iriam sair da vida de Ellie. Não o fizeram. Não tinham a menor intenção de o fazer. Entretanto, àquela época, não sabíamos disso.

Veio depois o lado inglês de nossa vida. Recebemos um telegrama de Santonix, avisando-nos de que a casa estava pronta. Pedia-nos que esperássemos cerca de uma semana, mas, a seguir, chegou outro telegrama, dizendo: "Venham amanhã".

Viajamos de automóvel e chegamos ao pôr do sol. Santonix ouviu o ruído do carro e recebeu-nos, de pé, em frente à casa. Algo saltou de dentro de mim, como que a me irromper da pele! Era a *minha casa* e, finalmente, a conseguira! Apertei fortemente o braço de Ellie.

— Gostou? — disse Santonix.

— É o que pode haver de melhor — disse eu. Coisa tola o que dizia, mas Santonix sabia o que significava.

— Sim — disse ele, — é o que já fiz de melhor... Custou-lhes uma dinheirama, mas vale o que pesa. Excedi, em tudo, as minhas estimativas. Não perca tempo, Mike — disse ele, — tome-a nos braços e atravesse a soleira. É o que se costuma fazer ao tomar posse de uma casa com a esposa recém-casada!

Entusiasmado, pus no colo Ellie, que não pesava muito, carregando-a através da soleira. Ao fazê-lo, tropecei ligeiramente e notei que Santonix estava de sobrancelhas franzidas.

— Ei-la — disse Santonix, — trate-a bem, Mike. Cuide bem dela. Não deixe que nada de mau lhe aconteça. Ela não sabe cuidar de si mesma, embora julgue o contrário.

— Por que algo de mau me haveria de acontecer? —. perguntou Ellie.

— Porque este mundo é mau e há nele pessoas más — disse Santonix, — algumas, menina, ao redor de você. Sei bem disso. Vi uma ou duas delas.

Aqui mesmo. Vêm espreitar, fuçar, como ratos que são. Desculpe a má palavra, alguém teria de dizê-la.

— Não virão importunar-nos — disse Ellie. — Todos já regressaram aos Estados Unidos.

— Talvez — disse Santonix, — mas não se esqueça de que são apenas

algumas horas de avião.

Ele pôs as mãos nas costas dela. Estavam muito descarnadas e brancas.

Tinha um aspecto terrivelmente doentio.

— Se pudesse, eu próprio cuidaria de você, menina — e acrescentou, — porém não posso. Não vou durar muito agora. Terá de se defender sozinha.

— Pare com esses avisos de cigano, Santonix — disse Cu, — c mostre-nos a casa, polegada por polegada.

E, assim, percorremos a casa. Alguns dos quartos ainda se achavam vazios, mas encontramos quase tudo que havíamos comprado — quadros, mobília, cortinas.

— Ainda não temos um nome para a casa — disse Ellie, subitamente.

Não podemos chamá-la As Torres, porque seria um nome ridículo. Qual foi o outro nome a que você uma vez se referiu? — perguntou-me, — Campo do Cigano, não foi?

— Não lhe daria tal nome — disse eu, incisivamente. — Não gosto dele.

— É como tem sido sempre chamado nestas redondezas — disse Santonix.

— Há muita gente supersticiosa — disse eu.

E, então, sentamo-nos no terraço, contemplando o pôr do sol e o panorama e pensando em nomes para a casa. Era uma espécie de brincadeira.

Começamos a falar a sério e depois pensamos em todos os nomes bobos que nos ocorriam. Fim da Jornada, Delícia do Coração e denominações semelhantes às de hospedarias: Vista do Mar, Ilha Bonita, Os Pinheiros. Depois, ficou, repentinamente escuro e frio, e fomos para dentro de casa. Não cerramos as cortinas; fechamos apenas as janelas. Trouxemos mantimentos conosco. No dia seguinte, chegaria uma turma de empregados domésticos, contratados a altos salários.

— Eles, provavelmente, detestarão o lugar, acharão solitário e irão todos embora — disse Ellie.

— E então, você lhes dobrará os salários para ficarem.— disse Santonix.

— Você julga — disse Ellie — que toda gente pode ser comprada! — disse-o, porém com um sorriso nos lábios.

— Tínhamos trazido *pâté* en *crôute,* pão francês e grandes camarões vermelhos. Sentamo-nos em volta da mesa, a rir, comer e conversar. Até mesmo Santonix parecia forte e animado, com uma espécie de agitação nos olhos.

E depois algo repentinamente aconteceu. Uma pedra penetrou pela janela e caiu na mesa. Quebrou o vidro e um estilhaço atingiu o rosto de Ellie. Por alguns instantes ficamos estatelados, mas depois, dando um salto, corri em direção à janela, abri o trinco e saí para o terraço. Não havia ninguém à vista.

Voltei novamente para dentro de casa.

Tomei de um guardanapo de papel e, inclinando-me, limpei um filete de sangue que escorria pela face de Ellie.

— Você foi ferida... Não é nada, querida. Apenas um ligeiro corte produzido por estilhaço de vidro.

Meus olhos cruzaram-se com os de Santonix.

— Por que iria alguém fazer isso? — disse Ellie. Estava desnorteada.

— Moleques — disse eu, — um desses jovens desordeiros. Talvez tenham tido conhecimento de que nos mudáramos para aqui. Ouso dizer que você foi feliz por só terem atirado uma pedra. Podiam ter usado uma espingarda ou coisa parecida.

— Mas por que fazer isso contra nós? Por quê?

— Não sei — disse eu. — Simples maldade. Ellie levantou-se, de repente, dizendo:

— Estou assustada. Tenho medo.

— Descobriremos amanhã — disse eu. — Não conhecemos a gente da redondeza.

— Será porque somos ricos e eles, pobres? — perguntou Ellie, não a mim, mas a Santonix, como se ele soubesse melhor a resposta que eu.

— Não — disse Santonix, lentamente — não acredito que seja isso...

Disse Ellie: — É porque nos detestam... a Mike e a mim. Por quê? Por sermos felizes?

Mais uma vez, Santonix balançou a cabeça.

— Não — disse Ellie, como que a concordar com ele, — a coisa é outra. Algo de que não sabemos. O Campo do Cigano. Quem quer que more aqui será odiado. Vai ser perseguido. Talvez, afinal, consigam afugentar-nos...

Enchi um copo de vinho e o passei às mãos dela.

— Não fale assim — supliquei-lhe. — Não diga coisas dessas. Beba isto.

Foi uma coisa desagradável o que aconteceu, mas foi apenas uma estupidez, pura brincadeira de mau gosto.

— É o que me pergunto — disse Ellie, — é o que me pergunto.

Olhou severamente para mim, dizendo: — Alguém está procurando afugentar-nos, Mike. Afugentar-nos da casa que construímos, da casa de que gostamos.

— Não havemos de deixar que nos afugentem — disse eu, acrescentando: — Velarei por você. Nada irá magoá-la.

Ela voltou a olhar para Santonix.

— Você deve saber — disse, — porque aqui esteve durante a construção da casa. Nunca ninguém lhe disse alguma coisa? Ninguém veio jogar pedras ou intrometer-se na construção da casa?

— É possível fazer conjeturas — disse Santonix.

— Então ocorreram acidentes?

— Há sempre acidentes quando se constrói uma casa. Nada de sério ou trágico Um homem cai da escada, alguém deixa cair um peso no pé, outro corta-se no polegar e a ferida infecciona.

— Nada mais que isso? Nada que possa ter sido propositado?

— Não — disse Santonix, — não. Juro-lhe que não! Ellie virou-se para mim.

— Você se lembra, Mike, daquela mulher cigana? Como estava esquisita naquele dia, como me avisou que jamais voltasse aqui?

— Ela é meio maluca, não regula bem da cabeça.

— Construímos no Campo do Cigano. Fizemos o que ela nos disse que não fizéssemos — depois, bateu com os pés..— Não deixarei que nos afugentem daqui. Não hei de deixar que ninguém nos afugente.

— Ninguém nos há de afugentar — disse eu. — Vamos ser felizes aqui.

Dissemos isso como que a desafiar o destino.

XIV

Foi ASSIM QUE COMEÇOU A nossa vida no Campo do Cigano. Não encontramos nome melhor para a casa. A primeira noite fixou Campo do Cigano em nossa mente.

— Nós a chamaremos de Campo do Cigano — disse Ellie, — apenas para lhes mostrar! Uma espécie de desafio, não acha? É o nosso campo e vá para o diabo o aviso da cigana!

No dia seguinte, havia ela voltado à antiga jovialidade e não tardamos a fazer as arrumações e a procurar conhecer a nossa vizinhança e nossos vizinhos. Ellie e eu descemos até o chalé onde morava a velha cigana.

Julguei que seria bom se a encontrássemos mexendo no jardim. A única vez em que Ellie a tinha visto fora quando nos leu a sorte. Se Ellie a visse, pareceria uma velha sem nada de especial, a desenterrar batatas. Entretanto, não a encontramos. O chalé estava fechado. Perguntei se tinha morrido, mas a pessoa a quem fiz a pergunta respondeu, de cabeça, negativamente.

— Deve ter ido para fora — disse ela. — Costuma desaparecer, de vez em quando. É uma verdadeira cigana. Não fica, por isso, dentro de casa. Perambula por aí e volta de novo — ela apontou o dedo para a cabeça. — Não é certa da bola.

Pouco depois, procurando esconder a curiosidade, disse: — Vêm da nova casa lá de cima, aquela que acaba de ser construída no topo do morro, não é?

— É verdade — disse eu, — mudamo-nos na noite passada.

— É uma casa lindíssima — disse ela. — Todos fomos vê-la durante a construção. Faz uma diferença ver uma casa daquelas num lugar onde só existiam árvores escuras — virou-se para Ellie, muito timidamente: — Segundo ouvimos a senhora é americana, não é?

— Sim — disse Ellie — sou americana, ou melhor, era, pois, casando-me com inglês, tornei-me inglesa.

— E vieram para morar aqui, permanentemente, não é? Respondemos que sim.

— Pois espero que gostem do lugar — parecia ter as suas dúvidas.

— Por que não havíamos de gostar?

— Ora, é muito isolado lá em cima. As pessoas nem sempre gostam de viver num lugar solitário, totalmente cercado de árvores.

— O Campo do Cigano — disse Ellie.

— Oh! Conhecem a denominação local, não é? Mas a casa que lá existia se chamava As Torres. Não sei por quê. Ali não havia torre alguma, pelo menos no meu tempo.

— Creio que As Torres é um nome tolo — disse Ellie.

— Creio que continuaremos a chamá-la Campo do Cigano.

— Temos que avisar a agência dos correios — disse eu, — pois, do contrário, não receberemos carta alguma.

— Não, creio que não receberemos.

— No entanto, pensando nisso — disse eu, — que importaria, Ellie? Não seria melhor se não recebêssemos cartas de espécie alguma?

— Isso poderia trazer uma série de complicações — disse Ellie. — Não nos chegariam às mãos nem mesmo as contas.

— Essa seria uma esplêndida ideia — disse eu.

— Não seria, não — disse Ellie — viriam os meirinhos e acampariam por lá. Seja como for — disse ela, — não me agradaria deixar de receber cartas. Quero ter notícias de Greta.

— Deixe Greta de lado — disse eu. — Vamos prosseguir em nossa inspeção.

E, assim, corremos o Kingston Bishop. Era uma cidadezinha agradável, com pessoas amáveis nas lojas. O local nada apresentava de sinistro. Nossos empregados domésticos não o apreciavam muito, porém não tardamos em providenciar para que carros de aluguel os levassem à cidade mais próxima, à beira-mar, ou a Markett Chadwell, nos dias de folga. Sentiam-se pouco entusiasmados com a situação da casa, porém não era a superstição que os aborrecia. Chamei a atenção de Ellie para o fato de que ninguém poderia dizer que a casa era mal-assombrada, pois acabava de ser concluída.

— Não — disse Ellie, — não se trata da casa. Não há nada em relação à casa. É fora dela. É a estrada cheia de curvas por entre as árvores, é o trecho de escura floresta, onde, outro dia; dei um pulo ao ver diante de mim aquela mulher.

— Pois bem, no ano próximo — disse eu, — poderíamos cortar as árvores e plantar uma porção de rododendros ou coisa parecida.

Continuamos a fazer planos.

Greta veio passar conosco o fim-de-semana. Mostrou-se entusiasmada com a casa e felicitou-nos pelo mobiliário, quadros e combinação de cores.

Possuía muito tato. Disse, ao termo do fim-de-semana, que não continuaria a perturbar nossa lua-de-mel e, de toda forma, tinha que voltar para o emprego.

Ellie mostrou-lhe a casa com prazer. Pude verificar quanto Ellie gostava dela. Tratei de me comportar com muita sensatez e amabilidade, mas fiquei satisfeito quando Greta voltou para Londres, pois sua permanência me abalava os nervos.

Ao lá voltarmos após duas semanas, fomos bem recebidos pela gente do local e travamos relação com o "deus". Este, uma tarde nos visitou. Ellie e eu discutíamos onde colocar uma orla de flores, quando entrou nosso empregado, correto, porém para mim não muito sincero, anunciando a presença do Major Phillpot na sala de estar. Foi então que baixinho, eu disse a Ellie: — O "deus"!

Ellie perguntou-me o que significava isso.

— Bem, é assim que o considera a gente da localidade — disse eu.

Entramos na casa e lá estava o Major Phillpot. Era apenas um homem simpático, indefinível, perto dos sessenta. Usava roupa esporte, bastante surrada, tinha cabelos grisalhos, um tanto ralos em cima, e pequeno bigode eriçado. Desculpou-se por não trazer a esposa para nos visitar: era, como explicou, uma espécie de inválida. Sentou-se e conversou conosco. Nada do que falou era extraordinário ou de especial interesse. Tinha uma aptidão especial para fazer com que as pessoas se sentissem à vontade. Tocou, de leve, em uma variedade de assuntos. Não formulou perguntas diretas, mas sem demora, percebeu os assuntos de nosso especial interesse. Falou comigo a respeito de corridas e com Ellie acerca de como fazer um jardim e das plantas que se davam bem neste solo. Estivera nos Estados Unidos umas duas vezes. Descobriu que, embora Ellie não se interessasse pelas corridas de cavalos, gostava de montar. Disse-lhe que, se ia ter cavalos, poderia subir por um determinado caminho no meio do pinheiral e chegar a um trecho de terreno pantanoso, onde conseguiria dar um bom galope. Chegamos, então, ao assunto da nossa casa e das lendas a propósito do Campo do Cigano.

— Vejo que conhece o nome local — disse ele, — e presumo que também as superstições do lugar.

— Avisos de ciganos em profusão — disse eu. — Avisos em demasia.

Principalmente da velha Sra. Lee.

— Valha-me Deus! — disse o Sr. Phillpot. — Pobre velha Esther! Ela os tem aborrecido, não é?

— É meio doida? — perguntei.

— Não tanto quanto quer parecer. Sinto-me mais ou menos responsável por ela. Dei-lhe aquele chalé para morar — disse, — e ela não se mostra muito grata. Gosto da velha, embora, às vezes, se torne bastante

importuna.

— Lendo a sorte?

— Não, isso não é o principal. A propósito, ela lhes leu a sorte?

— Não sei se a isso se pode chamar sorte — disse Ellie.

— Foi mais um aviso contra a nossa vinda para aqui.

— Parece-me muito esquisito — levantaram-se as sobrancelhas bastante espessas do Sr. Phillpot. — Ela geralmente tem mel na boca quando lê a sorte: um belo desconhecido, sinais de casamento próximo, seis filhos e um montão de sorte e dinheiro, minha linda moça — inesperadamente, ele imitava a voz lamurienta da cigana. — Quando era criança, os ciganos acampavam muito aqui — disse ele. — Creio que tinha então grande estima por eles, apesar de serem um bando de ladrões. No entanto, sempre me atraíram. Desde que não se espere deles o cumprimento da lei, tudo vai bem.

No meu tempo de colégio, comi, em pratos de folha, muitos ensopados ciganos. Julgamos que a família devia alguma coisa à Sra. Lee, porque salvou a vida de um de meus irmãos quando criança, pescando-o de um tanque, onde caíra, atravessando o gelo.

Por ter feito um gesto desajeitado, derrubei um cinzeiro de vidro, que se achava em cima da mesa e que ficou reduzido a estilhaços.

Apanhei os fragmentos e o Major Phillpot me ajudou.

— Considero a Sra. Lee, de fato, inofensiva — disse Ellie. — Foi tolo de minha parte ficar amedrontada.

— Amedrontou-se? — as sobrancelhas dele novamente se ergueram. — Era tão mau assim?

— Não me admiro de que ficasse com medo — disse eu, rapidamente.

— Parecia mais ameaça que aviso.

— Ameaça! — ele se mostrou bastante incrédulo.

— Bem, foi o que me pareceu. E depois, na mesma noite em que nos mudamos para aqui, outra coisa aconteceu.

Contei-lhe o caso da pedra que penetrara pela janela.

— Sei que há, hoje em dia, muitos jovens desordeiros — disse ele, — embora não tenhamos tantos por aqui, como em outros lugares. E, no entanto, acontecem dessas coisas lamentáveis — ele olhou para Ellie. — Sinto muito que se tenha atemorizado. Foi lamentável acontecer tal coisa na sua primeira noite aqui.

— Oh! Isso já passou — disse Ellie. — Não foi só isso, houve... outro fato, ocorrido pouco tempo depois.

Contei-lhe isso também. Íamos descendo, certa manhã, quando

encontramos uma ave morta espetada por uma faca e com ela, um pequeno pedaço de papel, onde se lia, em rabiscos de iletrado: "Saiam daqui se sabem o que é bom para vocês".

Phillpot ficou, então, furioso, dizendo: — Deviam ter-se queixado à polícia. — Não o fizemos; afinal de contas, isso só ia indispor quem quer que fosse ainda mais, contra nós.

— Bem, há que pôr um paradeiro nessas coisas — disse Phillpot. De repente, tornou-se um magistrado. — Se não, elas vão continuar. Julgam que é engraçado. Mas isso parece algo mais que uma brincadeira. É baixo, malicioso. Será que — disse ele, como se estivesse falando com os seus botões, — alguém por aqui nutre algum ressentimento contra vocês, quero dizer, contra um de vocês, individualmente?

— Não — disse eu, — não pode ser isso, pois somos ambos estranhos por aqui.

— Vou investigar — disse Phillpot.

Levantou-se para sair, olhando para os lados enquanto o fazia.

— Sabe — disse ele, — que gosto de sua casa. Não pensei que viesse a gostar. Sou um tanto antiquado, o que se costumava chamar um velho atrasadão. Gosto de velhas casas e velhas construções. Não aprecio essas fábricas de caixas de fósforos que se estão construindo por todo o país.

Grandes caixas. Como cortiços. Agradam-me construções com algum ornamento, alguma graça. Mas gosto desta casa. É simples e muito moderna, suponho, mas tem um pouco de forma e de luz. E, quando se olha para fora, veem-se as coisas, digamos, de maneira diferente daquela em que se estava acostumado a vê-las. É interessante. Muito interessante. Quem a projetou? Um arquiteto inglês ou americano?

Falei-lhe de Santonix.

— Ah! — disse ele — Creio que li alguma coisa sobre esse homem, em algum lugar. Teria sido em *Casas e Jardins?* Creio que vi fotografias ou coisas tais.

Disse que ele era bastante conhecido.

— Teria prazer em conhecê-lo, embora, provavelmente, não soubesse o que dizer. Não tenho temperamento artístico.

Pediu-nos, então, que marcasse dia para almoçarmos com ele e a esposa.

— Vocês verão se gostam de minha casa — disse ele.

— Suponho que seja uma velha casa — disse eu.

— Construída em 1720. Bela época. A casa originária era elisabetana.

Incendiou-se, nas proximidades de 1720, e outra foi construída no

mesmo local.

— Então sempre moraram por aqui? — perguntei. Evidentemente, não me referia à pessoa dele e fui compreendido.

— Sim. Sempre moramos aqui, desde os tempos elisabetanos. Às vezes, prósperos; outras, em altos e baixos, vendendo terras, quando as coisas iam mal e comprando-as de novo, quando melhoravam. Terei muito prazer em mostrá-la a ambos; — virando-se para Ellie, acrescentou, com um sorriso: — os americanos gostam de casas antigas, eu sei. Você é quem, provavelmente, não apreciará tanto — disse ele, dirigindo-se a mim.

— Não tenho a pretensão de saber muito acerca de coisas antigas.

Depois, ele se retirou. No carro, estava à espera, um cão spaniel. Era um velho carro amassado, com a pintura arranhada, mas a essa altura, eu já começava a fazer minhas apreciações. Sabia que nesta parte do mundo ele era ainda um "deus" e havia aposto em nós o selo de sua aprovação. Pude perceber isso. Gostou de Ellie. Estava inclinado a pensar que também gostava de mim, embora notasse os olhares de observação que, de quando em quando, me dirigia, como se estivesse fazendo juízo apressado acerca de alguma coisa que via pela primeira vez.

Estava Ellie colocando, cuidadosamente, na cesta os cacos de vidro, quando voltei à sala de estar.

— É pena que se tenha quebrado — disse ela, tristemente. — Gostava dele.

— Podemos conseguir outro igual — disse eu. — É moderno.

— Eu sei! Que foi que o espantou, Mike? Pensei por uns instantes.

— Alguma coisa que me disse Phillpot. Fez-me lembrar algo que se passou comigo em criança. Um companheiro de colégio e eu fizemos gazeta e fomos patinar num tanque local. A camada de gelo não nos aguentava, tolas crianças que éramos. Ele afundou no gelo e se afogou, antes que alguém o pudesse salvar.

— Que horror!

— Sim. Havia-me esquecido do episódio até que Phillpot relatou o que acontecera ao irmão.

— Gosto dele, Mike, e você?

— Sim, muitíssimo. Que tal será a mulher?

Fomos almoçar com os Phillpots no princípio da semana seguinte. Era uma bonita casa georgiana, bela em seu estilo, porém não de entusiasmar.

Por dentro, achava-se dilapidada, sem deixar de ser confortável. Nas paredes da comprida sala de jantar, havia retratos, que julguei serem de antepassados. Não eram bons, em sua maioria, mas poderiam ter melhor

aparência se estivessem limpos. Agradou-me o de uma moça de cabelos louros, vestida de cetim cor-de-rosa. O Major Phillpot sorriu e disse: — Fixou-se em um de nossos melhores quadros. É de autoria de Gainsborough e dos bons, embora, na época, o modelo haja causado certos transtornos. Existiam fortes suspeitas de que tivesse matado o marido.

Talvez se tratasse de preconceito, por ser estrangeira. Gervase Phillpot a encontrou em algum lugar, fora do país.

Alguns de nossos vizinhos foram convidados para nos conhecer. O Dr. Shaw, homem de idade, com aspecto bondoso, porém cansado, teve de sair às pressas, antes de terminada a refeição. Estavam presentes o vigário, jovem e sério, e uma senhora de meia-idade, de voz insolente, que criava cachorros Corgi. E também lá se encontrava uma moça alta, morena e simpática, chamada Claudia Hardcastle, que parecia viver para os cavalos, apesar de uma alergia que se manifestava por violenta febre de feno.

Ela e Ellie deram-se muito bem. Ellie adorava montar a cavalo e sofria da mesma alergia.

— Nos Estados Unidos, é principalmente a tasneira que em mim a provoca — disse ela, — mas, às vezes, os cavalos também o fazem. Não sofro tanto hoje em dia porque há drogas excelentes de que dispõem os médicos para as diversas espécies de alergia. Dar-lhe-ei algumas de minhas cápsulas alaranjadas. E, se não se esquecer de tomar uma delas antes de montar, você não dará um espirro sequer.

Claudia Hardcastle disse que seria magnífico. — Os camelos fazem-me maior mal que os cavalos — disse ela. — Estive no Egito, no ano passado, e as lágrimas me caíram pelo rosto abaixo durante todo o tempo em que permaneci em volta das pirâmides.

Ellie disse que há pessoas alérgicas aos gatos.

— E também aos travesseiros — e continuaram assim, a falar a respeito de alergias.

Sentei-me ao lado da Sra. Phillpot, esguia e graciosa, que só falava de sua doença no intervalo das garfadas de uma refeição abundante. Deu-me completa descrição de seus padecimentos e de como muitos eminentes membros da profissão médica ficaram intrigados com o seu caso. Fez, incidentemente, uma digressão social e perguntou-me de que me ocupava.

Aparei esse golpe e ela realizou esforços desanimados para saber quem eu conhecia. Podia ter respondido sinceramente "ninguém", mas achei preferível refrear-me porque ela não era, na realidade, esnobe e pouco se interessava pelo que eu fizesse. A Sra. Corgi, cujo verdadeiro nome não havia percebido, era mais profunda nas perguntas, mas eu a

desviei para o assunto geral da iniquidade e ignorância dos veterinários! Foi tudo muito agradável e calmo, embora bastante monótono.

Mais tarde, ao fazermos uma inspeção superficial do jardim, Claudia Hardcastle se aproximou de mim, dizendo, abruptamente: — Já ouvi meu irmão falar a seu respeito.

Fiquei surpreso. Não podia imaginar que conhecesse um irmão de Claudia Hardcastle.

— Tem certeza? — perguntei.

Ela achou engraçado. — Aliás, foi quem construiu sua casa.

— Quer dizer que *Santonix* é seu irmão?

— Irmão unilateral. Não o conheço bem. Raramente nos encontramos.

— Ele é maravilhoso — disse eu.

— Sei que há pessoas que assim o consideram.

— E a senhora?

— Não estou certa. Tem duas facetas. Tempo houve em que ia afundando. Ninguém queria negócios com ele. Mas, depois, pareceu mudado. Começou a ter êxito na profissão, de maneira verdadeiramente extraordinária. Foi como se se tornasse... — e fez uma pausa à procura de uma palavra — dedicado.

— Creio que é isso, precisamente isso, o que ele é.

Perguntei-lhe, então, se já havia visto nossa casa.

— Não, não vi, depois de terminada.

Disse que devia ir vê-la.

— Previno-o de que não vou gostar. Não aprecio casas modernas. O meu período favorito é o da Rainha Ana.

Disse-me que tencionava propor Ellie para o clube de golfe. Iriam andar a cavalo juntas. Ellie tencionava comprar um cavalo e talvez mais de um. As duas pareciam ter-se tornado amigas.

Ao me mostrar as cavalariças, Phillpot disse umas poucas palavras a respeito de Claudia.

— Caça bem a cavalo — disse ele. — É pena que tenha estragado a vida.

— Como assim?

— Casou-se com um homem rico, anos mais velho. Americano. Chamado Lloyd. Não deu certo. Separaram-se pouco depois. Ela passou a usar o nome de solteira. Não creio que se torne a casar. Ficou contra os homens. É uma pena.

No carro, a caminho de casa, disse Ellie: — Monótonos, mas atenciosos. Boa gente. Vamos ser muito felizes por aqui, Mike, não é mesmo?

Respondi: — Vamos, sim — e, tirando a mão do volante, coloquei-a sobre as dela.

Chegados à casa, deixei Ellie e fui pôr o carro na garagem.

De volta a casa, ouvi o leve tanger do violão de Ellie. Ela possuía belíssimo violão espanhol, que devia valer um dinheirão. Ao seu som, costumava cantarolar, numa voz baixa e suave, muito agradável de ouvir.

Não conhecia a maior parte das cantigas. Algumas deviam ser cantos de negros americanos; outras, velhas baladas irlandesas e escocesas, doces e algo tristes. Não eram música popular ou coisa parecida. Possivelmente, canções folclóricas.

Dei a volta pelo terraço e antes de entrar fiquei parado junto à janela.

Ellie estava cantando uma das minhas canções favoritas. Não sei como se chamava. Cantarolava suavemente as palavras, inclinando a cabeça para o violão e puxando, delicadamente, as cordas. Era uma pequena melodia, doce e triste:

Man was made for joy and woe
And when this we rightly know
Thro the word we safely go...
Every night and every morn
Some to misery are born
Every morn and every night
Some are born to sweet delight
Some are *born to endless night**

* O texto reproduz, no original inglês, os versos de William Blake, em *Augúrios de Inocências* que significam o seguinte: "O homem foi feito para alegria e desgraça / E quando disso tem consciência / Pelo mundo em segurança se caminha... / Todas as noites e todas as manhãs / Nascem alguns para o infortúnio / Todas as manhãs e todas as noites / Nascem alguns para doce prazer / Nascem outros para uma noite sem fim. (Nota do Tradutor).

Ao levantar a cabeça, ela me viu.

— Por que está olhando para mim desse modo, Mike?

— De que modo?

— Como se me amasse...

— É claro que a amo. De que outra maneira deveria eu olhar para você?

— Mas, em que estava pensando naquele momento? Respondi,

vagarosa e sinceramente: — Pensava em você, da maneira em que a vi pela primeira vez, de pé, junto a um pinheiro — e era verdade: estava-me lembrando do primeiro momento em que vi Ellie, da surpresa e da emoção... Ellie sorriu para mim e, suavemente, cantou:

Every morn and every night
Some are bom to sweet delight
Some are bom to sweet delight
Some are bom to endless night

Ninguém reconhece na própria vida, a não ser tarde demais, os momentos que são realmente importantes.

Aquele dia, quando, terminado o almoço com os Phillpots, voltamos, venturosos, ao lar, foi um desses momentos. Só depois vim a percebê-lo.

Disse eu: — Cante-me aquela cantiga a respeito da mosca — e ela mudou para uma melodiosa música de dança, cantando:

Little fly
Thy summer's play
My thoughless hand
Has brushed away
Am I not I
A fly like thee?
Or are not thou
A man like me?
For I dance
And drink and sing,
Till some blind hand
Shall brush my wing
If thought is life
And strenght and breath
And the want of thought is death
Then am I
A happy fly
If I live
*Or if I die**

Oh! Ellie, Ellie...

* Reproduziram-se no texto, em inglês, as próprias palavras da cantiga. Elas significam o seguinte: Pequena mosca / Tua brincadeira de verão / Minha mão estouvada *Acaba de varrer.* Não sou eu também *Mosca como tu?* Ou não és tu *Um homem como eu?* Pois eu danço *E bebo e canto* Até que

cega mão *Venha varrer-me a asa.* Se pensamento é vida / E força e respiração / E a falta de pensamento é a morte / Então eu sou / Uma feliz mosca /

Quer viva / Quer morra. (Nota do tradutor)

XV

É SURPREENDENTE como, neste mundo, as coisas não acontecem, de modo algum, da forma que se esperava acontecessem!

Mudamos para nossa casa, lá morávamos e nos afastáramos de todos, exatamente como eu desejava e havia planejado. Mas a verdade é que não nos havíamos afastado de todos. Coisas se empilhavam contra nós, através do oceano e por outras formas.

Antes de tudo, era a detestável madrasta de Ellie. Mandava cartas e telegramas pedindo a Ellie que procurasse corretores de imóveis. Havia ficado tão fascinada, dizia, com a nossa casa, que queria possuir uma na Inglaterra. Afirmava que desejaria passar, todos os anos, uns dois meses na Inglaterra. Pouco depois do último telegrama, efetivamente chegou e teve que ser acompanhada pelos arredores, a examinar uma porção de propostas.

Por fim, decidiu-se, mais ou menos, por uma certa casa, distante da nossa cerca de vinte quilômetros. Não a queríamos ali, detestávamos a ideia, porém não podíamos dizer-lhe. Ou melhor, mesmo que lho houvéssemos dito, não conseguiríamos evitar que a adquirisse, se assim o desejasse. Não poderíamos ordenar-lhe que não viesse. Era a última coisa que Ellie queria.

Eu bem o sabia. Entretanto, enquanto ela aguardava o relatório do agrimensor, chegaram alguns telegramas.

Tudo indicava que o tio Frank se envolvera numa trapalhada. Segundo percebi, era algo de desonesto e fraudulento, do qual só poderia sair com o dispêndio de grande quantia. Trocaram-se outros telegramas entre o Sr. Lippincott e Ellie. E, então, verificou-se que havia uma disputa entre o Sr. Stanford Lloyd e o Sr. Lippincott, a propósito de investimentos de Ellie. Em minha ignorância e credulidade, julgava que pessoas residentes na América se achavam a longa distância. Nunca me apercebi de que os parentes de Ellie e as pessoas que com ela tinham negócios achariam facílimo tomar um avião para a Inglaterra e voltar vinte e quatro horas depois. O primeiro a fazê-lo foi Stanford Lloyd. Veio depois Andrew Lippincott.

Ellie teve de ir ao encontro deles em Londres. Eu nada entendia desses assuntos financeiros. Parecia-me que todos eram muito cautelosos no falar.

Tratava-se de alguma coisa relacionada com a entrega dos fundos fiduciários a Ellie, despontando uma sugestão sinistra de que ou o Sr.

Lippincott estava protelando o caso, ou Stanford Lloyd atrasava, dolosamente, a prestação de contas.

Num período de calmaria em meio a essas preocupações, Ellie e eu descobrimos o nosso Desatino. Não havíamos ainda examinado todos os nossos bens, mas apenas os que circundavam a casa. Costumávamos percorrer os caminhos através da floresta e ver aonde conduziam. Certo dia, seguimos uma espécie de picada, tão coberta de vegetação, que não se podia ver bem onde se achava originariamente. Desbastamos, entretanto, o mato e chegamos a um lugar que Ellie chamou Desatino. O lugar dava a impressão de um pequeno, branco e ridículo templo. Encontrava-se em regular estado de conservação e, por isso, o limpamos, pintamo-lo e nele colocamos uma mesa, algumas cadeiras, um divã e um armário, com louça, copos e garrafas.

Foi realmente divertido. Ellie queria que se limpasse a picada para facilitar a subida, mas eu me opus, porquanto seria mais agradável se ninguém, exceto nós mesmos, soubéssemos de sua existência. Ellie considerou a ideia romântica.

— É evidente que nada diremos a Cora — observei, e Ellie concordou.

Foi ao descermos dali, não da primeira vez e sim mais tarde, quando, depois da partida de Cora, contávamos ficar novamente em paz, que Ellie, escapulindo-se de mim, repentinamente tropeçou numa raiz de árvore e torceu o tornozelo.

Foi chamado o Dr. Shaw, que diagnosticou grave distensão, declarando porém, que talvez ficasse novamente em condições de andar, dentro de uma semana. Ellie mandou buscar Greta. Não pude objetar. Não havia ninguém — refiro-me a uma mulher — que dela pudesse devidamente cuidar. Os criados eram imprestáveis e, de toda forma, Ellie queria Greta. Foi assim que esta veio.

Chegou e foi, evidentemente, uma grande bênção para Ellie. E também para mim, no que me tocava. Ela tomava providências e mantinha a casa em bom funcionamento. Os criados despediram-se. Alegaram que o lugar era muito solitário, mas creio que, na realidade, Cora os desgostara. Greta pôs um anúncio e outro casal se apresentou, quase imediatamente. Ela tratou do tornozelo de Ellie, distraiu-a, buscava coisas que sabia, e eu não, serem do seu gosto, tais como livros e frutas. Davam a impressão de muito felizes, uma em companhia da outra. Não há dúvida quanto ao prazer de Ellie ao rever Greta. E, por um motivo ou outro, Greta não foi embora... Deixou-se ficar. Disse-me Ellie: — Você não se incomoda, não é, se Greta ficar um pouco mais.

Respondi: — Oh não. Evidentemente, não.

— É para mim grande conforto a presença dela — disse Ellie. — Há tantas coisas femininas que, juntas, podemos fazer. Uma mulher se sente muito só sem outra a seu lado.

Cada dia que se passava, vi Greta assumir maiores responsabilidades, dar ordens, dominar a situação. Fingi gostar da presença de Greta, mas, um dia, quando Ellie se achava de pé estendido na sala de estar, Greta e eu, no terraço, nos empenhamos, de repente, numa discussão. Não posso recordar-me das exatas palavras que lhe deram causa. Greta disse alguma coisa que me desagradou e eu respondi asperamente. E aí começou o bate-boca.

Elevaram-se as vozes. Ela caiu sobre mim, dizendo as coisas mais ofensivas e cruéis de que se possa cogitar e eu retribui à altura. Disse-lhe que era uma mulher mandona e metida, que exercia demasiada influência sobre Ellie, que não toleraria ver Ellie mandada por ela o tempo todo. Gritamos um com o outro, até que, de repente, Ellie, mancando, chegou ao terraço, olhou para nós, e disse: — Querido, sinto muito, muito mesmo.

Voltei para dentro de casa e pus Ellie, novamente, no | sofá. E, então, ela disse:

— Não percebi. Não percebi, de todo, que você detestava tanto a presença de Greta.

Confortei-a, acalmei-a e pedi que não reparasse, pois tinha perdido a paciência e, às vezes, era muito brigão. Declarei que tudo decorria do fato de ser Greta, em minha opinião, um tanto mandona. Talvez isso fosse natural, pois assim se acostumara. Terminei por afirmar que, na realidade, gostava muito de Greta, tendo apenas me exaltado por estar mal disposto e preocupado. Tudo afinal acabou, praticamente, com um pedido meu a Greta para ficar.

Foi uma verdadeira cena, a que fizemos. Acredito que muitas outras pessoas da casa também a tenham ouvido. De certo, o nosso novo criado e a mulher. Costumo gritar quando me zango. Confesso que, de fato, me excedi um pouco. Sou assim.

Greta parecia insistir em se preocupar com a saúde de Ellie, dizendo que esta não devia fazer isso ou aquilo.

— Sabe que Ellie não é muito forte — disse-me ela.

— Ellie não tem nada _ disse eu, — sente-se sempre bem.

— Não, Mike, não é assim. Ela é muito débil. Durante a primeira visita do Dr. Shaw, quando este veio examinar o tornozelo de Ellie, dizendo-lhe, aliás, que já se achava completamente boa e recomendando o uso de uma

atadura caso caminhasse por terreno acidentado, eu lhe perguntei, da maneira tola que, suponho, usam os homens: — Dr. Shaw, ela não é débil ou coisa semelhante?

— Quem disse que é fraca ?— o Dr. Shaw era um desses clínicos raros hoje em dia, conhecido na redondeza como "Shaw, o Naturalista".

— Até onde posso ver, ela não tem doença alguma. Qualquer pessoa pode torcer o tornozelo.

— Não me refiro ao tornozelo. Estava pensando em coração fraco ou coisa parecida.

Ele olhou para mim por cima dos óculos — Não comece a imaginar coisas, meu jovem. Quem lhe pôs isso na cabeça? É você desse tipo de gente que geralmente se preocupa com doenças de mulheres?

— Foi pelo que disse a Senhorita Anderson.

— Ah! a Senhorita Anderson. Que sabe ela desse assunto? Não tem conhecimentos médicos, tem?

— Oh! não — disse eu.

— Sua esposa possui grande fortuna — disse ele, — ao menos é o que se diz por aqui. É claro que algumas pessoas julgam ricos todos os americanos.

— Ela é rica — disse eu.

— Bem, lembre-se disto. As mulheres ricas, sob certos aspectos, levam desvantagem. Não faltam médicos que lhes estejam sempre a prescrever pós, pílulas, estimulantes, fortificantes ou tranquilizantes, coisas que, em geral, poderiam perfeitamente dispensar. As mulheres do campo são mais sadias, porque ninguém se preocupa, dessa forma, com sua saúde.

— Ela toma cápsulas ou remédios dessa espécie —disse eu.

— Far-lhe-ei, se quiser, um exame geral. É bom saber que drogas lhe deram. Já tenho dito a muita gente: jogue toda essa porcaria na cesta de papéis.

Falando com Greta, antes de sair, disse ele:

— O Sr. Rogers me pediu que fizesse na Sra. Rogers um exame geral.

Não encontrei nela doença alguma. Penso que lhe fariam bem mais exercícios ao ar livre. Que remédios vem ela tomando?

— Toma certos comprimidos quando se sente cansada e outros, quando quer, para dormir.

Ela e o Dr. Shaw foram ver as receitas de Ellie, ao passo que esta sorria.

— Não tomo tudo isso, Dr. Shaw — disse Ellie. — Apenas as cápsulas contra alergia.

Shaw olhou para as cápsulas, leu a prescrição e disse que não faziam

mal, passando, então, a examinar as pílulas para dormir.

— Custa a dormir?

— Não, aqui no campo, não. Creio que, desde a nossa chegada, não tomei uma só pílula para dormir.

— Bem, isso é bom — bateu-lhe nas costas. — A senhora não tem nada, minha cara. Diria que possui, às vezes, a tendência de se preocupar um pouco. Nada mais. Essas cápsulas são bastante fracas. Hoje em dia, muita gente as toma e não causam nenhum mal. Continue a usá-las, mas abandone as pílulas para dormir.

— Não sei porque me preocupei — disse a Ellie, em tom de desculpa. — Creio que foi por causa de Greta.

— Oh! — disse Ellie, rindo, — Greta faz onda em relação a mim. Ela própria não toma remédios de espécie alguma — e prosseguiu: —Faremos greve e jogaremos fora a maior parte de tais drogas.

A essa altura, Ellie já havia feito relações muito cordiais com a maioria dos vizinhos. Claudia Hardcastle aparecia frequentemente e andava, de vez em quando, a cavalo em companhia de Ellie. Eu não montava. Lidara com automóveis e outros objetos mecânicos toda a minha vida. Nada sabia a respeito de cavalos, se bem que, por uma ou duas semanas, já houvesse limpado estrebarias na Irlanda; mas, quando nos encontrávamos em Londres, pensei comigo mesmo em ir a uma cavalariça para aprender a montar direito.

Não queria aprender neste lugar. Era muito provável que a gente local se risse de mim. Julguei que montar a cavalo talvez fizesse bem a Ellie. Isso parecia diverti-la.

Greta, embora nada soubesse de cavalos, incentivava-a para que montasse.

Ellie e Claudia foram juncas a um leilão e, seguindo o conselho desta, Ellie adquiriu um cavalo castanho, ao qual deu o nome de *Conquistador.*

Recomendei que tomasse cuidado quando montasse sozinha, mas Ellie riu de mim.

— Monto desde a idade de três anos — disse ela.

E assim ela montava duas ou três vezes por semana. Greta usava o carro para fazer compras em Markett Chadwell.

Um dia, durante o almoço, disse Greta: — Você e suas ciganas! Vi hoje de manhã uma velha horrível. Estava de pé, no meio da estrada. Poderia tê-la atropelado. Ficou parada diante do automóvel. Tive que parar. Ia também subindo o morro.

— Por quê? O que ela queria?

Ellie nos ouvia a ambos, sem nada dizer. Julguei, no entanto, que estava bastante preocupada.

— Ameaçou-me, aquela atrevida — disse Greta.

— Ameaçou-a? — perguntei, perplexo.

— Sim, disse que saísse daqui, acrescentando: "Esta terra é dos ciganos. Vá-se embora. Vão-se embora todos vocês. Voltem para o lugar de onde vieram, se querem ficar incólumes." E depois, levantando o indicador balançou-o em direção a mim, exclamando: "Se eu a amaldiçoar, nunca mais terá sorte na vida. Comprar terras que são nossas e nelas construir casas! Não queremos casas onde devia haver barracas de moradia."

Greta contou muito mais. Ellie disse depois, franzindo um pouco as sobrancelhas:

— Tudo isso me parece altamente improvável, não acha, Mike?

— Creio que Greta estava exagerando um pouco — respondi.

— Por algum motivo, não parecia verdade — disse Ellie. Perguntou-me se Greta não estava inventando, pelo menos em parte.

Ponderei: — Por que inventaria? — e, depois, perguntei, bruscamente: — Você não viu essa Esther ultimamente, viu? Especialmente, quando passeava a cavalo?

— A mulher cigana? Não.

— Você me dá impressão de não estar bem certa, Ellie — disse eu.

— Creio que a vislumbrei — disse Ellie. — Por entre as árvores, de pé, porém não suficientemente perto para me dar certeza.

Entretanto, um dia, Ellie voltou de um passeio a cavalo, lívida e trêmula.

A velha mulher saíra do meio das árvores. Ellie puxou as rédeas e parou para lhe falar. Disse que a velha lhe apontou o indicador, resmungando, e continuou: — Dessa vez eu fiquei furiosa e falei assim: "O que quer aqui? Estas terras não lhe pertencem. A terra e a casa são nossas." Disse, então, a velha: "Essa terra nunca será sua, nunca há de lhe pertencer. Já a preveni uma vez e repeti. Não o farei novamente. E não tardará muito, posso garantir-lhe. É a morte o que prevejo. Lá por trás das costas, do seu lado esquerdo. É a morte que a espera, e ela virá. Uma das patas do cavalo que está montando é branca. Não sabe que dá má sorte montar um cavalo com uma das patas brancas? É a morte que eu vejo e a grande casa que construiu cairá em ruínas!

— Isso tem que parar — disse eu furioso. Ellie, desta vez, não ficou indiferente. Tanto ela quanto Greta pareciam assustadas. Dirigi-me diretamente à aldeia. Fui primeiro ao chalé da Sra. Lee. Hesitei por uns instantes, mas, não tendo visto luz, encaminhei-me para a delegacia de

polícia. Conhecia o comissário de serviço, Keene, homem honesto e sensato. Ele, depois de me ouvir, disse: — Lamento que tenha tido esse aborrecimento. Aquela mulher é muito velha e se está tornando cansativa. Até agora não nos tinha dado muito trabalho. Vou falar com ela e dizer que acabe com isso.

— Agradeço-lhe — disse eu.

Ele, com certa hesitação, perguntou: — Não gosto de fazer insinuações, mas ao que saiba, haverá alguém por estas bandas que, por algum motivo sem importância, tenha raiva do senhor ou de sua esposa?

— Parece muito improvável. Por que pergunta?

— A velha Sra. Lee parece dispor de muito dinheiro nos últimos tempos... e não sei de onde vem.

— O que está insinuando?

— Talvez esteja sendo paga por alguém, alguma pessoa que os queira fora daqui. Já houve, há muitos anos, caso parecido. Ela recebeu dinheiro de alguém na aldeia para forçar um vizinho a se mudar, inspirado pelo medo. Fez a mesma coisa... ameaças, avisos, essa história de mau olhado. Gente de aldeia é supersticiosa. Não se surpreenda com o grande número de aldeias que têm suas feiticeiras, por assim dizer privativas. Ela foi advertida na época e, tanto quanto sei, não voltou a fazê-lo... mas agora podia bem ser uma coisa do mesmo gênero. Ela gosta de dinheiro, e os ciganos podem fazer muita coisa por dinheiro...

Não pude, entretanto, aceitar a ideia. Observei a Keene que éramos completamente estranhos por aqui — Não teria havido tempo para fazermos inimigos — disse eu.

Voltei a pé para casa, preocupado e perplexo. Ao atingir o canto do terraço, ouvi o leve som do violão de Ellie, e um alto vulto, que estava de pé junto à janela, olhando para dentro, deu meia volta e se encaminhou para mim. Pensei, por um instante, que era um cigano, mas me tranquilizei ao reconhecer Santonix.

— Oh! — disse eu, num ligeiro suspiro. — É você. De onde surgiu? Há tempo que não tínhamos noticias suas.

Ele não me respondeu diretamente. Pegou-me pelo braço e me afastou da janela.

— Então, ela está aqui — disse. — Não me surpreendo. Pensei que viesse, mais cedo ou mais tarde. Por que o permitiu? Ela é perigosa. Você devia sabê-lo.

— Está-se referindo à Ellie?

— Não, não é Ellie. É a outra. Como se chama? Greta?

Encarei-o.

— Você sabe como é Greta, ou não sabe? Veio, não é? Tomou posse! Agora não se livrará dela. Veio para ficar.

— Ellie torceu o tornozelo — disse eu, — e Greta veio para cuidar dela. Imagino... que não tardará a nos deixar.

— Você não sabe nada disso. Ela sempre tencionou vir. Eu sabia. Tomei-lhe o pulso quando aqui chegou, durante a construção.

— Ellie parece precisar dela — resmunguei.

— É claro, esteve em sua companhia por algum tempo, não é? Ela sabe como lidar com Ellie.

Fora isso mesmo o que Lippincott havia dito. Podia julgar por mim mesmo, nestes últimos tempos, com quem estava a razão.

— Você a quer aqui, Mike?

— Não posso expulsá-la de casa — disse, irritado. — É velha amiga de Ellie. A melhor amiga. Que diabo posso fazer?

— Suponho que nada possa fazer, não é? Deitou-me um olhar, por sinal muito estranho. Santonix era uma pessoa esquisita. Nunca se podia saber ao certo o sentido de suas palavras.

— Sabe para onde vai, Mike? — disse ele. — Tem alguma ideia? Penso, às vezes, que não sabe de todo.

— Claro que sei — disse. — Estou fazendo o que quero. Estou indo aonde queria.

— Está? Tenho as minhas dúvidas. Tenho dúvida de que você saiba, realmente, o que quer. Tenho receio de você com Greta. Sabe que ela é mais forte que você, não sabe?

— Não sei como chegou a essa conclusão. Não é uma questão de fortaleza.

— Não é? Creio que sim. Ela é desses tipos fortes, que sempre atingem seus fins. Você não queria Greta por aqui.

Foi o que me disse. Mas aqui está ela e eu as venho observando. Ela e Ellie, sentadas lado a lado, à vontade, juntas, tagarelando e instaladas. Quem é você, Mike? O intruso? Ou não é você o intruso?

— Ao falar assim, você dá a impressão de estar louco. Que quer dizer, quando me chama de intruso? Sou, ou não, o marido de Ellie?

— É você o marido de Ellie, ou é ela a sua esposa?

— Você é um demente — disse. — Onde está a diferença?

Ele suspirou. De repente, curvaram-se-lhe os ombros, como se houvesse perdido as forças.

— Não consigo convencê-lo — disse Santonix. — Não consigo fazê-lo

ouvir-me. Não posso obrigá-lo a me compreender. Penso, às vezes, que me entende, mas outras, creio que nada sabe a respeito de si mesmo e de ninguém.

— Olhe — disse, — há um limite para o que me pode dizer, Santonix. Você é um arquiteto maravilhoso, mas...

O rosto dele se transformou, em seu aspecto singular.

— Sim — disse ele, — sou um bom arquiteto. Esta casa é a melhor coisa que já fiz. Com ela estou tão satisfeito quanto possível. Você queria uma casa deste gênero. E Ellie também, para morar com você. Ela a tem e você também. Mande embora a outra mulher, antes que seja tarde demais.

— Não posso desapontar Ellie.

— Aquela mulher levou-o para onde queria — disse Santonix.

— Venha cá — disse eu, — não gosto de Greta. Ela me ataca os nervos. Tive outro dia uma terrível briga com ela. Não é, porém, tão simples como você pensa.

— Não, em se tratando de quem se trata, não vai ser fácil.

— Quem quer que tenha chamado este lugar o Campo do Cigano e afirmado que sobre ele pesava uma maldição pode ter tido alguma razão — disse, enraivecido. — Temos ciganas que saltam por detrás das árvores, cerram os punhos para nós e nos previnem de que, se não sairmos daqui, um horrível destino nos aguarda. *Este lugar devia ser bom* e *belo.*

Eram esquisitas as últimas palavras por mim pronunciadas. Disse-as como se viessem de outra pessoa.

— Sim, devia ser assim — disse Santonix. — Deveria ser. Mas não pode, pelo mal que nele se encerra, não é?

— Estou certo de que você não acredita em...

— Há muitas coisas estranhas em que acredito... Sei algo acerca do que é sinistro. Você não se apercebeu de que eu mesmo, em parte, sou sinistro.

Sempre fui. É por isso que sei. Sinto quando o mal está perto de mim, embora nem sempre saiba onde se encontra. Quero *livrar do mal a casa que construí.* Compreendeu? — era ameaçador o tom de sua voz.

— Compreendeu? Isso me interessa. Depois disso, sua atitude mudou.

— Vamos — disse ele — deixemos de falar sobre coisas insensatas. Vamos ver Ellie.

Assim foi que entramos pela janela e Ellie saudou Santonix com enorme satisfação.

Santonix manteve-se em atitude normal toda aquela noite. Nada mais de melodramático: era ele mesmo, encantador, cordial. Falou, principalmente, com Greta, derramando sobre ela, por assim dizer, todo o

encanto que possuía. E esse encanto não era pouco. Qualquer pessoa teria jurado que a estimava, que estava ansioso por lhe ser agradável. Isso me fez perceber que Santonix era, realmente, um homem perigosíssimo, que nele havia muito mais do que vislumbrávamos.

Greta sempre foi sensível à admiração. Exibiu-se em sua melhor forma.

Possuía a habilidade de, em certas ocasiões, diminuir e, em outras, ostentar a própria beleza. Nessa noite, eu a vi mais bela do que nunca: rindo-se para Santonix, escutando, como que enfeitiçada, o que dizia. Perguntei a mim mesmo o que se escondia por trás da afabilidade. Nada se podia predizer da parte de Santonix. Ellie expressou o desejo de que ficasse alguns dias conosco, mas ele abanou a cabeça. Tinha de voltar no dia seguinte, alegou.

— Está fazendo alguma construção neste momento? Está muito ocupado?

Respondeu negativamente, dizendo que acabara de sair do hospital.

— Consertaram-me mais uma vez — disse, — mas provavelmente esta será a última.

— Consertaram-no? Que fizeram com você?

— Tiraram-me o sangue ruim do corpo e o substituíram por novo sangue vermelho — disse.

— Oh! — Ellie sentiu um leve estremecimento.

— Não se preocupe — disse Santonix, — isso nunca lhe acontecerá.

— Mas por que haveria de acontecer a você? — disse Ellie. — É cruel.

— Nada há de cruel — disse Santonix. — Acabei de ouvir o que estava cantando:

Man was made for joy and woe
And when this we rightly know
Thro the world we safely go

— Caminho em segurança porque sei a razão de aqui estar. E quanto a você, Ellie,

Every morn and every night
Some are bom to sweet delight

— Isso se aplica a você.

— Quisera poder sentir-me em segurança — disse Ellie. — Não gosto de que ninguém me ponha feitiço.

— Está falando a respeito de sua cigana?

— Sim

— Esqueça-se de tal coisa — disse Santonix. — Esqueça-se por esta noite. Vamos ficar alegres. Ellie, à sua saúde, longa vida para você... quanto a mim, um fim rápido e misericordioso; e a você, Mike, felicidade por aqui...

— parou então, com o copa erguido em direção a Greta.

— Sim — disse Greta, — e a mim?

— E a você o que lhe espera! Sucesso, quem sabe? — disse, de modo curioso, com uma pergunta de tom irônico.

Ele se foi, cedo, na manhã seguinte.

— Que homem estranho ele é — disse Ellie. — Nunca o compreendi.

— Nunca entendo *a* metade do que diz — respondi.

— Ele sabe de muita coisa — disse Ellie, pensativamente.

— Quer dizer que sabe do futuro?

— Não — disse Ellie, — não me refiro a isso. Conhece as pessoas. Já o havia dito anteriormente. Conhece melhor as pessoas que elas próprias. Por isso, muitas vezes, as detesta e, outras, delas sente pena. Acredito, porém, que não tenha pena de mim — acrescentou, meditativamente.

— Por que haveria de ter? — perguntei.

— Oh! Porque... — disse Ellie.

XVI

Foi NO DIA SEGUINTE, à tarde, quando caminhava rapidamente pela parte mais escura da floresta, onde parecia mais ameaçadora a sombra dos pinheiros, que vi o vulto de uma mulher alta, de pé, no meio do caminho, à minha frente. Supus que se tratasse de nossa cigana, mas parei, sobressaltado, ao ver quem, de fato, era. Lá estava ela, alta, severa e grisalha.

— Deus meu — disse — você me assustou, Mamãe. Que está fazendo por aqui? Veio visitar-nos? Já a convidamos muitas vezes, não é?

Em verdade, não o havíamos feito. Fiz-lhe apenas um convite, pouco caloroso. E o formulei de tal maneira que estava certo de não ser aceito por minha mãe. Não a queria aqui. Nunca havia querido.

— Tem razão — disse ela. — Vim afinal visitá-los. Vim ver se tudo lhes corria bem. É esta, então, a grande casa que construíram? Realmente, é uma grande casa — disse ela, olhando-me por cima dos ombros.

Julguei descobrir-lhe na voz o tom azedo de desaprovação que esperava encontrar.

— Grande demais para alguém como eu, hein? — perguntei.

— Não disse tal coisa, rapaz.

— Mas pensou.

— Você não nasceu para isso e não vale a pena sair de sua posição social.

— Ninguém jamais progrediria, se lhe seguisse o conselho.

— Sei perfeitamente o que você diz e pensa, porém nunca vi a ambição fazer bem a pessoa alguma. É precisamente o que se transforma em fruto amargo na boca.

— Ora, pelo amor de Deus, não ranzinze — disse eu. — Vamos. Venha examinar pessoalmente a nossa grande casa e vire-lhe a cara. Venha conhecer também minha grande esposa e vire-lhe depois a cara, se puder.

— Sua mulher? Já a conheço.

— Como é que já a conhece? — perguntei.

— Ela não lhe disse, não é?

— Quê? — perguntei.

— Que foi visitar-me.

— Ela foi visitá-la? — atônito, perguntei.

— Sim. Um dia, lá estava ela, de pé, em frente à porta, tocando a campainha e parecendo atemorizada. É uma bela moça e muito meiga,

apesar das finas roupas que vestia. Disse-me ela: "A senhora é a mãe de Mike, não é?" E eu perguntei: — "Quem é você?" Respondendo-me ela: "A mulher dele." Disse-me: "Precisava vir vê-la. Não me parecia direito deixar de conhecer a mãe de Mike..." E eu disse: "Aposto que ele não queria que você fizesse isso..." e, após certa hesitação de sua parte, eu lhe disse: "Não precisa ter preocupação em me dizer. Conheço meu filho e sei o que quer e o que não quer." Disse ela: "A senhora talvez julgue que a despreze, por serem pobres, ele e a senhora, e eu rica. Isso não é dele, asseguro-lhe que não é." Repeti, então: "Não precisa dizê-lo a mim, moça. Conheço as fraquezas de meu filho. Esta não é uma delas. Não se envergonha de sua mãe, nem de suas origens. Ele não se envergonha de mim. O que pode ter é medo de mim. Conheço-o bem demais." Esta declaração pareceu diverti-la. Disse-me então: "Creio que as mães sempre julgam assim: conhecem tudo em relação aos filhos. E eu acredito que os filhos se sintam embaraçados exatamente por esse motivo." Concordei em que, de certa forma, isso poderia ser verdade. Os jovens sempre se apresentam como atores perante o mundo. Lembro-me de quando era criança, na casa de minha tia. Havia na parede, em cima da cama, um enorme olho, em moldura dourada, com a seguinte inscrição: "Por ele Deus me vê". Causava-me arrepios pela espinha toda vez que ia dormir.

— Ellie devia ter-me dito que foi visitá-la — observei. — Não vejo por que guardou tal fato em segredo. Devia ter-me contado.

Estava zangado. Muito zangado. Não fazia a mínima ideia de que Ellie guardaria de mim segredos desse gênero.

— Ela talvez tenha ficado um tanto receosa do que havia feito, mas, meu filho, não existia motivo para ter medo de você.

— Venha — disse eu, — venha ver a nossa casa. Não sei se ela gostou da casa, ou não. Creio que não.

Percorreu os cômodos, erguendo as sobrancelhas, e depois dirigiu-se ao terraço. Lá estavam sentadas Ellie e Greta. Acabavam de chegar de fora e Greta tinha um manto escarlate pendurado nos ombros. Minha mãe olhou para ambas. Permaneceu imóvel por uns instantes, como que presa ao chão.

Ellie deu um salto da cadeira e veio à frente, atravessando o salão.

— Oh! É a Sra. Rogers — disse, e, virando-se para Greta, acrescentou: — Esta é a mãe de Mike, que vem visitar nossa casa e a nós. Que prazer!

Esta é a minha amiga Greta Anderson.

Pegou com ambas as mãos as de mamãe e esta, primeiro, olhou para ela e depois, com ar muito severo, para Greta.

— Vejo — murmurou. — Estou vendo.

— Vendo o quê? — perguntou Ellie.

— Perguntei-me a mim mesma — disse mamãe, — como seria tudo por aqui — e olhou para os lados. — Sim, é uma linda casa. Belas cortinas, cadeiras e quadros.

— Vamos tomar chá — disse Ellie.

— Parece que você acaba de tomar.

— Chá é coisa que nunca se acaba de tomar — disse Ellie, dirigindo-se depois à Greta: — Não quero que seja servido por criados. Greta, você me faria o favor de ir à cozinha e preparar um bule de chá fresco?

— É claro, minha querida — disse Greta, saindo da sala, a olhar de banda para minha mãe, numa expressão dura e quase apavorada.

Minha mãe se sentou.

— Onde está sua bagagem? — perguntou Ellie. — Veio para ficar conosco? Espero que sim.

— Não, querida, não vou ficar. Voltarei de trem, dentro de meia hora.

Desejava apenas fazer uma rápida visita — e depois acrescentou, com bastante rapidez, provavelmente porque desejava dizê-lo antes da volta de Greta: — Agora não se preocupe, querida, pois já disse a ele que você tinha ido visitar-me.

— Desculpe-me, Mike, por não lhe ter contado — disse Ellie, com firmeza; — julguei que talvez fosse melhor.

— Foi por ter bom coração — disse minha mãe. — Você se casou com uma boa moça, e bem bonita. Sim, muito bonita — acrescentou, então, a meia voz: — Desculpe-me.

— Desculpar o quê? — perguntou Ellie, ligeiramente intrigada.

— Desculpe-me por haver pensado as coisas que pensei — e acrescentou, com ar de ligeiro constrangimento: — Bem, é como dizem, as mães são assim, suspeitosas das noras. Mas, logo que a vi, senti que ele fora feliz. Pareceu-me, isso sim, bom demais para ser verdadeiro.

— Que impertinência — disse eu, a sorrir, acrescentando: — Sempre tive um gosto excelente.

— Você quer dizer que sempre teve um gosto dispendioso — observou minha mãe, olhando para as cortinas de brocado.

— Eu não sou, realmente, das piores em matéria de gosto dispendioso — disse Ellie, dirigindo-lhe o olhar.

— Faça-o, de vez em quando, economizar um pouco — disse minha mãe, será bom para o caráter dele.

— Recuso-me a melhorar o caráter — disse eu. — A vantagem de ter

uma esposa é que esta julga perfeito tudo quanto se faz. Não é verdade, Ellie?

Ellie sentia-se novamente feliz. Riu, dizendo: — Você é um orgulhoso, Mike. Um presunçoso!

Greta voltou, então, com o bule. Tínhamos estado um pouco contrafeitos e acabávamos de nos refazer. Por algum motivo, com a chegada de Greta, restabeleceu-se o constrangimento. Minha mãe resistiu a toda a insistência por parte de Ellie para fazê-la ficar, e Ellie, afinal, desistiu. Ellie e eu acompanhamos minha mãe pelo caminho sinuoso até o portão.

— Como se chama este lugar? — perguntou, abruptamente, minha mãe.

Ellie respondeu: — Campo do Cigano.

— Ah! — disse minha mãe — Há ciganos por aqui, não é?

— Como sabia disso? — perguntei.

— Vi uma subir. Pareceu-me muito esquisita.

— É inofensiva — disse eu; — é apenas meio idiota.

— Por que diz que é meio idiota? Deitou-me um olhar estranho quando me viu. Tem alguma mágoa contra vocês?

— Não acredito que seja real — disse Ellie. — Penso que tudo não passa de imaginação. Alega que a expulsamos de suas terras ou coisa parecida.

— Presumo que queira dinheiro — disse minha mãe. — Os ciganos são assim. Vêm, às vezes, com uma longa cantiga e dança acerca de como foram prejudicados, desta ou daquela maneira. Não tardam, porém, a parar quando sentem o dinheiro nas ávidas palmas da mão.

— Não gosta de ciganos — disse Ellie.

— São um bando de ladrões. Não querem trabalho estável e não tiram as mãos do que não lhes pertence.

— Ora — disse Ellie, — no momento, não estamos mais preocupados.

Minha mãe se despediu e perguntou: — Quem é aquela moça que vive com vocês?

Ellie explicou que, antes do casamento, Greta havia estado em sua companhia por três anos, e como sua vida teria sido infeliz se não fosse Greta.

— Greta fez tudo para nos ajudar. É uma pessoa maravilhosa — disse Ellie. — Não saberia como passar sem ela.

— Ela está morando com vocês, ou apenas de visita?

— Bem — disse Ellie, evitando a pergunta: — Está agora morando conosco porque torci o tornozelo e precisava de alguém que cuidasse de

mim. Mas já estou boa.

— É melhor para os recém-casados morarem sozinhos — disse minha mãe.

Ficamos junto ao portão vendo-a descer a ladeira.

— Ela possui uma forte personalidade — disse Ellie, pensativamente.

Estava zangado com Ellie, muito zangado mesmo, porque procurara por minha mãe e a visitara sem me contar.

Mas, quando ela se virou para mim e se pôs a me contemplar com uma das sobrancelhas um tanto erguidas e, nos lábios, o sorriso meio tímido, meio satisfeito de menina, não pude deixar de me enternecer.

— Que pequena dissimulada — disse eu.

— Bem — disse Ellie, — em certas ocasiões, tive que ser.

— É como numa peça de Shakespeare, a que assisti na escola. — Meio timidamente, fiz a citação: — "Ela enganou o pai e agora poderá enganar-te."

— Que papel fez você, o de Otelo?

— Não — disse eu, — o de pai da moça. Creio que é por isso que me lembro daquele trecho. Foi, praticamente, a única coisa que me coube recitar.

— "Ela enganou o pai e poderá enganar-te" — disse Ellie, pensativamente. — Tanto quanto sei, jamais enganei meu pai. Talvez, mais tarde, tivesse de o fazer.

— Imagino que não teria aceito de bom grado o seu casamento comigo — disse eu, — não mais que sua madrasta.

— Não — disse Ellie, — creio que não teria. Penso que era muito formalista — dirigiu-me depois aquele brejeiro sorriso de mocinha, dizendo:

— Assim, teria tido que ser, suponho, como Desdêmona, enganando meu pai e fugindo com você.

— Por que queria tanto ver minha mãe, Ellie? — perguntei, com curiosidade.

— Não era tanto por querer vê-la — disse Ellie, — mas sentir-me-ia muito mal se não fizesse, alguma coisa nesse sentido. Você não se referiu muitas vezes à sua mãe, mas cheguei à conclusão de que ela sempre tinha feito tudo quanto podia por você. Salvou-o de dificuldades, trabalhou muito para lhe dar melhor instrução e coisas desse gênero. E julguei que seria, de minha parte, maldade e orgulho de riqueza não me aproximar dela.

— Bem, a culpa não teria sido sua — disse, — e sim minha.

— Sim — disse Ellie. — Posso compreender que você talvez não

quisesse que eu a visitasse.

— Julga que tenho um complexo de inferioridade em relação à minha mãe? Garanto-lhe, Ellie, que não é verdade. Não se tratava disso.

— Não — disse Ellie, gentilmente. — Agora sei o que era: você não desejava que ela fizesse dessas coisas de mãe.

— Coisas de mãe? — indaguei.

— Bem — disse Ellie, — segundo vejo, ela é dessas pessoas que julgam saber perfeitamente o que os outros devem fazer. Desejava, quero dizer, que você tivesse empregos de determinada espécie.

— Absolutamente certo — disse. — Empregos permanentes. Estabilidade.

— Agora não faria grande diferença — disse Ellie. — Atrevo-me a dizer que o conselho era ótimo. Não, porém, no seu caso, Mike. Você não é uma pessoa assentada. Não deseja ficar estável. Quer ver e fazer muitas coisas, chegar ao auge da riqueza.

— Pretendo ficai nesta casa, junto a você — disse eu.. — Por algum tempo, talvez... E acredito que sempre deseje voltar. É é esse também o meu caso. Creio que deveremos voltar aqui todos os anos, e acredito que aqui nos sentiremos mais felizes que em qualquer outra parte. Mas você também gostará de ir a novos lugares, viajar, ver e comprar objetos. Quiçá fazer novos planos para preparar o nosso jardim. Que tal visitarmos jardins italianos, japoneses, jardins panorâmicos de toda espécie?

— Você, Ellie, torna a vida muito emocionante — disse.

— Peço desculpas por me ter zangado.

— Oh! Não me importo de que você se tenha zangado — disse Ellie. — Não tenho medo de você — e, então, acrescentou, franzindo a testa: — Sua mãe não gostou de Greta.

— Muita gente não gosta de Greta — disse.

— Inclusive você.

— Venha cá, Ellie, você está sempre dizendo isso. Não é verdade.

Fiquei, a princípio, um pouco enciumado, e nada mais. Agora, damo-nos muito bem — e acrescentei: — Creio que ela talvez ponha as pessoas na ofensiva.

— O Sr. Lippincott também não gosta dela, não é? Pensa que exerce demasiada influência sobre mim — disse Ellie.

— E exerce?

— Pergunto-me por que quer saber isso. Sim, talvez exerça. É mais que natural; ela tem uma personalidade dominante e eu necessitava de alguém que me merecesse confiança e com quem pudesse contar. Alguém que

tomasse a minha defesa.

— E a levasse para onde você queria ir — perguntei, rindo.

Entramos em casa, de braços dados. Por algum motivo, a tarde me pareceu escura. Quiçá porque o sol não batia mais no terraço, deixando atrás de si uma sensação de escuridão. Disse Ellie: — Que há com você, Mike?

— Não sei — respondi. — Tive, de repente, a impressão de estar alguém caminhando sobre o meu túmulo.

— Um ganso está andando sobre seu túmulo. Creio que é essa a verdadeira expressão, não é?

Greta não se achava nas proximidades. Disseram os criados que tinha ido passear.

Agora que minha mãe tudo sabia acerca do meu casamento e conhecera Ellie, estava feito o que, há muito tempo, desejara. Mandei-lhe um cheque de quantia elevada. Aconselhei que se mudasse para uma casa melhor e adquirisse novos móveis de seu agrado. Coisas desse gênero. Tinha, evidentemente, dúvidas sobre se aceitaria ou não. O dinheiro não era produto de meu trabalho e eu, sinceramente, não poderia apresentá-lo como tal.

Como esperava, o cheque foi devolvido, rasgado, com uma nota rabiscada:

"Não quero nada disto" escreveu. "Você não há de mudar jamais. Agora tenho certeza. Que Deus o ajude." Joguei-o no chão diante de Ellie.

— Veja como é minha mãe — disse. — Casei-me com mulher rica, estou vivendo do dinheiro de minha rica esposa e a velha palmatória do mundo desaprova isso!

— Não se preocupe — disse Ellie. — Muita gente pensa da mesma forma. Ela se acostumará. Quer-lhe muito bem, Mike — acrescentou.

— Se é assim, por que insiste em me transformar, adaptar-me ao padrão dela? Sou o que sou. Não sigo o modelo de ninguém. Não sou o filhinho de mamãe que ela possa moldar como entenda. Tenho personalidade. Sou adulto. Sou eu mesmo!

— Você é o que é — disse Ellie, — e eu o amo.

E depois, quiçá para me distrair, disseme algo inquietante.

— Que pensa — perguntou — desse nosso criado? Não tinha pensado nele. Por que havia de pensar? Em todo caso, preferia-o ao anterior, que não fazia esforços para esconder sua opinião desfavorável quanto à minha posição social.

— Creio que não há nada de mau em relação a ele — disse eu. — Por

que perguntou?

— Imaginei apenas que poderia ser um guarda-costas. — Guarda-costas?

Que quer dizer com isso?

— Um detetive. Pensei que talvez houvesse sido contratado pelo tio Andrew.

— Por que iria fazê-lo?

— Bem, um possível rapto, suponho. Nos Estados Unidos, nós geralmente andávamos com guarda-costas, principalmente no campo.

Outra desvantagem de ter dinheiro, que eu não conhecia!

— Que ideia abominável!

— Não sei se é. Talvez por estar acostumada a isso. Que importa? Não se nota.

— Está a mulher dele também nesse caso?

— Teria que estar, creio eu, embora cozinhe muito bem. Admito que o tio Andrew, ou quiçá Stanford Lloyd, aquele de quem partiu a ideia tenha pago aos anteriores para se despedirem, com esses dois já preparados para lhes tomar o lugar. Seria muito simples.

— Sem nada lhe contar? — ainda estava incrédulo.

— Jamais cogitariam de me contar. Eu faria um barulhão. Em todo caso, posso estar completamente errada em relação a eles — e, sonhadoramente, prosseguiu: — É somente o fato de alguém habituado a ter sempre ao redor pessoas dessa espécie.

— Pobre mocinha rica — disse eu, selvagemente. Ellie não mostrou a mínima preocupação.

— Suponho que essas palavras descrevem bastante bem a situação — disse ela.

— Que coisas estou aprendendo, a cada momento, a seu respeito Ellie! — disse eu.

XVII

QUE FENÔMENO MISTERIOSO é o sono! Vai-se para a cama preocupado com ciganos e inimigos secretos, detetives instalados em casa, possibilidades de rapto e mil outras coisas, e o sono varre tudo da mente. Fazem-se longas viagens e não se sabe por onde se andou, mas, ao acordar, encontra-se um mundo inteiramente novo. Nada de preocupações, nada de apreensões. Ao invés, quando acordei, no dia 17 de setembro, eu me encontrava num estado de espírito de violenta excitação.

"Que dia maravilhoso" disse, convictamente, com os meus botões. "Este vai ser um dia maravilhoso." E acreditava no que dizia. Eu era como esses tipos de anúncios que se oferecem para ir a qualquer lugar e fazer qualquer coisa. Examinei planos em minha mente. Combinara encontrar-me com o Major Phillpot num leilão, em certa casa de campo, a cerca de vinte quilômetros. Havia lá bonitos objetos para vender e eu já marcara, no catálogo, dois ou três.

Phillpot era muito entendido em móveis de estilo, prataria e coisas desse gênero, não porque possuísse conhecimentos artísticos, pois era puramente homem de esportes, mas porque tinha prática. Toda a família era versada no assunto.

Examinei o catálogo durante o desjejum. Ellie havia descido em traje de montaria. Ela adquirira o hábito de montar a cavalo. Fazia-o, agora, quase todas as manhãs, ora sozinha, ora em companhia de Claudia. Adotava o sistema americano de, ao desjejum, tomar café, um copo de suco de laranja e pouco mais. Meus gostos, agora que não precisava de os limitar de qualquer maneira, se pareciam muito com os de um proprietário rural do período vitoriano! Gostava de muitos pratos no aparador. Nessa manhã, comi rins, salsichas e também toucinho. Estavam deliciosos.

— Que vai fazer hoje, Greta? — perguntei.

Ela disse que pretendia encontrar-se com Claudia Hardcastle, na estação de Markett Chadwell, para irem a uma "liquidação branca". Perguntei o que era isso.

— É preciso que seja tudo branco? — indaguei. Greta olhou-me com desdém e explicou que "liquidação branca" significava uma venda especial de artigos domésticos, tais como roupa branca, cobertores, toalhas, lençóis *etc.* Comprava-se bem barato numa loja especializada em Bond Street, que tinha enviado um catálogo.

Disse eu a Ellie: — Bem, já que Greta vai passar o dia em Londres por

que você não se encontra conosco no restaurante George em Barlington.

Segundo o velho Phillpot, a comida ali é muito boa. Ele sugeriu que você fosse. Às treze horas. Atravesse Markett Chadwell e depois faça uma volta, cerca de cinco quilômetros após. Creio que há uma tabuleta.

— Está bem — disse Ellie, — lá estarei.

Eu a ajudei a montar e ela foi passear por entre as árvores. Ellie gostava de andar a cavalo. Percorria, geralmente, um dos caminhos sinuosos e, chegando aos terrenos ondulados, galopava antes de voltar para casa. Deixei o carro menor para Ellie, por ser mais fácil de estacionar, e usei o Chrysler grande. Phillpot já se encontrava lá e reservara um lugar para mim.

— Há alguns objetos bem bonitos aqui — disse ele. — Um Romney e um Reynolds. Não sei se esse gênero lhe agrada.

Balancei a cabeça. Minha preferência, àquela época, se voltava inteiramente para os artistas modernos.

— Estão aqui vários negociantes — prosseguiu Phillpot, — dois deles vindos de Londres. Está vendo aquele homem magro, de lábios apertados? É

Cressington. Muito conhecido. Você não trouxe sua esposa?

— Não — disse eu, — ela não se interessa muito por leilões. Seja como for, não queria muito que viesse esta manhã.

— Oh! Por que não?

— Reservei uma surpresa para Ellie — disse. — Notou o lote 42?

Ele examinou o catálogo e, depois, olhou para o lado da sala.

— Hum! Aquela secretária papier *mâché?* Sim. É uma belíssima peça.

Um dos melhores exemplares de *papier mâché* que já vi. E é também muito rara. Existem muitas secretárias portáteis para colocar em cima de mesas.

Mas esse exemplar é dos primitivos. Nunca vi um exatamente como esse.

A pequena peça tinha incrustada uma reprodução do Castelo de Windsor e, dos lados, ramalhetes de rosas, cardos e trevos.

— Está em excelentes condições de conservação — disse Phillpot, olhando para mim com curiosidade. — Não a julgaria de acordo com o seu gosto, mas...

— Oh! Não é do meu gosto — disse eu. — É demasiadamente florida e feminina para mim. Mas é do agrado de Ellie. Ela faz anos na próxima semana e queria dar-lha de presente. Uma surpresa. Por isso não desejava que soubesse da minha intenção de arrematá-la hoje. Sei porém, que nada

poderia dar-lhe tanto do seu agrado. Será uma verdadeira surpresa.

Entramos, sentamo-nos e o leilão começou. O fato é que a peça por mim desejada alcançou lances muito altos. Ambos os negociantes de Londres pareciam muito interessados, embora um deles fosse tão experiente e discreto que quase não se podia notar o movimento levíssimo com o catálogo, observado atentamente pelo leiloeiro. Comprei também uma cadeira Chippendale entalhada, que julguei ficar bem no saguão, e enormes cortinas de brocado, em bom estado de conservação.

— Bem, parece-me que você se divertia bastante — disse Phillpot, levantando-se ao terminar o leilão da manhã. — Quer voltar à tarde?

Balancei a cabeça.

— Nada me interessa na segunda parte do leilão. Apenas mobília de quarto, tapetes e objetos dessa espécie.

— Julguei que não estivesse mesmo interessado. Bem... — olhando' para o relógio, disseme: — Vamos embora. Ellie irá encontrar-se conosco no George?

— Sim, irá para lá.

— E... a Senhorita Anderson?

— Oh! Greta está em Londres — disse eu. — Foi acompanhada da Senhorita Hardcastle, ao que se chama "liquidação branca".

— É verdade, Claudia falou-me outro dia a tal respeito. São fantásticos, hoje em dia, os preços de lençóis e coisas dessas. Sabe quanto custa uma fronha de linho? Vinte e cinco *shillings.* Costumava comprá-la por seis.

— O senhor é entendido na compra de objeto de uso doméstico — disse eu.

— Bem, ouço as queixas de minha mulher — Phillpot sorriu. — Você está com esplêndida aparência, Mike. Feliz como um passarinho.

— É porque consegui a secretária *papier mâché* — disse eu, — ou, ao menos em parte, por esse motivo. Acordei esta manhã sentindo-me feliz.

Sabe como é: um desses dias em que se julga o mundo perfeito.

— Hum! — disse Phillpot, — tome cuidado. É a isso que se conhece como *fey.*

— *Fey?* — perguntei. Essa palavra é escocesa, não é?

— Precede uma desgraça, meu rapaz — disse Phillpot. — É melhor controlar sua exuberância.

— Ora, não acredito nessas tolas superstições — disse eu.

— Nem nas profecias de ciganos, hein?

— Não tenho visto a nossa cigana ultimamente — disse. — Há, pelo menos, uma semana.

— Talvez se tenha ausentado da localidade — disse Phillpot.

Ele me perguntou se poderia levá-lo em meu carro e me prontifiquei a fazê-lo.

— Não é necessário usar dois carros. Você poderia deixar-me aqui quando voltarmos, não é? E, quanto a Ellie, virá de carro?

— Sim, virá no pequeno..

— Espero que o George apresente uma boa refeição — disse o Major Phillpot. — Estou com fome.

— O senhor comprou alguma coisa? Estava tão emocionado que não notei.

— É preciso não perder a presença de espírito ao efetuar lances. Convém prestar atenção ao que fazem os negociantes. Não. Fiz um ou dois lances, mas tudo excedeu o meu limite.

Deduzi que, embora Phillpot fosse dono de enorme quantidade de terras na redondeza, não possuía grande renda. Era o que se podia descrever como um homem pobre, se bem que grande proprietário de terras. Só com a venda de boa parte das terras disporia de dinheiro para gastar e ele não desejava privar-se das terras. Tinha amor a elas.

Chegamos ao George e aí já encontramos, estacionados, grande número de carros. Possivelmente, de pessoas que tinham ido ao leilão. Não vi, entretanto, o carro de Ellie. Entramos, procuramos por ela, mas ainda não tinha chegado. Em todo caso, ainda pouco passava das treze horas.

Tomamos uma bebida no bar enquanto esperávamos pela chegada de Ellie. O restaurante achava-se repleto. Olhei para a sala de jantar e verifiquei que nossa mesa continuava reservada. Havia muitas fisionomias do local que não me eram estranhas e, sentado a uma das mesas, notei um rosto que me pareceu conhecido. Estava certo de já o ter visto, porém não me podia lembrar de onde e quando. Creio que não era do lugar. Sua maneira de vestir não era a da gente daquelas bandas. Havia esbarrado com numerosas pessoas em minha vida e não seria de admirar que não reconhecesse todas com facilidade. Mas estava convencido de ter visto, recentemente, aquele rosto.

Tanto quanto me podia lembrar, não fora no leilão. A deidade que presidia o George, farfalhando um vestido de seda preta, de pretensioso estilo eduardiano, que sempre usava, se dirigiu a mim dizendo: — Sr. Rogers, vai ocupar sua mesa dentro em breve? Há uma ou duas pessoas à espera de lugares.

— Minha esposa deverá chegar dentro de uns minutos — disse eu.

Voltei para junto de Phillpot. Imaginei que o carro de Ellie tivesse tido

um dos pneumáticos furado.

— É melhor entrarmos — disse eu, — porque eles estão ficando aborrecidos. Hoje há muita gente aqui. Creio — acrescentei — que Ellie não prima pela pontualidade.

— Ah! — disse Phillpot, em seu estilo antiquado, — as mulheres fazem questão de nos fazer esperar, não é? Pois bem, Mike, se concordar entraremos e começaremos a almoçar.

Entramos no salão de jantar, escolhemos no cardápio pastelão de rim e começamos.

— Ellie fez mal em nos deixar esperando assim — disse eu. Acrescentei que isso talvez se devesse ao fato de Greta se encontrar em Londres — Ellie está muito acostumada — disse eu — a que Greta a auxilie a cumprir seus compromissos, chamando-lhe a atenção, fazendo-a sair a tempo e tudo mais.

— Ela se coloca muito na dependência da Senhorita Anderson?

— Nesse sentido, sim — disse eu.

Continuamos a comer e passamos do bife ao pastelão de rim e à torta de maçã, que tinha por cima um imponente pedaço de maçã.

— Receio que se tenha esquecido completamente — disse eu, de repente.

— Talvez fosse melhor telefonar.

— Sim, creio que é melhor. Dirigi-me ao telefone e fiz a chamada.

Atendeu a cozinheira, Sra. Cook.

— Oh! É o Sr. Rogers. A Sra. Rogers ainda não voltou para casa.

— Que significa isso de não voltar para casa? Não voltou de onde?

— Do passeio a cavalo.

— Mas isso foi logo depois do desjejum. Não pode ter andado a cavalo toda a manhã.

— Ela não me disse nada em contrário. Estou esperando que volte.

— Por que não telefonou antes para me avisar? — perguntei.

— Bem, não sabia onde encontrá-lo. Não sabia para onde o senhor tinha ido.

Disse-lhe que estava no George, em Barlington, e lhe dei o número. Ela ficou de telefonar, logo que Ellie chegasse ou dela tivesse notícias. Voltei, então, ao encontro de Phillpot.

Este logo notou em minha fisionomia que alguma coisa estava errada.

— Ellie não voltou para casa — disse. — Foi passear a cavalo, de manhã. Ela o faz quase todas as manhãs, mas apenas durante meia a uma hora.

— Não se preocupe antes do tempo, meu rapaz — disse, bondosamente.

— Você sabe que é muito isolado o lugar onde mora. Talvez o cavalo tenha mancado, obrigando-a a voltar a pé. Com aquelas charnecas e terrenos ondulados acima da floresta, não é fácil em tais paragens encontrar alguém que leve um recado ou coisa semelhante.

— Se tivesse decidido mudar de planos, ir adiante para fazer uma visita, ou coisa parecida — disse eu, — ela teria telefonado para aqui, deixando um recado.

— Bem, não fique aflito por enquanto — disse Phillpot. — O melhor seria irmos embora, imediatamente, para ver o que há.

Ao deixarmos o estacionamento saía um carro, Ia nele o mesmo homem que observara no salão de jantar e, de repente, me lembrei de quem se tratava. Era Stanford Lloyd, ou pessoa muito semelhante. Comecei a pensar no que poderia estar fazendo por aqui. Teria vindo visitar-nos? Se assim fosse, causava espécie não nos ter prevenido. Estava no carro, junto dele, uma mulher parecida com Claudia e, no entanto, esta certamente se encontrava em Londres, fazendo compras com Greta. Tudo isso me surpreendeu bastante...

Quando o carro se pôs em movimento, Phillpot dirigiu-me o olhar uma ou duas vezes. Surpreendi-o numa delas e disse, amargamente:

— Muito bem. O senhor já disse que eu estava *fey* esta manhã.

— Ora! Não pense nisso ainda. Talvez haja caído, distendido o tornozelo ou coisa assim. No entanto, ela monta bem — disse ele. — Vi-a montar. Não me inclino a pensar num acidente. Disse eu: — Um acidente é sempre possível. Viajamos a alta velocidade e, por fim, a olhar para todos os lados, chegamos à estrada em direção aos terrenos ondulados por cima de nossa propriedade. De quando em quando, parávamos para fazer perguntas a quem encontrávamos.

Fizemos parar um homem que retirava pedaços de turfa e, então, recebemos as primeiras informações.

— Vi um cavalo desmontado — disse ele. — Há, talvez duas horas ou mais. Tentei segurá-lo, mas se punha a galopar quando me aproximava. Não vi, entretanto, pessoa alguma.

— O melhor é irmos para casa — disse Phillpot, — é possível que já tenham notícias.

Dirigimo-nos para casa, porém não havia notícias. Chamamos o tratador de cavalos e mandamo-lo às charnecas a fim de procurar Ellie. Phillpot telefonou para sua própria casa e mandou um homem para participar da

busca. Ele e eu, juntos, subimos por uma trilha através da floresta, aquela seguida frequentemente por Ellie, e atingimos os terrenos acidentados.

A princípio, nada conseguimos ver. Depois, caminhamos pela orla da floresta, perto da qual saíam outros caminhos e, então, a encontramos.

Vimos o que parecia um amontoado de roupas. O cavalo havia voltado e estava pastando perto do montão. Pus-me a correr. Phillpot acompanhou-me mais depressa do que julguei capaz num homem de sua idade.

Lá estava ela, deitada num montão, com o pequeno rosto branco virado para o céu. Disse eu: — Não posso... não posso... — desviei o olhar. Phillpot foi ajoelhar-se ao lado dela. Levantou-se imediatamente depois.

— Vamos procurar um médico — disse ele. — Shaw é o que está mais perto. Mas... creio que de nada adiante. Mike.

— Quer dizer que... está morta?

— Sim — disse ele, — não vale a pena ter ilusões.

— Oh! Meu Deus! — dito isso, afastei-me. — Não posso acreditar que seja Ellie.

— Venha cá, beba isto — disse Phillpot.

Tirou um frasco do bolso, destarraxou-o e me entregou. Tomei um grande trago.

— Obrigado — disse eu.

Chegou o tratador de cavalos e Phillpot mandou-o à procura do Dr. Shaw.

XVIII

SHAW VEIO NUM VELHO carro amassado. Creio que era o que usava em mau tempo, para visitar fazendas distantes. Quase não olhou para nenhum de nós. Dirigiu-se logo para onde estava Ellie e se inclinou para examiná-la.

Voltou-se, depois, para onde estávamos, dizendo:

— Está morta há três ou quatro horas, pelo menos. Como aconteceu isso?

Disse-lhe que, de manhã, ela fora passear a cavalo, como de costume.

— Já tinha tido antes algum acidente de montaria?

— Não — disse, — montava muito bem.

— Bem, eu sei que montava bem. Já a havia visto montar uma ou duas vezes. Pelo que sei, montava desde criança. Pergunto-me se teria tido algum acidente nos últimos tempos, que lhe houvesse abalado um pouco o sistema nervoso. Se o cavalo tivesse refugado...

— Por que iria o cavalo refugar? É um animal muito manso...

— Esse cavalo nada tem de manhoso — disse o Major Phillpot. — É bem comportado e não é nervoso. Talvez fosse alguma lesão interna. Pode ter levado um susto.

— Mas ninguém morre de susto — disse eu.

— Já houve pessoas que morreram de susto. Se tivesse um coração fraco...

— Disseram na América que tinha coração fraco, ao menos uma certa fraqueza.

— Hum! Não pude encontrar sinal algum quando a examinei. Em todo caso, não dispomos de um cardiógrafo. É inútil falar nisso agora. Saberemos mais tarde, após a investigação criminal — ele me olhou com pesar e depois me bateu nas costas.

— Vá para casa e deite-se — disse ele. — Foi você que sofreu um choque.

Da maneira esquisita por que, no campo, as pessoas surgem não se sabe de onde, havia, nessa ocasião, três ou quatro perto de nós. Uma era um andarilho, que viera da estrada ao divisar o pequeno grupo; outra, uma mulher corada, que, creio eu, se dirigia a uma fazenda por um atalho; e a terceira, um velho trabalhador de estrada. Faziam exclamações e observações.

— Pobre senhora!

— E tão jovem. Caiu do cavalo, não é?

— Ah! Nunca se pode confiar em cavalos.

— É a Sra. Rogers, a americana de As Torres?

Foi somente após haverem todos feito exclamações, a sua maneira espantada, que falou o trabalhador da estrada. Deu-nos certas informações.

Balançando a cabeça, disse: — Devo ter visto o fato acontecer. Devo ter visto o fato acontecer.

O médico olhou para ele, com ar severo.

— Que foi que viu acontecer?

— Vi um cavalo em disparada pelo campo.

— Viu, a senhora cair?

— Não. Não vi. Quando a vi, estava andando a cavalo pelo cimo da floresta e, após, virando as costas, passei a cortar pedras para a estrada. Foi então que ouvi um barulho de patas e, levantando os olhos, vi um cavalo a galope. Não pensei na possibilidade de um acidente. Julguei que a senhora houvesse, de alguma forma, descido e soltado o cavalo. Ele não vinha na minha direção e sim na direção oposta.

— Não viu a senhora estirada no chão?

— Não. Não vejo bem ao longe. Vi o cavalo porque se mostrava no horizonte.

— Estava andando a cavalo sozinha? Havia alguém com ela, ou perto dela?

— Não havia ninguém perto dela. Não. Estava só. Cavalgava não muito longe de mim, passou por mim naquela direção. Creio que se dirigia à floresta. Não, não vi ninguém mais: apenas ela e o cavalo.

— Talvez tenha sido assustada pela cigana — disse a mulher de rosto rosado.

Virei-me, rapidamente. — Que cigana? Quando?

— Oh! Deve ter sido há três ou quatro horas, esta manhã, quando eu descia pela estrada. Cerca de um quarto para as dez, vi a velha cigana, a que mora na aldeia. Julgo, pelo menos, que fosse ela. Não estava suficientemente perto para ter certeza. Ela, porém, é a única que anda por aí de manto vermelho. Estava subindo por uma trilha entre as árvores. Alguém me contou que havia dito coisas horríveis à pobre jovem senhora americana.

Fez-lhe ameaças. Disse que algo de mau lhe iria acontecer se não abandonasse este lugar. Pelo que ouvi, foi muito ameaçadora.

— A cigana — disse eu. E, depois, amargamente, pensei em voz alta:

— Campo do Cigano. Gostaria de jamais haver visto este lugar.

Livro Terceiro

XIX

É EXTRAORDINÁRIO COMO SE torna difícil lembrar-me dos fatos posteriores. Refiro-me à sequência de tudo isto. Até então, tudo se acha claro em meu espírito. Fiquei um tanto em dúvida a respeito do ponto de partida, e nada mais. Mas, daí por diante, foi como se houvesse caído uma faca a me dividir a vida em duas partes. O caminho que trilhei após a morte de Ellie parece-me agora algo para o qual não me achava preparado: uma confusão de pessoas, elementos e acontecimentos, que não se encontravam sob meu controle. As coisas não se passavam comigo, mas ao meu redor. Era isso o que parecia.

Foram todos muito bondosos para comigo. É do que me lembro melhor.

Andava aos tropeções, sentia-me atordoado e não sabia o que fazer. Segundo me recordo. Greta estava no seu elemento. Possuía aquele incrível poder que têm as mulheres de tomar conta de uma situação e lidar com ela. Lidar, quero dizer, com todas as insignificantes minúcias a que se tem de atender.

Eu seria incapaz de me ocupar de tais assuntos.

A primeira coisa de que me lembro com clareza, depois de levarem Ellie e eu voltar à minha casa, à nossa casa, à casa foi a chegada do Dr. Shaw e sua conversa comigo. Não sei quanto tempo se havia passado. Ele era um homem calmo, bondoso e moderado. Limitou-se a me expor os fatos, clara e suavemente.

Preparativos. Recordo-me de ter ele usado a palavra preparativos. Que palavra detestável por tudo quanto encerra! As coisas expressas em grandes palavras: amor, sexo, vida, morte, ódio — essas não são, de modo algum, as que governam nossa existência. São muitas coisas rabulistas e degradantes, coisas que se têm de aturar e em que não se pensa antes de nos acontecerem.

Agentes funerários, preparativos de enterro, investigações criminais. E

criados a entrar nos quartos e a baixar cortinas. Que necessidade havia de baixar cortinas porque Ellie estava morta? Que coisas estúpidas!

Foi por esse motivo, lembro-me, que fiquei tão grato ao Dr. Shaw. Ele tratou de tais assuntos bondosa e sensatamente, explicando, com brandura, porque eram precisas certas providências como, por exemplo, uma investigação criminal. Falava bem devagar, segundo me lembro, para se certificar de que eu compreendia.

Eu não sabia como se fazia uma investigação criminal. Jamais havia

comparecido a um desses atos. Pareceu-me curiosamente fantástico e superficial. O magistrado era um homem baixo, meticuloso, de *pince-nez.*

Tive de fazer o reconhecimento testemunhal, escrever a última ocasião em que havia visto Ellie, à mesa do desjejum, sua partida para o habitual passeio matutino a cavalo e a combinação para almoçarmos juntos. Ela me pareceu, afirmei, exatamente a mesma de sempre, no gozo de perfeita saúde.

O testemunho do Dr. Shaw foi calmo e não decisivo. Nenhuma ferida grave se apresentava, mas apenas a clavícula quebrada e arranhões, que teriam resultado de uma queda de cavalo, não de natureza grave, e sofridas por ocasião da morte. Não parecia ter-se movido após a queda. A morte, na opinião dele, fora praticamente instantânea. Não havia lesão orgânica, de natureza específica, capaz de ter causado a morte e a única explicação do ocorrido era a de que morrera de colapso cardíaco, resultante de um choque.

Segundo entendi dos termos médicos empregados, Ellie morrera apenas por ausência de respiração — uma espécie de asfixia. Seus órgãos eram saudáveis e normal o conteúdo do estômago.

Greta também depôs, acentuando, de maneira muito mais enfática que o fizera anteriormente ao Dr. Shaw, que Ellie tivera, há três anos, uma doença de coração. Nada ouvira de positivo a esse propósito, mas os parentes de Ellie diziam, incidentemente, que o coração dela era fraco e devia tomar cuidado para não fazer excessos. Nada ouvira de mais explícito.

Chegou depois a vez das pessoas que a haviam visto, ou se encontravam nas proximidades, por ocasião do acidente. O primeiro foi o velho cortador de turfa. Vira a senhora passar por ele, a uma distância aproximada de cinquenta metros. Sabia de quem se tratava, se bem que nunca lhe houvesse falado. Era a dona da casa nova.

— Conhecia-a de vista?

— Não, não exatamente de vista, mas conhecia o cavalo. Tem uma pata branca. Pertencera ao Sr. Carey, de Shettelgroom. Sempre entendi que era manso e bem comportado, próprio para ser montado por uma senhora.

— Estava o cavalo irrequieto quando o viu? Fazendo estripulias?

— Não, estava perfeitamente manso. Era uma bonita manhã.

Não havia muita gente pela redondeza. Não tinha notado muitas pessoas.

Aquele determinado caminho através da charneca não era muito usado; salvo, às vezes, como atalho para uma das fazendas. Outro cruzava-

o a cerca de quilômetro e meio de distância. Havia visto um ou dois transeuntes naquela manhã, porém não chamavam atenção. Um ia de bicicleta, outro a pé. Estavam distantes demais para se ver quem eram e ele, de toda forma, não tinha observado bem. Anteriormente, disse ele, antes de haver visto a senhora montada a cavalo, vira a velha Sra. Lee, ou julgava tê-la visto.

Estava subindo o caminho em direção a ele, quando deu uma volta e se embrenhou na floresta. Ela costumava atravessar a charneca para entrar na floresta, ou dela sair.

O magistrado perguntou por que a Sra. Lee não se achava no tribunal.

Fora informado de ter sido intimada a comparecer. Foi-lhe dito, entretanto, que a Sra. Lee deixara a aldeia há alguns dias, ninguém sabendo exatamente quando isso acontecera. Não deixou nenhum endereço. Era isso de seu hábito, indo embora e voltando sem dar aviso a ninguém. Desta vez, portanto, o fato nada tinha de estranho. Na verdade, uma ou duas pessoas declararam que, em sua opinião, ela saíra da aldeia *antes* da data do acidente.

O magistrado interrogou novamente o velho.

— O senhor acredita, no entanto, que fora a Sra. Lee quem havia visto?

— Não posso afirmar, garanto-lhe. Não gostaria de fazer essa afirmação.

Tratava-se de uma mulher alta, andando a passos largos e usando um manto escarlate, como a Sra. Lee, às vezes, fazia. Eu estava ocupado com meu trabalho. Podia ter sido ela ou outra pessoa. Quem estaria em condições de dizer?

Quanto ao mais, repetiu, em grande parte, o que nos havia dito. Vira a senhora passeando a cavalo, pelas proximidades, como já a tinha visto anteriormente. Não prestara atenção. Foi somente mais tarde que notou o cavalo, desmontado, a galopar. Parecia ter sido assustado por alguma coisa.

Pelo menos, podia ser assim. Não tinha certeza da hora. Talvez fossem onze horas ou antes. Vira o cavalo muito mais tarde, a grande distância. Dava a impressão de estar voltando da floresta.

Foi então que o magistrado tornou a me chamar para fazer perguntas a respeito da Sra. Lee. Esther Lee, do Vine Cottage.

— O senhor e sua esposa conheciam pessoalmente a Sra. Lee?

— Sim — disse eu, — muito bem.

— Falaram com ela?

— Sim, diversas vezes. Ou melhor — acrescentei, — ela falou conosco.

— Em alguma ocasião, ela o ameaçou ou à sua esposa? Fiz uma

pequena pausa.

— Em certo sentido, sim — disse eu, vagarosamente, — porém nunca pensei...

— Nunca pensou em quê?

— Nunca pensei que quisesse realmente fazê-lo — disse eu.

— Notou que tinha algum ressentimento contra sua esposa?

— Minha mulher, certa vez, assim o disse. Julgava que tinha contra ela ressentimento especial e não sabia por quê.

— O senhor ou sua esposa, em alguma ocasião, a expulsou de suas terras, ameaçou-a ou tratou-a asperamente, de alguma forma?

— Qualquer agressão teria partido dela — disse eu.

— Teve alguma vez a impressão de que era mentalmente desequilibrada?

Refleti um pouco. — Tive sim — disse. — Pensei que chegava a crer que as terras onde construíramos nossa casa lhe pertenciam, à sua tribo ou que outro nome tenha. Possuía uma espécie de obsessão a esse respeito — acrescentei vagarosamente: — Julgo que estava ficando pior, cada vez mais obcecada pela ideia.

— Compreendo. Jamais agrediu, fisicamente, sua esposa?

— Não — disse, lentamente. — Não creio que fosse justa uma afirmação nesse sentido. Foi tudo uma dessas advertências de cigano. "Terá má sorte se ficar aqui." "Uma maldição pesará sobre você, a não ser que se vá daqui."

— Mencionou ela a palavra morte?

— Sim, creio que sim. Não a tomamos a sério. Pelo menos — corrigi, — eu não o fiz.

— Acredita que sua esposa o fizesse?

— Tenho que admitir que sim, algumas vezes. A velha mulher,

compreende, podia tornar-se bem alarmante. Não acredito que fosse realmente responsável por suas palavras ou atos.

A sessão terminou pelo adiamento, por uma quinzena, da investigação criminal. Tudo parecia indicar que a morte havia sido determinada por causas acidentais, mas a prova não era suficiente para estabelecer a causa do acidente. O processo foi adiado até que se ouvisse o depoimento da Sra. Esther Lee.

XX

NO DIA IMEDIATO AO DA investigação, fui visitar o Major Phillpot e disse, sem rodeios, que precisava de sua opinião. Alguém, que o velho cortador de turfa tomara pela Sra. Esther Lee, tinha sido visto subindo, rumo à floresta, naquela manhã.

— O senhor conhece essa velha — disse eu. — Julga-a, de fato, capaz de causar um acidente por dolo premeditado?

— Realmente, não posso acreditar, Mike — disse ele. — Para fazer uma coisa dessas É preciso um motivo muito forte. Vingança por algum dano pessoal que lhe tenha sido infligido, ou coisa parecida. E que lhe fez Ellie? Nada.

— Parece uma loucura, eu sei. Mas por que se apresentava constantemente, daquela maneira esquisita, ameaçando Ellie, dizendo-lhe que fosse embora. A impressão era a de que lhe tinha ódio, mas ódio por quê? Jamais se havia antes encontrado com Ellie, ou sequer, a tinha visto.

Que era Ellie para ela senão uma americana, inteiramente estranha? Não há uma história passada, nenhum laço entre elas.

— Sei, bem o sei — disse Phillpot. — Não posso deixar de sentir, Mike, que existe alguma coisa que não compreendemos. Não sei por quanto tempo sua esposa esteve na Inglaterra antes do casamento. Teria ela morado antes por estas bandas?

— Não, disso não estou certo. É tudo tão difícil. Na realidade, não sei muito a respeito de Ellie. Quero dizer... quem conhecia, aonde ia.

Encontramo-nos de repente — controlei-me e olhei para ele, dizendo: — O senhor não sabe como nos conhecemos, sabe? Não — prossegui, — em cem anos não poderia imaginar como nos encontramos — e, subitamente, sem querer, pus-me a rir. Contive-me, logo depois. Senti que estava à beira da histeria.

Observei a sua fisionomia paciente, à espera de que voltasse a mim. Ele era uma pessoa muito prestativa. Quanto a isso, não restava a mínima dúvida.

— Encontramo-nos aqui — disse eu. — Aqui no Campo do Cigano.

Estava lendo o cartaz anunciando a venda em leilão de As Torres e subi pela estrada, curioso por conhecer este lugar. E foi assim que eu a vi pela primeira vez: de pé, à sombra de uma árvore. Sobressaltei-a, ou talvez tivesse sido ela quem me sobressaltou. De qualquer forma, foi assim que tudo começou. Foi assim que viemos morar neste lugar execrável, maldito

e desgraçado.

— Considerou-o sempre assim? Que ele seria desgraçado?

— Não. Sim. Creio que não sei exatamente. Jamais quis admiti-lo. Mas acredito que *ela* sabia. Vivia apavorada desde o principio — disse eu, depois, vagarosamente: — Creio que alguém, deliberadamente, queria atemorizá-la.

Disse ele com bastante aspereza: — Que significam essas palavras? Quem queria apavorá-la?

— Presumivelmente, a mulher cigana. Mas, de certa maneira, não estou absolutamente convencido disso... Ela costumava ficar à espreita de Ellie, para adverti-la de que o lugar lhe traria má sorte e deveria ir-se embora.

— Oh! — ele falou, irritado. — É pena não ter sido melhor informado sobre este assunto. Eu me entenderia com a velha Esther. Diria a ela que não pode fazer essas coisas.

— Por que o fez — indaguei. — Que foi que a levou a isso?

— Como tantas outras pessoas — disse Phillpot, — ela gosta de se mostrar importante. Sente prazer em fazer advertências às pessoas ou, então, ler a sorte e profetizar-lhes vida feliz. Gosta de fingir que conhece o futuro.

— Imaginemos — disse mansamente, — que alguém lhe haja dado dinheiro. Soube que ela morre por dinheiro.

— É verdade, gosta muito de dinheiro. Se alguém lhe pagou... e é isto que está insinuando... quem foi que pôs tal ideia na sua cabeça?

— O Comissário Keene — disse eu. — Eu nunca pensaria em semelhante coisa.

— Entendo — e balançou a cabeça, em sinal de dúvida.

— Não posso acreditar — disse ele, — que ela, propositadamente, tentasse assustar sua mulher a ponto de causar um acidente.

— Talvez não tenha contado com um acidente fatal. Pode ter feito alguma coisa para assustar o cavalo — disse eu. — Soltando um buscapé, agitado uma folha de papel branco, ou coisa assim. Saiba que, às vezes, julguei que ela tivesse um ressentimento inteiramente pessoal contra Ellie, por motivo com que não posso atinar.

— Isso parece muito improvável.

— Este lugar nunca pertenceu a ela? — indaguei. — Refiro-me às terras.

— Não. Os ciganos podem ter sido expulsos desta propriedade mais de uma vez. Eles estão sendo sempre enxotados de vários lugares, mas duvido que guardem ressentimento duradouro.

— Não — disse eu, — isso seria improvável. Mas pergunto-me se, por determinado motivo, a respeito do qual nada sabemos... ela fosse?

— Um motivo do qual nada sabemos... Que motivo? Refleti por alguns instantes.

— Tudo quanto digo irá parecer simplesmente fantástico. Suponhamos que, como sugeriu Keene, alguém lhe tivesse pago para fazer o que fez. Que quereria esse alguém? Digamos que nos quisesse ver a ambos fora daqui.

Concentraram-se em Ellie, e não em mim, porque sabiam que não me amedrontariam como a ela. Atemorizaram-na para daqui tirá-la e, através dela, tirar-nos a ambos. Nesse caso, deve haver alguma razão para querer que as terras fossem novamente vendidas. Alguém que por determinado motivo cobice as nossas terras — e aí parei.

— É uma sugestão lógica — disse Phillpot, — mas não sei de nenhuma razão por que alguém as queira.

— Uma importante jazida mineral — sugeri, — de que ninguém tenha conhecimento.

— Hum... Duvido.

— Algo como um tesouro enterrado. Sei que isto soa absurdo. Digamos, porém, que seja o produto de assalto a um grande banco.

Phillpot ainda estava balançando a cabeça, mas agora com menos veemência.

— A outra única possibilidade — disse eu, — é recuar mais um passo, como o senhor acaba de fazer. Por trás da Sra. Lee deve estar a pessoa que lhe pagou. Pode ser um inimigo desconhecido de Ellie.

— Mas você não pode cogitar de ninguém com probabilidade de o ser?

— Não. Ela não conhecia pessoa alguma aqui. Disso estou certo. Não tinha qualquer vínculo neste lugar — levantei-me, dizendo: — Obrigado por me ouvir.

— Gostaria de ter podido ser mais útil.

Saí pela porta, mexendo no objeto que trazia no bolso. Depois, tomando súbita decisão, dei meia volta e entrei novamente na sala.

— Há alguma coisa que gostaria de lhe mostrar — disse. — De fato, ia mostrá-lo ao Comissário Keene para ver a que conclusão chegaria.

Meti a mão no bolso e tirei uma pedra redonda, embrulhada em pedaço de papel amarrotado, contendo umas palavras impressas.

— Isto foi jogado através da janela da saleta de almoço, hoje de manhã

— disse eu. — Ao descer as escadas, ouvi o estilhaçar do vidro. Em ocasião anterior, quando viemos para aqui, uma pedra já havia sido jogada

pela janela. Não sei se pela mesma pessoa, ou não.

Tomei o papel de embrulho e lhe mostrei. Era um pedaço de papel sujo e ordinário. Alguma coisa nele se achava impresso em tinta desbotada.

Phillpot pôs os óculos e inclinou a cabeça para o pedaço de papel. A mensagem que continha era bem curta. Apenas isso: *"Foi uma mulher quem matou sua esposa".*

As sobrancelhas de Phillpot se ergueram.

— Extraordinário! — disse ele. — A primeira mensagem que recebeu era também impressa em letra de forma?

— Não posso lembrar-me neste momento. Tratava-se de simples aviso para que fôssemos embora. Não me recordo exatamente de seus termos. De qualquer maneira, estou quase certo de que era obra de vagabundos. Esta é diferente.

— Julga que foi atirada por alguém que sabia de alguma coisa?

— Provavelmente será apenas uma maldade cruel e tola no gênero de cartas anônimas. Estas são muito comuns nas pequenas aldeias.

Ele me devolveu o papel.

— Mas creio que seu instinto estava certo. Leve-o ao Comissário Keene. Ele entende mais de cartas anônimas que você.



O Comissário Keene, que encontrei na delegacia de polícia, ficou positivamente interessado.

— Coisas esquisitas se estão passando aqui — disse ele.

— Que significação atribui a isto?

— É difícil dizê-lo. Pode ser simples maldade, visando a acusar determinada pessoa.

— Seria, por acaso, destinada apenas a acusar a Sra. Lee?

— Não; se assim fosse, não estaria redigida dessa forma. Poderia ser — e gostaria de que fosse — alguém que vira ou ouvira alguma coisa. Quem sabe se ouviu um barulho, um grito ou o cavalo na disparada e alguém, logo depois, viu ou encontrou a mulher. Mas parece que se trata de pessoa diversa da cigana, pois todo mundo já a considera envolvida no caso. Assim a referência parece feita a outra mulher, inteiramente diversa.

— Que há com a cigana? — indaguei. — Teve notícias dela? Encontrou-a?

Ele balançou, vagarosamente, a cabeça.

— Conhecemos alguns dos lugares para onde costumava ir quando se ausentava daqui. Na direção de East Anglia. Ela possui amigos ali, no clã dos ciganos. Afirmam que lá não esteve, porém assim o diriam mesmo que não fosse verdade. Como sabe, os ciganos se protegem mutuamente. Ela é muito conhecida pessoalmente naquelas bandas, mas ninguém a viu. De toda a forma, não acredito que esteja em lugar tão distante, como East Anglia.

Havia algo de singular na maneira em que pronunciou essas palavras.

— Não estou entendendo bem — disse eu.

— Considere o caso sob este prisma: ela está amedrontada. Tem motivo para estar. Vem ameaçando sua esposa e, agora, suponhamos, provocou o acidente que lhe causou a morte. A polícia se encontra à sua procura. Ela sabe desse fato e, assim, se esconderá debaixo da terra, como se costuma dizer. Interporá a maior distância possível entre ela própria e nós, porém não desejará aparecer em público. Teria medo do transporte coletivo.

— Mas o senhor vai encontrá-la? É uma mulher de aparência inconfundível.

— Ah! sim. Finalmente, havemos de encontrá-la. Essas coisas levam certo tempo. Isso naturalmente no caso de ter sido assim.

— Mas o senhor acredita que tenha sido de alguma outra forma.

— Bem, sabe do que vimos cogitando desde o princípio: alguém lhe pagou para dizer o que disse.

— Nesse caso, haveria da parte dela interesse ainda maior em se ausentar — observei. — Mas uma outra pessoa também teria igual interesse. Há que pensar nisso, Sr. Rogers.

— Refere-se — disse eu, vagarosamente — à pessoa que lhe pagou.

— Sim,

— Suponhamos que estivesse sendo paga por uma mulher.

— E suponhamos que outra pessoa tenha noção disso e, assim, comece a enviar mensagens anônimas. A mulher também ficaria atemorizada. Não precisaria ter tido a intenção de que tal coisa acontecesse. Entretanto, por mais que houvesse feito para induzir a mulher cigana a assustar sua esposa para que se fosse deste lugar, não chegaria ao ponto de causar a morte da Sra. Rogers.

— Não — disse eu. — A morte não se achava nos planos. Tratava-se apenas de nos assustar. Assustar minha mulher e a mim para que deixássemos este lugar.

— E agora quem está atemorizada? A mulher que causou o acidente. E esta é a Sra. Esther Lee. Assim, ela dirá a verdade, não é? Suponhamos que

não tenha sido obra dela. Confessará mesmo que lhe pagaram dinheiro para fazer o que fez. E mencionará um nome. Dirá quem lhe pagou. E isso não vai agradar a alguém, não é, Sr. Rogers?

— Refere-se à mulher desconhecida, de quem vimos cogitando, sem ao menos saber se existe?

— Homem ou mulher, digamos que alguém lhe pagou. Esse alguém há de querer silenciá-la o mais breve possível, não é?

— Acredita que possa estar morta?

— É uma possibilidade, não acha? — perguntou Keene. E depois fez o que pareceu uma mudança de assunto, muito abrupta.

— Lembra-se daquela pequena casa, chamada Desatino, que possui no cimo de suas florestas?

— Sim — disse eu, — que tem isso a ver com o caso? Minha mulher e eu a reparamos e guarnecemos um pouco, íamos lá de vez em quando, porém não com muita frequência, ultimamente ali não estivemos. Por quê?

— Bem, fizemos algumas investigações. Examinamos esse Desatino, que não estava fechado.

— Não — disse eu, — nunca nos preocupamos com fechá-lo a chave.

Ali nada existia de valor. Apenas uns poucos móveis usados.

— Pensamos que a velha Sra. Lee o estivesse usando, porém não encontramos nenhum vestígio. No entanto, achamos algo. Tencionava mesmo mostrar-lhe — ele abriu a gaveta e dela tirou um pequeno isqueiro, muito delicado e de ouro cinzelado. Era de mulher e tinha uma inicial em brilhantes. A letra era C. Não pertenceria, por acaso, à sua mulher?

— Não, se a inicial era C. Não pertencia a Ellie — disse — Ela não possuía nada desse gênero. E também não era da Senhorita Anderson, cujo primeiro nome é Greta.

— Alguém o perdeu por lá. É uma peça de primeira ordem e de alto valor.

— C — disse eu, repetindo, pensativamente, a inicial. — Não consigo cogitar de ninguém que tenha estado conosco cuja inicial seja C, exceto Cora. É a madrasta de minha esposa, Sra. Van Stuyvesant, mas, de fato, não posso imaginá-la subindo até o Desatino pelo caminho cheio de mato. E, seja como for, há muito tempo que não passa dias conosco. Cerca de um mês.

Creio que nunca a vi usar este isqueiro Quiçá, em qualquer caso, não o teria notado — disse eu. — Talvez a Senhorita Anderson saiba.

— Bem, leve-o para lhe mostrar.

— Vou levá-lo. Mas, se for de Cora, é curioso que não o tenhamos visto

quando recentemente estivemos no Desatino. Não há tanta coisa assim por lá. Alguém teria visto uma coisa dessas no chão. Foi no chão não é?

— Sim, bem perto do divã. Qualquer um, é claro, poderia usar o Desatino. É um lugar muito conveniente para encontros de um casal de amantes. Refiro-me à gente do local. Entretanto, não é provável que possuíssem um objeto caro, como este.

— Poderia ser Claudia Hardcastle — disse eu, — mas duvido que possua um objeto tão ornado. E que iria fazer no Desatino?

— Ela foi grande amiga de sua esposa, não é?

— Sim — disse, — creio que era a melhor amiga de Ellie por aqui. E havia de saber que não tínhamos objeções a que usasse o Desatino quando lhe aprouvesse.

— Ah — exclamou o Comissário Keene.

Deitei-lhe um olhar severo. — Não julga que Claudia Hardcastle pudesse ser... inimiga de Ellie? Seria um absurdo.

— Concordo em que não há razão para que o fosse, mas, em se tratando de mulheres, nunca se sabe.

— Suponho... — comecei a dizer e parei, pois sabia que era muito esquisito o que ia dizer.

— Então, Sr. Rogers?

— Creio que Claudia Hardcastle se casou, em primeiras núpcias, com um americano, chamado Lloyd. Acontece que o nome do principal fiduciário de minha esposa, nos Estados Unidos, é Stanford Lloyd. Mas deve haver centenas de Lloyds no mundo e seria pura coincidência se se tratasse da mesma pessoa. E que relação teria isso com o caso?

— Provavelmente, nenhuma. E, no entanto... — deixou de prosseguir.

— O ponto curioso é que julguei ter visto Stanford Lloyd aqui no dia do *acidente,* almoçando no George, em Barlington.

— Ele não se aproximou do senhor?

Respondi, de cabeça, negativamente.

— Estava com alguém muito parecida com a Sra. Hardcastle. Mas, quero crer, tratava-se apenas de um erro de linha parte. Sabe que a nossa casa foi construída pelo irmão leia?

— Ela está interessada na casa?

— Não — disse eu, — não creio que lhe agrade o gênero de arquitetura do irmão — levantei-me. — Não quero tomar-lhe mais tempo. Procure achar a cigana.

— Posso garantir-lhe que não interromperemos as nossas buscas. Esse é também o desejo do magistrado.

Despedi-me e deixei a delegacia de polícia. Da maneira curiosa por que, às vezes, de repente, alguém se encontra com pessoa a respeito de quem acabava de falar, Claudia Hardcastle ia saindo da agência dos correios quando por ali passava. Ambos paramos. Disse-me ela, com o ligeiro constrangimento que se experimenta ao encontrar uma pessoa de luto recente: — Sinto muito, Mike, o que aconteceu à Ellie. Nada mais direi. É detestável ouvir certas pessoas falarem em tais ocasiões. Mas não posso deixar de lhe dizer apenas isso.

— Eu sei — disse. — Você foi muito boa para Ellie. Fê-la sentir-se à vontade aqui. Sou-lhe muito grato.

— Há apenas uma coisa que desejava indagar e julguei preferível fazê-lo agora mesmo, antes de sua partida para a América. Ouvi que tencionava viajar dentro em breve.

— Logo que possível. Tenho muitos assuntos a tratar por lá.

— Era que... se tencionasse vender a casa, talvez quisesse deixar a matéria em andamento antes de partir... E, se assim for, gostaria de que me desse preferência.

Olhei, fixamente, para ela. Isso, realmente, me surpreendeu. Era a última coisa que esperava.

— Quer dizer que gostaria de comprá-la? Julguei que não lhe agradasse tal gênero de arquitetura.

— Disse-me meu irmão Rudolf que era a melhor construção por ele feita. Ele sabe o que diz. Imagino que vai querer um preço muito alto, mas estou em condições de pagá-lo. Sim, gostaria de possuí-la.

Não pude deixar de considerar isso esquisito. Das vezes em que esteve em nossa casa, ela nunca havia demonstrado o menor interesse pela casa.

Perguntei a mim mesmo, como já o tinha feito uma ou duas vezes antes, quais eram as suas verdadeiras relações com o meio-irmão. Tê-lo-ia em grande estima? Cheguei quase a pensar que não o estimava e talvez mesmo o detestasse. Era muito singular a maneira por que dele falava. Mas, fossem quais fossem os seus sentimentos, ele representava alguma coisa para ela.

Representava algo de importante. Balancei ligeiramente a cabeça.

— Posso entender sua conjetura de que eu deseje vender a casa e abandonar este lugar por causa da morte de Ellie — disse eu. — Mas, na verdade, isso absolutamente não acontece. Moramos aqui, fomos felizes e este é o lugar que dela me dará melhor recordação. Não *vou vender o Campo do Cigano.* .. por preço algum. Disso pode ficar plenamente certa.

Nossos olhos se cruzaram. Era como se estivéssemos numa peleja.

Muni-me de coragem e falei:

— Não é da minha conta, mas você já foi casada. Seu marido se chamava Stanford Lloyd?

Ela olhou para mim, em silêncio, por alguns instantes. Depois, disse bruscamente: — Sim — e foi embora.

XXI

CONFUSÃO... É só DISSO que me lembro ao olhar para trás. Jornalistas a fazerem perguntas, querendo entrevistas; pilhas de cartas e telegramas, e Greta a tudo enfrentando...

A primeira coisa, de fato. surpreendente é que os membros da família de Greta não estavam na América, conforme supúnhamos. Foi um grande choque verificar que eles, em sua maioria, realmente se encontravam na Inglaterra. É compreensível que Cora Van Stuyvesant aí se achasse. Tratava-se de uma mulher muito irrequieta, sempre a correr para a Europa, para a Itália, para Paris, para Londres e, de volta à América, para Palm Beach, para a fazenda no Oeste, — aqui, ali e por toda parte. No próprio dia da morte de Ellie, ela estava a uma distância não superior a oitenta quilômetros, persistindo no capricho de ter uma casa na Inglaterra. Ela se apressou para permanecer dois dias em Londres a fim de se dirigir a novos corretores de imóveis em busca de outras propostas a examinar e passou a correr o interior, visitando uma dúzia de casas naquele mesmo dia.

Como se veio a saber, Stanford Lloyd viajara no mesmo avião, declaradamente para tomar parte em uma reunião de negócios, em Londres.

Essa gente soube da morte de Ellie, não pelos telegramas que havíamos enviado aos Estados Unidos, mas por noticias de jornais.

Verificou-se uma feia altercação a propósito do lugar onde Ellie deveria ser enterrada. Adotei o ponto de vista de que o natural seria sepultá-la aqui, onde morrera, aqui onde ela e eu tínhamos morado.

Mas a família de Ellie se opôs violentamente. Queriam que o corpo fosse transportado para a América, a fim de ser sepultado junto a seus antepassados; no lugar onde jaziam o pai, a mãe e outros. Pensando melhor, creio que essa era a solução natural.

Andrew Lippincott veio discutir o assunto comigo, apresentando-o de modo racional.

— Ellie não deixou quaisquer instruções acerca do lugar onde queria ser enterrada — observou.

— Por que iria fazê-lo? — perguntei, com veemência. — Que idade tinha? Vinte e um anos. Ninguém pensa em morrer nessa idade. Não se começa então a cogitar da maneira em que se deseja ser enterrado. Se jamais houvéssemos cogitado disso, desejaríamos ser enterrados juntos,

em qualquer lugar, mesmo que não morrêssemos ao mesmo tempo. Mas quem pensa em morte no meio da vida?

— É uma observação muito justa — disse o Sr. Lippincott,

acrescentando: — Receio que você também tenha que ir aos Estados Unidos.

Existe uma grande quantidade de interesses e negócios a que não poderá deixar de atender.

— Que espécie de negócios? Que tenho eu a ver com negócios?

— Terá muito a ver com o assunto — disse. — Não sabe que é o principal herdeiro, nos termos do testamento?

— Pôr ser o parente mais próximo ou coisa assim?

— Não. De acordo com o testamento.

— Nunca soube que ela havia feito testamento.

— Fez, sim — disse o Sr. Lippincott. — Ellie era uma jovem de espírito prático. Tinha de ser. Viveu em meio a assuntos dessa espécie. Fez testamento ao atingir a maioridade e logo depois do casamento. Estava guardado por seu advogado em Londres, com o pedido de que uma cópia me fosse remetida — hesitou um pouco e depois prosseguiu: — Se efetivamente for aos Estados Unidos, o que o aconselho a fazer, julgo que também deve pôr seus negócios nas mãos de um advogado de lá, que goze de boa reputação.

— Por quê?

— Porque, no caso de uma grande fortuna, com muitos imóveis, ações e posição de controle em várias indústrias, necessitará de conselhos técnicos.

— Não tenho competência para tratar de assuntos dessa ordem — disse.

— Realmente, não tenho.

— Entendo perfeitamente — disse o Sr. Lippincott.

— Poderia pôr tudo em suas mãos?

— Poderia.

— Nesse caso, por que não o fazer?

— Em todo caso, penso que deveria contratar advogado para reapresentá-lo. Sou advogado de outros membros da família e talvez possa surgir um conflito de interesses. Se quiser deixar em minhas mãos, providenciarei para que seus interesses sejam protegidos por um advogado absolutamente capaz, que será o seu procurador.

— Obrigado — disse eu, — o senhor é muito gentil.

— Se puder cometer uma ligeira indiscrição... — ele pareceu um tanto constrangido e eu fiquei satisfeito ao verificar que o Sr. Lippincott poderia

ser indiscreto.

— Então? — disse eu.

— Aconselhá-lo-ia a proceder com muita cautela toda vez que tiver de assinar algum papel ou documento referente a negócios. Antes de assinar, leia-o, completa e cuidadosamente.

— Conseguiria entender, se os lesse, documentos de tal natureza?

— Se não os julgar claros, entregue-os ao seu consultor jurídico.

— Está-me prevenindo contra alguma pessoa? — perguntei, com o interesse repentinamente aguçado.

— Essa não é, de modo algum, uma pergunta a que deva responder — disse o Sr. Lippincott. — Direi apenas o seguinte: onde se acham em causa grandes somas de dinheiro, é aconselhável não confiar em *ninguém.*

Assim, estava ele me prevenindo contra alguém, mas se recusava a mencionar nomes. Pude entender isso. Seria contra Cora? Ou suspeitava, possivelmente há muito tempo, de Stanford Lloyd, aquele banqueiro pedante, tão cheio de bonomia tão rico e despreocupado, que aqui havia estado recentemente "a negócios"? Podia também ser o tio Frank, que se viesse a aproximar de mim com alguns documentos plausíveis. Tive, repentinamente, uma visão de mim mesmo, pobre e inocente idiota, nadando em um lago cercado de ferozes crocodilos, todos a me dirigirem falsos sorrisos de amizade.

— O mundo — disse o Sr. Lippincott — é lugar de muita maldade.

Dizê-lo será talvez estúpido, mas, de repente, eu lhe fiz uma pergunta: — Há alguém que se tenha beneficiado com a morte de Ellie?

Ele olhou para mim, com ar severo.

— Esta pergunta é muito curiosa. Por que a formulou?

— Não sei — disse eu, — acaba de me passar pela mente.

— Beneficia a você — disse ele.

— Evidentemente — disse eu. — Não há possibilidade de negar. O que, realmente, desejo saber é se traz vantagem a alguma outra pessoa.

O Sr. Lippincott guardou silêncio por muito tempo.

— Se quer perguntar — disse ele, — se o testamento de Fenella beneficia certas outras pessoas sob a forma de legados, eu responderei que sim, em pequena escala. Alguns velhos criados, velhas governantas, uma ou duas instituições de caridade, porém nada de especialmente significativo. Há um legado a favor da Senhorita Anderson, porém não muito elevado, uma vez que, como provavelmente sabe, ela já havia feito doação de considerável quantia à Senhorita Anderson.

Concordei de cabeça. Ellie me havia dito que ia fazê-lo.

— Você é o marido. Ela não tinha parentes próximos. Presumo, entretanto, que sua pergunta não se referia especificamente a isso.

— Não sei o que queria indicar com a pergunta — disse eu. — Entretanto, de uma maneira ou de outra, o senhor conseguiu fazer-me suspeitar não sei de quem, ou por quê. Bem, apenas suspeitar. Nada entendo de finanças — acrescentei.

— Não, isso é bem evidente. Deixe-me dizer-lhe que não tenho qualquer informação precisa, suspeita fundada de espécie alguma. Quando alguém morre, faz-se um inventário de seus bens. Isso se pode realizar rapidamente ou protelar por muitos anos.

— O que pretendo dizer — observei, — é que alguns dos outros podem querer enganar-me e, de maneira geral, embaralhar as coisas. Talvez desejem que assine quitações ou que outro nome tenham.

— Se porventura, os negócios de Fenella não estivessem nas condições sadias em que deviam estar, então, sim, possivelmente, sua morte prematura poderia ser, digamos assim, vantajosa para alguém, cujo nome não mencionaremos, quiçá alguém que poderia encobrir seus vestígios mais facilmente se tratasse com uma pessoa simplória, se me permite dizê-lo, como você. Cheguei até este ponto, porém não quero falar mais sobre o assunto. Não seria justo fazê-lo.



Realizou-se uma cerimônia fúnebre muito simples na pequena capela. Se pudesse, não teria estado presente. Detestava todas aquelas pessoas que olhavam fixamente para mim, em fila, fora da igreja. Olhares curiosos! Greta tirou-me de dificuldades. Creio que só agora posso apreciar quão forte e fidedigna personalidade ela possuía. Encarregou-se dos preparativos, encomendou flores, tratou de tudo. Hoje compreendo melhor a razão pela qual Ellie ficara tanto sob sua influência. Não há muitas Gretas neste mundo.

As pessoas que se achavam na igreja eram principalmente nossos vizinhos, alguns dos quais mal conhecíamos. Entretanto, notei um rosto que já havia visto, sem na ocasião saber onde. Ao chegar a casa disseme Carson que, na sala de estar, se achava à minha espera um cavalheiro.

— Não posso receber ninguém hoje. Mande-o embora. Não devia tê-lo deixado entrar.

— Desculpe-me, senhor. Disse-me que era seu parente. Lembrei-me,

de repente, do homem que vira na igreja.

Carson entregou-me um cartão de visita.

Não significava para mim coisa alguma, naquele momento: Sr. William R. Pardoe. Virei-o ao contrário e balancei a cabeça. Entreguei-o, então, a Greta.

— Sabe, porventura, quem é esta pessoa? — disse eu. — O rosto me parece conhecido, porém não consigo identificá-lo. Será, talvez, algum dos amigos de Ellie.

Greta pegou o cartão, examinou-o e disse: — Claro que sim.

— Quem é?

— O tio Reuben. Deve lembrar-se dele. O primo de Ellie. De certo, ela lhe falou a seu respeito.

Lembrei-me então por que a fisionomia não me era estranha. Ellie possuía, na sala de estar, em vários lugares, fotografias de parentes. É por isso que lhe conhecia o rosto. Só o tinha visto em retrato.

— Vou recebê-lo — disse eu.

Saí do quarto e entrei na sala de estar. O Sr. Pardoe levantou-se e disse:

— Michael Rogers? Talvez não saiba meu nome, mas sua esposa era minha prima. Sempre me chamava tio Reuben. Nós dois, porém, nunca nos encontramos. É esta a primeira vez que venho por aqui depois do casamento.

— É claro que sei quem é — disse eu.

Não me é fácil descrever com exatidão Reuben Pardoe. Era alto e corpulento, de rosto grande, largo e bastante distraído, como se estivesse pensando em qualquer outra coisa. No entanto, após conversarmos por alguns minutos, deu-me impressão de mais atento do que se poderia julgar.

— Não preciso dizer-lhe quão chocado e triste fiquei ao saber da morte de Ellie — disse ele.

— Deixemos isso de lado — disse eu. — Não me sinto disposto a falar sobre o assunto.

— Não, não; compreendo isso.

Ele possuía uma personalidade aparentemente bondosa, mas, por algum motivo, produzia vago constrangimento. A entrada de Greta, perguntei:

— Conhece a Senhorita Anderson?

— Evidentemente — respondeu, — como vai, Greta?

— Mais ou menos — disse Greta. — Há quanto tempo está por aqui?

— Apenas há uma ou duas semanas. Excursionando por aí.

— Já o vi anteriormente — disse eu — e prossegui, impulsivamente: — Vi-o outro dia.

— De fato? Onde?

— Num leilão, no lugar chamado Barlington Mannor.

— Agora me lembro — disse ele; — sim, lembro-me da sua fisionomia. Você estava com um homem, de cerca de sessenta anos, de bigode castanho.

— Sim — disse. — Um certo Major Phillpot.

— Você parecia de bom humor — disse ele, — ambos estavam.

— Nunca me senti melhor — disse eu e o repeti, com o estranho espanto que sempre senti. — Nunca estive melhor.

— Evidentemente, naquela ocasião, você não sabia da ocorrência. Foi no dia do acidente, não é?

— Estávamos esperando por Ellie para almoçarmos juntos.

— Trágico — disse o tio Reuben. — Realmente trágico...

— Não tinha a menor ideia — disse eu, — de que o senhor se encontrasse na Inglaterra. E creio que Ellie também — fiz uma pausa, esperando pelo que me iria dizer.

— Não — disse ele, — não mandei nenhuma carta. Na realidade, não sabia quanto tempo ia passar aqui, mas aconteceu que conclui meus negócios antes que esperava e pensei comigo mesmo se, após o leilão, teria tempo para tomar automóvel e vir visitá-los.

— Veio dos Estados Unidos a negócios? — perguntei.

— Bem, em parte, sim, e, em parte, não. Cora precisava de minha opinião sobre um ou dois assuntos. Um deles se relaciona com a casa que tencionava comprar.

Foi então que me disse desde quando Cora se achava na Inglaterra. Disse eu novamente: — Nem mesmo disso tínhamos conhecimento.

— Na verdade, ela não estava muito longe daqui naquele dia — disse ele.

— Perto daqui? Estava num hotel?

— Não, hospedava-se na casa de pessoa amiga.

— Não sabia que ela possuía amigos nesta parte do mundo.

— Uma mulher chamada... como era mesmo? Algo como Hard... Hardcastle.

— Claudia Hardcastle? — fiquei surpreendido.

— Sim. Era muito amiga de Cora. Conheceu-a quando esteve nos Estados Unidos. Não sabia?

— Sei muito pouco — disse eu, — muito pouco a respeito da família.

Olhei para Greta — Você sabia que Cora conhecia Claudia Hardcastle?

— Não creio que a tenha ouvido falar nela — disse Greta. — Foi então por isso que Claudia não apareceu naquele dia.

— Evidentemente — disse eu, — ela ia fazer compras com você em Londres. Ficaram de se encontrar na estação de Market Chadwell...

— Sim... e ela não apareceu. Telefonou para cá, logo após minha saída.

Disse que uma amiga americana chegara inesperadamente e, por isso, não podia ausentar-se de casa.

— Fico a pensar — disse eu, — se essa visitante americana seria Cora.

— Obviamente — disse Reuben Pardoe. Ele balançou a cabeça. — Tudo parece tão confuso — acrescentou, e prosseguiu : — Fui informado de que a investigação criminal havia sido adiada.

— Sim — disse eu.

Ele esvaziou a xícara e se levantou.

— Não vou continuar a preocupá-lo ainda mais — disse ele. — Se lhe puder ser útil, estou hospedado no Majestic Hotel, em Market Chadwell.

Disse-lhe que não via em que me poderia ajudar e agradeci.

Quando ele saiu, Greta me disse: — Pergunto a mim mesma, o que ele quer? Por que veio? — e, depois, abruptamente: — Gostaria de que todos voltassem para a terra deles.

XXII

NADA MAIS TINHA A FAZER no Campo do Cigano. Deixei Greta encarregada de dirigir a casa enquanto eu viajava de navio para os Estados Unidos, a fim de liquidar os negócios por lá e tomar parte no que, segundo esperava com alguma apreensão, iam ser as mais horríveis exéquias douradas em memória de Ellie.

— Você vai penetrar na floresta — preveniu-me Greta. — Tome cuidado. Não deixe que lhe tirem a pele em vida.

Ela estava com a razão a esse respeito. Era mesmo uma floresta. Senti-o logo que cheguei. Nada sabia de florestas... ao menos daquela espécie. A coisa excedia minha capacidade, e bem o sabia. Não era eu o caçador e sim a caça. Havia sempre pessoas em volta de mim, na moita, para me alvejar. Às vezes, reconheço, era pura imaginação. Lembro-me de ter procurado o advogado que me recomendou o Sr. Lippincott (homem muito cortês que me tratou como o teria feito um clínico geral na profissão médica). Haviam-me aconselhado a dispor de certas jazidas, cujos títulos de propriedade não eram muito líquidos.

Ele me perguntou quem tinha dito isso e respondi que fora Stanford Lloyd.

— Bem, vamos examinar isso — disse. — Uma pessoa como o Sr. Lloyd deve estar bem informada.

Disse-me mais tarde:

— Não há nada de errado nos seus títulos de propriedade e, certamente, não existe motivo algum para vender, às pressas, as terras, como ele parece ter aconselhado. Agarre-se a elas.

Tive a impressão de estar certo: todos procuravam alvejar-me. Sabiam que era um simplório, em se tratando de assuntos financeiros.

O funeral foi imponente e, no meu parecer, horrível. Folheado a ouro, como previra. Havia montões de flores no cemitério. Este mesmo parecia um jardim público e todos os adornos de luto faustoso se expressavam em mármore monumental. Ellie o teria detestado, disso estou certo. Mas presumo que a família possuísse certos direitos em relação a ela.

Quatro dias após minha chegada a Nova York recebi notícias de Kingston Bishop.

O corpo da velha Sra. Lee fora encontrado na pedreira abandonada, no extremo do morro. Estava morta há quatro dias. Ali ocorreram acidentes e já se dissera que o lugar devia ser cercado, porém nada se havia feito. Foi

proferida uma decisão considerando a morte acidental, com a recomendação ao Conselho para que cercasse o lugar. No chalé da Sra. Lee, encontrou-se a quantia de trezentas libras, escondida nas tábuas do chão, toda em notas de uma libra.

O Major Phillpot acrescentara um P. S. "Ficará triste, estou certo, ao sabe que Claudia Hardcastle caiu do cavalo e morreu ontem, quando estava caçando".

Claudia... morta? Não podia acreditar. Isso me deu um terrível choque.

Duas pessoas, em uma só quinzena, mortas em acidentes de cavalo! Era uma coincidência que parecia impossível. Não quero demorar-me falando do tempo passado em Nova York. Era um estranho em ambiente estrangeiro.

Senti, a todo momento, que devia ser prudente em relação a tudo quanto dizia e fazia. A Ellie que conhecera, tão peculiarmente minha, lá não se achava. Considerava-a, então, apenas como uma mulher americana, cercada de amigos, conhecidos e parentes distantes, alguém pertencente a uma família que ali vivera por cinco gerações. Chegara, como se fora um cometa, para visitar a minha terra.

Achava-se, agora, de volta para ser enterrada com a sua gente, onde se situava o seu lar. Tive prazer em que assim fosse. Não me sentiria à vontade se ela ficasse naquele pequeno cemitério localizado na base do pinheiral, quase à saída da aldeia. Não, não me sentiria à vontade.

"Volte para o seu meio, Ellie" — disse com os meus botões.

De vez em quando, retornava-me à memória aquela persistente melodia da canção que costumava cantar. Lembrava-me de seus dedos tangendo as cordas do violão.

Every morn and every night
Some are born to sweet delight

E pensei: "Isso a você se aplicava. Você nascera para doce prazer. Teve doce prazer, lá no Campo do Cigano. Apenas foi curta a duração. Agora acabou. Você voltou para onde, talvez, não houvesse muito prazer, onde não fora feliz. Mas, em qualquer caso, está em seu lar. No meio de sua própria gente.

Subitamente passei a cogitar acerca de onde eu deveria ficar quando chegasse a hora de morrer. No Campo do Cigano? Poderia ser. Minha mãe viria ver-me jazendo em meu túmulo se ela já não tivesse morrido. Sim, viria ao meu enterro. Quiçá se abrandasse a severidade de seu rosto. Dela desviei o pensamento. Não queria pensar nela. Não desejava aproximar-

me dela, ou vê-la, sequer.

Estas últimas palavras não são inteiramente verdadeiras. Não se tratava de vê-la. No caso de minha mãe, era ela quem me via, com os olhos perscrutando meu íntimo, numa ansiedade que em mim penetrava como se fosse um miasma. Pensei assim: "As mães são o diabo! Por que hão de estar sempre a chocar os filhos? Por que julgam tudo saber a respeito deles? Não sabem... Não sabem! Ela devia orgulhar-se de mim, sentir-se feliz pela vida maravilhosa que conseguira. Devia..." Depois, novamente dela arranquei meus pensamentos.

Quanto tempo permaneci nos Estados Unidos? Não posso, sequer, lembrar-me. Parecia uma eternidade, a andar cautelosamente, a ser observado por pessoas com falsos sorrisos e inimizade no olhar. Disse a mim mesmo, todos os dias: "Tenho que passar por isso, tenho que terminar isso...

e depois..." Foram essas as duas palavras que empreguei. Quero dizer, em minha própria mente. Usei-as todos os dias, várias vezes. *E depois...* Eram essas as duas palavras do futuro. Empreguei-as da mesma forma por que havia antes usado aquelas outras duas palavras *eu quero...*

Porque era rico, todos me cumulavam de gentilezas! Nos termos do testamento de Ellie, era eu um homem extraordinariamente rico. Senti-me muito estranho. Possuía investimentos de que não entendia: ações, títulos, propriedades. E não tinha a menor noção do que fazer com todos eles.

No dia anterior ao do regresso à Inglaterra, mantive longa conversa com o Sr. Lippincott. Sempre assim o considerei em meu espírito — o Sr. Lippincott. Para mim jamais foi o tio Andrew. Contei-lhe que tencionava tirar de Stanford Lloyd o encargo de administrar meus bens.

— Deveras! — ergueram-se-lhe as sobrancelhas. Olhou-me com seus olhos perspicazes e fisionomia impenetrável e pus-me a pensar no verdadeiro sentido da palavra "deveras".

— Julga que não há inconveniente em fazê-lo? — perguntei, com ansiedade.

— Tem motivos, ao que presumo?

— Não — disse eu. — Não tenho motivo. Uma suspeita e nada mais.

Creio que posso usar de franqueza.

— A informação será, naturalmente, guardada em caráter confidencial.

— Pois bem — disse eu, — apenas suspeito de que seja um velhaco!

— Ah! — o Sr. Lippincott pareceu-me interessado. — Sim, diria que seu instinto talvez esteja certo.

Verifiquei, então, que tinha razão. Stanford Lloyd vinha fazendo

escamoteações com os títulos, investimentos e outros bens de Ellie. Assinei uma procuração a favor de Andrew Lippincott.

— Está disposto a aceitá-la? — perguntei.

— No que concerne a assuntos financeiros — disse o Sr. Lippincott, — pode confiar em mim, de maneira absoluta. Farei o melhor que puder por você a esse respeito. Creio que jamais terá razão de queixa de minha administração.

Não sabia, com precisão, o que ele desejava dizer com isso. Devia ter alguma significação. Creio que significava que não me estimava, jamais me havia estimado, mas, financeiramente, faria o melhor que pudesse por mim, visto ter sido o marido de Ellie. Assinei todos os documentos necessários.

Ele me perguntou como ia voltar para a Inglaterra. — De avião? — Respondi negativamente, pois pretendia viajar de navio. — Preciso de ficar sozinho por algum tempo — disse eu. — Creio que uma viagem por mar me fará bem.

— E onde vai fixar residência?

— No Campo do Cigano — disse eu.

— Ah! Tenciona morar lá?

— Sim — disse eu.

— Julguei que talvez a houvesse posto à venda.

— Não — disse eu, e o não saiu bastante mais forte que desejava. Não iria desfazer-me do Campo do Cigano. Este tinha feito parte do meu sonho, um sonho acalentado desde quando era um inexperiente rapaz.

— Há alguém tomando conta dele durante sua permanência nos Estados Unidos?

Disse que deixara isso a cargo de Greta Anderson.

— Ah! — disse o Sr. Lippincott — Sim, Greta.

A maneira por que pronunciou "Greta" tinha alguma significação, porém não procurarei apurá-la. Se ele não gostava dela, que se havia de fazer? Isso já vinha de muito tempo. Seguiu-se uma pausa incomoda, e, depois, eu mudei de ideia. Julguei que tinha de dizer alguma coisa.

— Ela foi muito boa para Ellie — disse. — Tratou de Ellie quando estava doente, veio morar conosco e cuidar dela. Nunca lhe serei demasiadamente grato. Gostaria de que compreendesse isto. O senhor não sabe o que ela tem feito e quanto foi útil, tratando de tudo após a morte de Ellie. Não sei o que seria de mim sem ela.

— Certamente, certamente — disse o Sr. Lippincott. Estava mais frio do que se poderia imaginar.

— Assim, como vê, eu lhe devo muito.

— É uma moça muito competente — disse o Sr. Lippincott.

Levantei-me, despedi-me e agradeci-lhe.

— Não há por que agradecer — disse o Sr. Lippincott, frio como sempre.

E acrescentou: — Escrevi-lhe uma breve carta. Enviei-a por mala aérea, dirigida ao Campo do Cigano. Se vai viajar por mar, ela já terá sido recebida quando chegar— E disse, em seguida: — Faça boa viagem.

Perguntei-lhe, com bastante hesitação, se conhecera a mulher de Stanford Lloyd, chamada Claudia Hardcastle.

— Ah! Quer se referir à primeira mulher. Não, nunca me encontrei com ela. Creio que o casamento pouco durou. Depois do divórcio, casou-se de novo. E o segundo casamento também acabou em divórcio.

E foi o que houve.

Ao regressar ao hotel, encontrei um telegrama. Pedia-me que fosse a um hospital na Califórnia. Dizia que um amigo meu, Rudolf Santonix, pedira minha presença, pois não tinha muito tempo de vida e queria ver-me antes de morrer.

Mudei a passagem para outro navio e voei para São Francisco. Ele ainda não morrera, mas estava perdendo as forças muito depressa. Duvidavam de que recobrasse a consciência antes de morrer, mas ele havia pedido minha presença com muita urgência, Sentei-me no quarto do hospital a observá-lo, a observar o que parecia uma casca do homem que conheci. Ele sempre teve aspecto doentio, sempre apresentou uma transparência esquisita, uma sensibilidade, uma fragilidade. Lá estava agora, deitado, parecendo um vulto de cera. Sentado, pensava eu: "Gostaria de que falasse comigo e me dissesse alguma coisa. Apenas alguma coisa, antes de morrer."

Senti-me tão só, tão horrivelmente só. Havia então fugido de inimigos e chegara até um amigo. Era a única pessoa que me conhecia, exceto minha mãe, porém nesta eu não desejava pensar.

Falei, uma ou duas vezes, com a enfermeira, perguntando-lhe se não havia nada a fazer. Ela, porém, balançou a cabeça e disseme evasivamente:

— Pode recuperar, ou não, a consciência. Continuei sentado. Finalmente, ele se mexeu e deu um suspiro. A enfermeira levantou-o, com muito cuidado. Olhou para mim, mas não sei se me reconheceu. Olhava na minha direção como se estivesse contemplando algo distante. Depois, de repente, uma mudança se operou em seus olhos. Pensei: "Ele me está reconhecendo, consegue ver-me." Disse umas palavras imperceptíveis e eu

me inclinei para a cama a fim de tentar ouvi-las. Pareciam, no entanto, palavras sem sentido.

Seu corpo teve, então, um súbito espasmo e contração. Ele jogou a cabeça para trás e gritou: — Seu grande idiota... Por que não tomou outro rumo? Entrou, então, em colapso e morreu.

Não sei o que queria dizer, ou mesmo, se ele próprio sabia o que estava dizendo.

E foi assim que vi Santonix pela última vez. Pergunto a mim mesmo se ter-me-ia ouvido caso dissesse alguma coisa. Gostaria de lhe ter dito que a casa por ele construída para mim era a melhor coisa que possuía no mundo.

O que mais me interessava. É curioso como pode uma casa representar tanto.

Creio que nela havia uma espécie de simbolismo. Era algo tão desejado, que não se chegava a saber o quê. E eu a conseguira. E para ela ia voltar.

Voltar para casa! Só pensava nisso ao chegar ao navio. Isso e, a princípio, um cansaço mortal... Depois, uma onda de felicidade, escapando, por assim dizer, das profundezas... Ia para casa. Ia para casa...

Home is the sailor, home from the sea
*And the hunter home from the hill**

* Essas palavras significam: "Em casa está o marinheiro, em casa vindo do mar / E em casa o caçador vindo do monte. (Nota do tradutor.)

XXIII

SIM, ERA O QUE ESTAVA FAZENDO. Agora, tudo havia acabado. O fim da peleja, o fim da luta. A última parte da jornada.

Parecia tão distante o tempo de minha irrequieta juventude. Os dias do "quero", "quero". Muito tempo, porém, não havia decorrido. Menos de um ano...

Passei tudo em revista, deitado em meu beliche, a pensar.

O encontro com Ellie — o tempo vivido em Regent's Park — nosso casamento na pretoria. A casa... Santonix a construí-la... a casa terminada.

Minha, inteiramente minha. Era eu — eu próprio — eu mesmo, como queria ser. Como sempre desejara. Tinha conseguido tudo quanto queria e estava voltando à casa para desfrutá-la.

Antes de deixar Nova York, escrevera uma carta, enviada por mala aérea para que chegasse antes de mim. Escrevera a Phillpot. Por algum motivo, julguei que Phillpot compreenderia, ao passo que outros talvez não entendessem.

Tornava-se mais fácil escrever que lhe falar. De qualquer maneira, ele teria de saber. Todos teriam de saber. Alguns, provavelmente, não entenderiam, mas acreditei que ele o fizesse. Tinha visto quão unidas eram Ellie e Greta, como Ellie se apoiava em Greta. Julguei que imaginasse como eu também chegaria a me apoiar nela, como me seria impossível morar na casa onde vivera com Ellie, a não ser tendo alguém para me ajudar. Não sei se me expliquei bem. Fiz o melhor possível.

"Queria que o senhor", escrevi eu, "fosse o primeiro a saber. Tem sido tão bondoso para conosco e acredito que será a única pessoa a compreendê-lo. Não posso enfrentar a ideia de viver só no Campo do Cigano. Pensei nisso durante todo o tempo que passei na América e resolvi, logo depois de meu regresso, propor a Greta que se case comigo. Ela é a única pessoa com quem posso, realmente, falar a respeito de Ellie. Ela há de entender. Talvez não se case comigo, mas acredito que o fará... Isso dará a impressão de estarmos os três ainda morando juntos."

Escrevi a carta três vezes antes de conseguir expressar com exatidão o que tinha em mente, Phillpot deveria recebê-la dois dias antes de meu regresso.

Ao nos aproximarmos da Inglaterra, fui para o tombadilho. Observei a aproximação da costa. Pensei assim: "Desejaria ter Santonix junto a mim."

Era um desejo intenso. Queria que soubesse como tudo se estava

transformando em realidade. Tudo que havia planejado, pensado e querido.

Livrara-me da América, descartara-me dos velhacos e bajuladores e de toda aquela gente que, estava certo, me detestava e desprezava por pertencer a uma classe tão inferior. Voltava triunfante. Ia regressar ao pinheiral e à perigosa estrada, cheia de curvas, que, através do Campo do Cigano, levava à casa, no alto do morro. Minha casa: Estava retornando às duas coisas desejadas. Minha casa, a casa de meus sonhos, por mim idealizada, era o que desejava acima de tudo. Isso e uma mulher maravilhosa... Sempre estive convencido de que, algum dia, iria encontrar uma mulher assim. Já a encontrara. Ela me tinha visto e eu a ela. Ficaríamos juntos. Uma mulher maravilhosa! Quando a vi, senti imediatamente que lhe pertencia, de forma absoluta e para sempre. Eu era dela. E agora, por fim, ia para ela.

Ninguém me viu chegar a Kingston Bishop. Estava escurecendo. Vim de trem e, chegando à estação, caminhei por uma sinuosa estrada secundária.

Não desejava encontrar nenhuma das pessoas da aldeia. Ao menos naquela noite...

O sol já estava posto quando cheguei à estrada, rumo ao Campo do Cigano. Havia dito a Greta a hora da chegada. Ela se achava em casa, à minha espera. Finalmente! Acabaram-se agora os subterfúgios e todos os fingimentos... A mentira de que não gostava dela. Pensei, então, rindo interiormente, no papel que desempenhei com tamanha cautela desde o começo — o de detestar Greta e não querer que viesse ficar com Ellie.

Efetivamente, tinha sido muito cuidadoso. Todos devem ter-se iludido com a mistificação. Lembro-me da briga que inventei para ser ouvida por Ellie.

Greta sabia quem eu era desde o nosso primeiro encontro. Jamais tivéramos tolas ilusões, um a respeito do outro. A mentalidade de ambos era a mesma e os desejos de igual natureza. Queríamos o Mundo e nada menos!

Queríamos o auge da riqueza, a realização de todas as ambições. Queríamos tudo possuir e de nada nos privar. Lembro-me de como lhe abri o coração durante o primeiro encontro em Hamburgo, revelando meu frenético desejo de riqueza. Não tive necessidade de esconder minha desordenada cobiça, porque ela também a tinha. Disse-me ela: — Para tudo quanto se deseja na vida é preciso dinheiro.

— Sim — disse eu, — e não sei como irei consegui-lo.

— Não — disse Greta, — você não o conseguirá por meio de árduo

trabalho. Não é o seu gênero.

— Trabalho! — disse eu. — Teria que trabalhar durante anos e anos! Não pretendo esperar até a idade madura — e acrescentei: — Sabe da história a respeito daquele camarada Schlieman, como trabalhou e lutou e fez fortuna para realizar o acalentado sonho de ir a Troia, aí fazer escavações e descobrir túmulos. O sonho se transformou em realidade, mas teve que esperar até a idade de quarenta anos. Quanto a mim, não estou disposto a esperar até ser um homem de meia-idade. Um velho, com o pé na cova. Quero-a agora, enquanto sou jovem e forte. E você também, não é verdade? — disse eu.

— Sim. E conheço a maneira como poderá fazê-lo. É simples. Admiro-me de que ainda não lhe haja ocorrido. Você tem facilidade para atrair mulheres, não é? Posso vê-lo e senti-lo.

— Você julga que goste de mulheres ou tenha verdadeiramente gostado de alguma. Só há uma mulher que desejo — disse eu. — É você. E você sabe disso. Eu lhe pertenço. Não tive dúvidas desde que a vi. Estive sempre certo de encontrar alguém como você. E encontrei. Eu lhe pertenço.

— Sim — disse Greta — creio que sei.

— Ambos queremos a mesma coisa na vida — disse eu.

— Repito que é fácil — disse Greta. — Muito fácil. A única coisa a fazer é casar-se com uma jovem rica, uma das moças mais ricas do mundo. Posso colocá-lo nessa trilha.

— Não venha com fantasias — disse eu.

— Não é fantasia. Será fácil.

— Não — disse eu, — isso não me serve. Não desejo ser marido de mulher rica. Ela me daria presentes, divertir-nos-íamos, conservando-me, porém, numa gaiola de ouro, e é o que não quero. Não vou me escravizar.

— Não há necessidade disso. A coisa não duraria muito. Apenas o tempo indispensável. Como sabe, há esposas que morrem.

Olhei-a fixamente.

— Você, agora, ficou estarrecido.

— Não — disse eu, — não fiquei estarrecido.

— Era o que esperava. Julguei que você talvez já...?

Ela me encarou com ar interrogativo, porém eu não quis responder... Eu ainda mantinha um certo instinto de conservação. Há segredos que não se partilham com ninguém. Não que valessem muito como segredos, mas porque neles não queria pensar. Tal era o caso do primeiro desses segredos.

Uma coisa tola, pueril, sem muita importância. Eu tinha uma cobiça infantil por determinado relógio-pulseira de valor, que um menino, companheiro de colégio, ganhara de presente. Queria-o para mim. Queria-o intensamente.

Havia custado muito dinheiro. Ele o recebera de um padrinho rico. Sim, cobiçava um relógio daqueles, mas não via possibilidade de jamais obtê-lo.

Então, certo dia, fomos patinar juntos. A camada de gelo não era suficientemente forte para suportar nosso peso. Não pensamos nisso antes.

Apenas aconteceu. O gelo partiu-se. Patinei em direção ao meu amigo. Ele estava se aguentando. Tinha caído num buraco e se agarrava ao gelo, que lhe cortava as mãos. Aproximei-me, evidentemente com a intenção de salvá-lo, mas, ao me aproximar, vi o brilho do relógio-pulseira. Pensei comigo mesmo: se ele se afogasse, como seria fácil...

Parece incrível que, quase inconscientemente, com extraordinária rapidez, eu desatasse a pulseira, me apoderasse do relógio e lhe empurrasse a cabeça para baixo, ao invés de procurar salvá-lo... Limitei-me a manter-lhe a cabeça dentro da água. Ele não pôde lutar muito porque se achava sob o gelo. Outras pessoas viram a cena e vieram ao nosso encontro. Pensavam que eu estava tentando salvá-lo! Com certa dificuldade, tiraram-no da água.

Procuraram aplicar-lhe respiração artificial, mas era tarde demais. Escondi o pequeno tesouro em determinado lugar, onde, de vez em quando, costumava depositar objetos — coisas a respeito de cuja origem não desejaria ouvir perguntas de minha mãe. Deparou-se-lhe, um dia, o relógio, quando estava mexendo nas minhas meias. Perguntou-me se não era o relógio de Pete.

Neguei-o, é claro, dizendo que o tinha trocado com um colega de colégio.

Sentia-me sempre nervoso ao lado de minha mãe: tinha a impressão de que ela me conhecia demais. Fiquei nervoso quando encontrou o relógio.

Creio que suspeitou. Não podia, evidentemente, ter certeza. Ninguém sabia.

Olhou-me de maneira esquisita. Todos julgavam que eu tentara salvar Pete.

Não creio que ela jamais pensasse da mesma forma. Acredito que soubesse.

Não queria ter certeza, mas o mal era que me conhecia demais. Eu mesmo, às vezes, me sentia um tanto culpado, mas isso logo passava.

A outra vez foi quando me encontrava acampado. Foi durante o meu

serviço militar. Um camarada, que se chamava Ed e eu tínhamos ido a uma certa casa de jogo. Eu me achava inteiramente sem sorte e perdi tudo que tinha, mas Ed ganhou uma bolada. Trocou as fichas e íamos para casa, ele abarrotado de notas, com os bolsos cheios. Surgiram, então, na esquina, dois valentões e nos atacaram. Eram rápidos nas facas que empunhavam. Recebi um corte no braço, mas Ed levou uma boa facada. Os valentões deram o fora.

Pude verificar que se fosse rápido... E era rápido! Tinha bons reflexos.

Amarrei a mão com um lenço, tirei a faca do ferimento de Ed e a enterrei novamente, por duas vezes, em lugares mais adequados. Ele deu um grito e ficou inconsciente. Evidentemente, por um ou dois segundos, fiquei amedrontado, mas logo verifiquei que tudo ia sair bem. Assim, naturalmente, senti orgulho de mim mesmo por ser capaz de raciocinar e atuar rapidamente! Pensei comigo mesmo: "Pobre Ed, sempre foi um tolo!" Não demorei em transferir todas aquelas notas para o meu bolso! Não há nada como possuir bons reflexos e aproveitar as oportunidades. O mal é que estas não aparecem com muita frequência. Há pessoas, suponho, que ficam amedrontadas ao saber que mataram alguém. Eu, no entanto, não tive medo.

Ao menos dessa vez.

Notem bem isso não é coisa que se queira fazer demasiado número de vezes. Só se valer mesmo a pena. Não sei como Greta percebeu isso em mim. Ela, no entanto, sabia. Não digo que soubesse do fato de já haver eu matado duas pessoas. Sabia, porém, segundo suponho, que a ideia de matar não me abalaria, nem perturbaria. Disse eu: — Que história fantástica é essa. Greta?

Ela respondeu: — Estou em condições de ajudá-lo. Posso pô-lo em contato com uma das moças mais ricas da América. Eu, mais ou menos, cuido dela. Moramos juntas. Tenho sobre ela grande ascendência.

— Acredita que iria olhar para alguém como eu? — disse. Por uns instantes, não quis acreditar. Por que iria gostar de mim uma moça rica, capaz de escolher para namorar qualquer homem simpático e sensual?

— Você desperta interesse sexual — disse Greta. — As mulheres andam atrás de você, não é?

Sorri e disse que não ia de todo mal nesse terreno.

— Ela jamais teve um caso desse gênero. Vem sendo demasiadamente vigiada. Os únicos homens com quem lhe permitem encontrar-se são de tipo formalista — filhos de banqueiros, filhos de magnatas. Está sendo preparada para fazer um bom casamento na classe rica. Ficam apavorados

com a ideia de que se encontre com elegantes estrangeiros que possam ir atrás de seu dinheiro. Mas, naturalmente, ela prefere pessoas desta espécie. Seriam, para ela, uma novidade, algo que jamais conhecera. Você teria de conquistá-la.

Teria que ser amor à primeira vista, impressionando-a profundamente! Vai ser muito fácil. Nunca houve alguém que se aproximasse dela de forma realmente sensual. Você está em condições de o fazer.

— Poderia tentá-lo — disse eu, com ar de dúvida.

— Poderíamos organizá-lo — disse Greta.

— Os membros da família entrariam em cena para pôr um paradeiro.

— Não — disse Greta, — não saberiam de nada a esse respeito. Ao menos antes que fosse tarde demais. Nunca antes de vocês se casarem secretamente.

— Então, é esse o plano?

Assim, discutimos o assunto. Planejamos. Não em seus pormenores, notem bem. Greta voltou à América, mas se manteve em comunicação comigo. Continuei em diversos empregos. Falara-lhe a respeito do Campo do Cigano e de quanto o desejava, e ela me disse que era excelente para pôr em cena uma história romântica. Estabelecemos os nossos planos a fim de que meu encontro com Ellie se realizasse naquele lugar. Greta entusiasmaria Ellie a possuir uma casa na Inglaterra e se afastar da família logo após atingir maioridade.

E como encenamos tudo! Greta era uma grande planejadora. Eu não teria conseguido organizar o plano, mas poderia desempenhar devidamente o meu papel. Sempre gostei de representar. E foi assim que tudo aconteceu. Assim que conheci Ellie.

Foi divertido, muito mesmo. Divertimento imprudente, porque sempre havia um risco: o perigo de não dar certo. Os indispensáveis encontros com Greta eram o que me punha realmente nervoso. Precisava estar seguro de nunca me trair ao olhar para Greta. Tentei não olhar para ela. Concordamos em que seria preferível fingir inimizade, pretextando ciúmes. Executei bem isso. Lembro-me quando ela veio para ficar. Encenamos uma briga, que Ellie pudesse ouvir. Não sei se me excedi um pouco. Creio que não. Às vezes ficava nervoso diante da possibilidade de Ellie vir a desconfiar. Mas acredito que não. Realmente, não sei. Nunca a entendi bem.

Era muito fácil acariciar Ellie. Ela era muito meiga. Sim, verdadeiramente terna. As vezes, porém, me causava medo pelas coisas que fazia sem meu conhecimento. E tinha conhecimento de coisas por mim

jamais suspeitadas. Sim, ela me amava. As vezes... creio que eu também a ela... Não quero dizer que fosse jamais como Greta. Esta era a mulher a quem pertencia: a personificação do sexo. Estava louco por ela e tinha que me controlar. Ellie era diferente. Sentia prazer em viver com ela. Pensando nisso agora, parece muito curioso. Mas a verdade é que gostava muito de viver com ela.

Escrevo tais palavras neste momento por ser aquilo em que pensava na noite de meu regresso da América — quando cheguei rico, possuidor de tudo que almejava, a despeito dos riscos, apesar dos perigos, embora houvesse praticado um homicídio, a meu ver, bem executado!

Sim, foi um pouco complicado, mas ninguém podia desvendá-lo, graças à maneira por que o fizéramos. Acabaram-se os riscos e perigos e eu estava de volta ao Campo do Cigano. Voltara como havia chegado no dia em que vi o cartaz na parede e fui contemplar as ruínas da velha casa. Voltava e apertava o nó...

E, então... *foi então que eu a vi.* Quero dizer, foi então que vi Ellie. Logo ao atingir a curva da estrada, onde ocorriam acidentes. *Lá estava ela,* no mesmo lugar onde estivera antes, à sombra de um pinheiro no mesmo lugar onde se encontrava ao se assustar um pouco quando me viu, tanto quanto eu me sobressaltaria ao vê-la. Ali olhamos um para o outro e eu lhe falei, representando o papel do jovem subitamente enamorado. E representei muito bem! Oh! posso dizer-lhes, sou ótimo ator!

Entretanto, não esperava vê-la agora... Quero dizer, não a podia ver, não é? Entretanto, eu a via... Estava olhando... olhando diretamente para mim.

Havia apenas uma coisa que me amedrontava, que me enchia de pavor. Era como se ela não me visse. Sabia que, realmente, não podia estar lá, por ter morrido... o fato é que *eu a via.* Estava morta e o corpo enterrado num cemitério dos Estados Unidos. Mesmo assim, lá se achava ela, de pé, olhando para mim. Não é bem isso: olhava-me como se esperasse ver-me e com amor no semblante; o mesmo amor que vira, um dia, quando tangia as cordas do violão. Naquele dia, ela me perguntara: "Em que está pensando?"

Eu respondi: "Por que me pergunta?" e ela disse: "Você está me olhando como se me amasse." Minha resposta foi algo de tolo, como: "É claro que a amo."

Fiquei apavorado, lá na estrada. Tremendo, gritei: — Ellie!

Ela não se mexeu, ficou onde estava, *olhando...* Olhando diretamente através de mim. Foi isso que me assustou, pois sabia que, se pensasse um só minuto, havia de saber por que ela não me via, e eu não queria saber.

Não — eu não queria sabê-lo. Estava absolutamente certo de que não desejava saber o motivo. Então, corri. Corri, como um covarde, pelo restante da estrada até onde brilhavam as luzes de minha casa, até sair do tolo pânico em que me achava. Era a hora do meu triunfo. Chegara ao lar. Era o caçador, vindo do monte, de volta à casa, de volta àquela outra coisa que mais desejava no mundo, a maravilhosa mulher, a quem pertencia de corpo e alma.

E agora nos íamos casar e morar na Casa. Conseguíramos tudo quanto queríamos conquistar. Vencêramos. Vencêramos em toda linha!

A porta não estava trancada. Entrei, com passo firme, pela porta aberta da biblioteca. E lá se achava Greta, à minha espera, de pé, junto à janela.

Estava esplêndida. Era a coisa mais bela e encantadora que tinha visto.

Parecia uma Brunnehilde, uma supervalquíria, de brilhantes cabelos dourados. Tinha o odor, a visão e o gosto da sensualidade. Nós nos havíamos denegado por tanto tempo, salvo breves encontros esporádicos no Desatino!

Caí, imediatamente, em seus braços, como marinheiro voltando do mar para o lugar a que pertencia. Sim, foi o momento mais encantador de minha vida.

Afinal, descemos à terra. Sentei-me e ela me passou um pequeno maço de cartas. Apanhei, automaticamente, uma delas, com selo americano.

Tratava-se da carta enviada por Lippincott, via aérea. Intrigou-me o que podia ter escrito e a razão de me escrever.

— Bem — disse Greta, num suspiro profundo e satisfeito, — vencemos.

— É, por certo, o dia V — disse eu.

Rimos ambos, rimos desenfreadamente. Havia champanha na mesa.

Abrimo-la e bebemos à nossa saúde.

— Esta casa é uma maravilha — disse eu, olhando para todos os lados.

— É mais bela que parecia. Santonix... Ainda não lhe tinha dito: Santonix morreu.

— Deus meu! — disse Greta, — que pena! Então era mesmo verdade que estava doente?

— Claro que estava doente. Sempre me recusei a acreditar. Fui vê-lo no momento em que morria.

Greta teve um leve estremecimento.

— Não gostaria de ter feito isso. Disse alguma coisa?

— Nada de importância. Disse que eu era um tolo e que devia ter seguido outro caminho.

— Que queria dizer... que caminho?

— Não sei o que queria dizer — respondi. — Presumo que estivesse delirando. Não sabia o que estava dizendo.

— Bem, esta casa é um monumento à sua memória — disse Greta. — Imagino que nos apegaremos a ela, não é?

Encarei-a — É evidente. Julga que vou morar em qualquer outro lugar?

— Não podemos morar aqui o tempo todo — disse Greta. — Nunca o ano inteiro. Vamos enterrar-nos num buraco como esta aldeia?

— Mas é onde tenciono morar, onde sempre quis morar.

— Sim. é claro. Mas, afinal de contas, Mike, temos todo o dinheiro do mundo. Podemos ir aonde quisermos! Podemos percorrer o Continente inteiro, fazer safári na África. Teremos aventuras. Procuraremos objetos... quadros valiosos. Iremos ao Anagkor Vat. Você não quer ter uma vida de aventuras?

— Bem, presumo que sim... Mas sempre voltaremos para aqui, não é?

Tive uma sensação esquisita, a de que alguma coisa não havia dado certo, em algum ponto. Isso era tudo em que havia sempre pensado: minha casa e Greta. Não queria mais nada. Ela, no entanto, queria. Pude verificar isso. Estava apenas começando; começando a querer coisas, a saber que podia possuí-las. Tive um súbito e cruel sobressalto. Pus-me a tremer.

— Que é que há com você, Mike? Está tremendo. Pegou um resfriado ou coisa parecida?

— Não se trata disso — respondi. — É que vi Ellie.

— Que significa isso de ter visto Ellie?

— Quando subia pela estrada, ao chegar à curva, lá estava ela, de pé, debaixo de um pinheiro, olhando para mim, ou melhor, em direção a mim.

Greta me encarou.

— Não seja ridículo. Você... está vendo fantasmas.

— Talvez seja pura imaginação. Afinal de contas, este é o Campo do Cigano. Ellie lá estava, sem dúvida, e... parecendo inteiramente feliz.

Exatamente como era e como se lá sempre tivesse estado e continuasse a estar.

— Mike! — Greta pegou-me pelo ombro. Sacudiu-me. — Mike, não diga coisas dessas. Esteve bebendo antes de vir para aqui?

— Não, esperei até cair nos seus braços. Sabia que havia champanha a nossa espera.

— Bem, esqueçamo-nos de Ellie e bebamos à nossa saúde.

— Era Ellie — disse eu, obstinadamente.

— É claro que não era Ellie! Apenas uma ilusão de óptica, ou coisa que tal.

— Era Ellie, e lá estava de pé. Procurava-me e olhava para mim. lEntretanto, não me podia ver. Greta, *ela não me podia ver.* E sei por quê. Sei por *que* não me podia ver.

— Que quer dizer com isso?

Foi então que, pela primeira vez, murmurei: — Porque não era eu. Eu não estava ali. Nada havia que ela pudesse ver, exceto uma Noite Sem Fim — depois gritei, numa voz tomada de pânico: — Nasceram alguns para Doce Alegria e outros nasceram para uma Noite Sem Fim. *Eu,* Greta, eu!

— Lembra-se, Greta — disse eu — de como ela se sentava no sofá? Costumava tocar essa música no violão, cantando-a com sua meiga voz. Você deve lembrar-se.

— *Every night and every morn* — cantei baixinho. — *Some to misery are born. Every morn and every night some are born to sweet delight.* Isso, Greta, se aplicava a Ellie. Ela nascera para doce prazer *Some are born to sweet delight, some are born to endless night.* Era isso que minha mãe sabia a meu respeito. Sabia que eu nascera para uma noite sem fim. Eu ainda não havia chegado a tal ponto, porém ela o sabia. E Santonix também. Sabia que estava tomando esse rumo. Mas podia não ter acontecido. Houve apenas um instante, um só instante, a ocasião em que Ellie cantou aquela canção.

Poderia ter sido mesmo muito feliz, casado com Ellie, não é? Poderia estar ainda casado com Ellie.

— Não podia, não — disse Greta. — Nunca pensei que você, Mike, fosse desse tipo de pessoas que perdem a coragem — ela me sacudiu novamente pelo ombro. — Acorde!

Eu a encarei.

— Desculpe-me, Greta. Que coisas estive dizendo?

— Presumo que o tenham aborrecido muito lá nos Estados Unidos. Mas você se saiu bem, não é? Quero dizer, estão em boa ordem todos os investimentos?

— Está tudo arrumado — disse eu. — Tudo em ordem para o nosso futuro... um radioso futuro.

— Você está falando de maneira esquisita. Gostaria de saber o que diz a carta de Lippincott.

Puxei a carta e a abri. Nada havia dentro a não ser um retalho de jornal.

Não era recente, mas velho e bastante gasto. Olhei fixamente para ele. Era a fotografia de uma rua. Reconheci essa rua, que tinha, ao fundo, um edifício bem alto. Era uma rua de Hamburgo e algumas pessoas andavam em direção ao fotógrafo. Duas se achavam no primeiro plano, de braços

dados: Greta e eu. E, *assim, Lippincott sabia.* Desde o princípio, sabia que eu já conhecia Greta. Alguém deve ter-lhe mandado o retalho, provavelmente sem intuito perverso e apenas achando graça ao reconhecer a Senhorita Greta Anderson a passear pelas ruas de Hamburgo. Ele sabia que eu já conhecia Greta e lembro-me do interesse com que me perguntou se já conhecia, ou não, Greta Anderson. Neguei-o, é claro, porém ele sabia que estava mentindo. Daí devem ter partido suas suspeitas em relação a mim.

De repente, passei a temer Lippincott. Evidentemente, ele não podia suspeitar de que eu houvesse assassinado Ellie. Tinha, porém, uma outra suspeita. E quem sabe se suspeitava até mesmo daquilo.

— Veja — disse eu a Greta, — ele tinha ciência de que nos conhecíamos. Sabia-o desde o princípio. Sempre detestei a velha raposa e sempre odiou você — disse eu. — Quando souber que nos vamos casar, de certo passará a suspeitar. — Entretanto, sabia que Lippincott desconfiava de que Greta e eu nos íamos casar, de que nos conhecíamos um ao outro e, quiçá, de que éramos amantes.

— Mike, deixe de ser um coelho tomado de pânico. Sim foi isso mesmo que disse: um coelho em pânico. Eu o admirava. Sempre o admirei. Mas agora você está caindo aos pedaços. Tem medo de todos.

— Não me diga isso.

— Pois é a pura verdade.

— *Noite sem Fim.*

Não encontrei outras palavras para pronunciar. Estava ainda pensando no seu real significado. Noite sem fim. Eu podia ver os mortos, mas estes não podiam ver-me, embora estivesse vivo. Não me viam porque, de fato, lá não me achava. Realmente, ali não se achava o homem que amava Ellie. Por sua própria vontade, penetrara na noite sem fim. Baixei a cabeça.

— Noite sem fim — repeti.

— Deixe de dizer isso — berrou Greta. — Fique firme! Seja homem, Mike! Não ceda a essa supersticiosa fantasia.

— Como poderei evitá-lo — disse eu. — Vendi a alma ao Campo do Cigano, não é mesmo? O Campo do Cigano jamais ofereceu segurança. Nunca ofereceu segurança a ninguém. Não a Ellie, nem a mim mesmo. Talvez nem a você.

— Que quer dizer com isso?

Levantei-me. Dirigi-me a ela. Eu a amava. Sim, ainda a amava com um derradeiro e tenso desejo sexual. Mas, amor, ódio, desejo — não é tudo a mesma coisa? Três em um e um em três. Não podia odiar Ellie, mas odiava Greta. Comprazia-me em odiá-la. Detestava-a de todo o coração e com

impulsivo e jovial desejo. Não podia esperar pelos dias seguros, não queria esperar por eles. Aproximei-me dela.

— Sua vil rameira! — disse eu. — Sua rameira de cabelos dourados, vil e detestável! Você não está em segurança, Greta. Não está livre de *mim.*. Compreende? Aprendi a gostar... a gostar de matar. Senti-me estimulado no dia em que vi Ellie sair com o cavalo que a levaria à morte. Estive alegre toda a manhã por matar, mas até agora não havia chegado tão perto de matar. Este caso é diferente. Desejo mais que apenas saber que alguém vai morrer por ter ingerido uma cápsula por ocasião do desjejum. Quero fazer mais que jogar uma velha da pedreira abaixo. Quero usar minhas *próprias mãos.*

Agora foi Greta quem ficou assustada — ela a quem pertencera desde o dia em que, conhecendo-a, pretextei doença e abandonei o emprego para ficar a seu lado. Sim, pertenci-lhe, então, de corpo e alma. Não lhe pertencia agora. Era eu mesmo. Chegara a outra espécie de reino, diverso do anteriormente sonhado.

Greta ficou com medo. Tive prazer em vê-la nessas condições e apertei-lhe o pescoço, com as mãos. Sim, mesmo neste momento em que estou escrevendo tudo a meu respeito (o que, notem bem, é muito agradável)... escrever tudo a respeito de si mesmo, do que sentiu, pensou e como a todos iludiu — sim, é uma coisa maravilhosa, — sim fiquei imensamente feliz quando matei Greta...

XXIV

DEPOIS DISSO, NÃO há muito mais a dizer. Naquele momento, as coisas chegaram a um clímax. As pessoas esquecem, presumo, que nada de melhor poderá acontecer, pois já conseguiram tudo. Fiquei sentado ali por longo tempo. Não sei quando *eles* chegaram. Não sei se vieram ao mesmo tempo...

Não podiam ter estado lá desde o princípio, porque, do contrário, não me deixariam matar Greta. Notei que o *deus* foi o primeiro a aparecer. Não me refiro a Deus — estou confuso — refiro-me ao Major Phillpot. Sempre gostei dele, por ter sido bom para mim. Creio que, sob certos aspectos, se parecia bastante com Deus. Digo isso como se Deus fosse uma pessoa humana e não um ente sobrenatural... que mora em algum lugar, lá no céu.

Era um homem muito justo, muito justo e bondoso. Ele cuidava de coisas e pessoas. Procurava auxiliar as criaturas o mais possível.

Não sei quanto me conhecia. Lembro-me da sua maneira curiosa de me olhar naquela manhã, na sala do leilão, quando disse que eu estava *fey.*

Ponho-me a pensar por que me julgava *fey* naquele dia.

Depois, quando estávamos junto ao amontoado que era Ellie em roupa de montaria... Pergunto-me se então sabia ou imaginava que eu tivera alguma coisa que ver com o fato.

Após a morte de Greta, como digo, deixei-me ficar sentado na cadeira, olhando fixamente para a taça de champanha. Estava vazia. Tudo se achava muito vazio, realmente muito vazio. Havia apenas num canto a lâmpada que Greta e eu não havíamos desligado. Não iluminava muito e o sol... creio que já se havia posto há muito tempo. Sentado, comecei a pensar no que ia depois acontecer, com uma espécie de sombrio espanto.

A seguir, suponho, a gente começou a chegar. Quiçá vieram muitos ao mesmo tempo. Ou chegaram silenciosamente, ou, então, eu não estava vendo ou notando ninguém.

Santonix, se lá estivesse, poderia, talvez, dizer-me o que fazer. Mas Santonix morrera. Ele seguira caminho diferente do meu e, assim, não me poderia ajudar. Em verdade, ninguém estava em condições de me prestar qualquer auxílio.

Pouco depois, notei a presença do Dr. Shaw. Estava tão quieto, que, a princípio, quase não me apercebi de sua presença. Sentava-se a meu lado, aguardando os acontecimentos. Passado algum tempo, julguei que aguardasse uma palavra minha. Disse-lhe, então: — Voltei ao lar.

Havia duas ou três outras pessoas andando por trás de mim. Pareciam achar-se a espera de alguma coisa que ele iria fazer.

— Greta está morta — disse eu. — Matei-a. Creio que será melhor levar o cadáver, não é?

Alguém, em algum ponto, acendeu uma lâmpada de magnésio. Deve ter sido um homem da polícia a fotografar o cadáver. O Dr. Shaw virou a cabeça e disse, severamente: — Ainda não.

Voltou, de novo, a cabeça para mim. Eu me virei para ele, dizendo:

— Vi Ellie, hoje a noite.

— Viu-a? Onde?

— Lá fora, de pé, debaixo de um pinheiro. Como sabe, foi o lugar onde a conheci — fiz uma pequena pausa e acrescentei: — Ela não me viu... Não podia ver-me, porque não estava lá, — E, após uns instantes, disse: — Isso me transtornou. Perturbou-me muito.

Disse o Dr. Shaw: — Foi colocado na cápsula, não é? Havia cianeto na cápsula? Não foi o que você deu a Ellie naquela manhã?

— Era para a febre de feno — disse eu; — ela, quando se preparava para montar, sempre tomava uma cápsula preventiva contra alergia. Greta e eu preparamos uma ou duas cápsulas com teias de vespas do galpão do jardim e pusemos junto às outras. Engenhoso, não é? — e desatei a rir. Era um riso esquisito, eu mesmo pude perceber. Mais parecia um riso nervoso e sem motivo. Disse então: — Quando veio examinar-lhe o tornozelo, o senhor inspecionou os remédios que ela tomava, não é? Pílulas para dormir, cápsulas antialérgicas, e tudo estava em ordem, não é? Não podiam fazer mal.

— Mal algum — disse o Dr. Shaw. — Eram inteiramente inofensivas.

— Foi, realmente, muito sagaz, não é? — disse eu.

— Foi, sim, muito engenhoso, porém não o bastante.

— Seja como for gostaria de saber como descobriu.

— Descobrimos por ocasião da segunda morte, aquela que você não queria que acontecesse.

— Claudia Hardcastle?

— Sim. Ela morreu da mesma forma que Ellie. Caiu do cavalo no campo de caça. Claudia era também uma moça sadia, porém morreu apenas por cair do cavalo. Não havia passado muito tempo. Retiraram-na quase imediatamente e ainda havia o cheiro de cianeto para servir de pista. Se houvesse ficado ao ar livre por duas horas, como no caso de Ellie, não teria havido nada... nada a cheirar, nada a descobrir. Não vejo, entretanto, como Claudia obteve a pílula. A não ser que vocês a tenham esquecido no

Desatino. Claudia costumava ir lá algumas vezes. Foram encontradas suas impressões digitais e ela deixou ali cair um isqueiro.

— Devemos ter sido descuidados. Foi bem difícil enchê-las — disse eu, então: — O senhor desconfiou que eu estivesse envolvido na morte de Ellie, não é verdade? Todos os senhores? — olhei ao redor para os rostos sombrios. — Talvez todos os senhores.

— Frequentemente se tem conhecimento dos fatos. Mas eu não estava certo de poder fazer alguma coisa.

— O senhor devia ter-me alertado — disse eu, com ar de reprovação.

— Não sou funcionário da polícia — disse o Dr. Shaw.

— O que é então?

— Sou médico.

— Não preciso de médico — disse eu.

— É o que resta saber.

Olhei, então, para Phillpot e disse: — Que está fazendo? Veio julgar-me, presidir meu julgamento?

— Sou apenas um juiz de paz — disse ele. — Aqui vim como amigo.

— Amigo meu? — isso me espantou.

— Amigo de Ellie — disse ele.

Não entendi. Nada disso fazia sentido para mim, mas a verdade é que me senti muito importante. Todos eles ali! Polícia e médicos, Shaw e Phillpot, que era, a seu modo, homem ocupado. Aquilo tudo era muito complicado.

Comecei a perder a noção das coisas. Estava muito cansado. Costumava ficar repentinamente fatigado e adormeci...

E todo esse ir e vir. Muitas pessoas vieram visitar-me, gente de toda espécie. Advogados, creio que um procurador, e um advogado de outra especialidade, trazendo médicos. Vários médicos. Importunaram-me com perguntas, às quais me recusei a responder.

Um deles insistiu em saber se havia alguma coisa que desejasse. Disse que havia. Uma só. Queria uma caneta esferográfica e bastante papel. É que tencionava escrever uma descrição completa da maneira por que tudo acontecera. Queria contar-lhes o que sentira, o que pensara. Quanto mais pensava em mim tanto mais julgava que seria interessante para todos. Porque eu era interessante. Era, realmente, uma pessoa interessante e tinha feito coisas interessantes.

Os médicos, ao menos um deles, pareciam considerar uma boa ideia.

Disse eu: — Sempre deixam que as pessoas façam declarações, por que não poderei escrever a minha? Talvez, algum dia, todos venham a lê-la.

Permitiram-me. Não podia escrever muito tempo seguido. Ficava cansado. Alguém usou a expressão "responsabilidade atenuada" e outra pessoa discordou. Ouvem-se coisas de toda espécie. Julgam, às vezes, que não se está sequer ouvindo. Tive, então, de comparecer ao tribunal e queria que me dessem a melhor roupa, porque tinha de fazer boa figura. Creio que havia investigadores a me vigiar. Por algum tempo. Aqueles novos empregados — creio que foram contratados ou postos no meu encalço por Lippincott. Descobriram muitos fatos em relação a mim e a Greta. É curioso, depois de morta, nunca pensei muito em Greta... Após matá-la, deixou de ter importância para mim.

Procurei lembrar a sensação esplêndida e triunfante que tivera quando a estrangulei. Mas mesmo isso havia desaparecido...

Certo dia, trouxeram minha mãe, inesperadamente, para me visitar. Ela não me pareceu tão angustiada como costumava apresentar-se. Agora, parecia apenas triste. Não teve muito a dizer, nem eu. Falou somente o seguinte: — Tentei, Mike, tentei, persistentemente, protegê-lo. Fracassei. Sempre tive receio de fracassar.

Disse eu: — Está bem, Mamãe, não foi culpa sua. Eu escolhi o caminho que queria.

E, subitamente, pensei: — Foi o que disse Santonix. Ele, também, receava por mim. E, igualmente, nada pudera fazer. Ninguém podia fazer coisa alguma... salvo, quiçá, eu mesmo... Não sei. Não estou certo. Mas, de vez em quando, lembro-me... lembro-me daquele dia em que Ellie me perguntou: "em que está pensando quando me olha dessa forma?" e eu respondi "de que forma?" Ela explicou: "como se me amasse". Presumo que, sob certo aspecto, realmente, eu a amasse. Poderia amá-la. Ellie era tão doce.

Doce prazer...

Imagino que o meu problema sempre fosse o de querer as coisas em demasia. E também as queria sem trabalho, avidamente.

Aquela primeira vez, no dia em que fui ao Campo do Cigano e conheci Ellie. Ao descermos pela estrada, encontramos Esther. Naquele dia, quando ela preveniu Ellie, pus-me na cabeça a ideia de comprá-la. Sabia que era dessas que tudo fazem por dinheiro. Pagar-lhe-ia. Ela começaria a dar avisos a Ellie, a atemorizá-la, a fazê-la sentir-se em perigo. Julguei que assim daria mais credibilidade à versão de que Ellie morrera de susto. Sei agora, com certeza, que naquele primeiro dia Esther se achava realmente atemorizada.

Receava do que pudesse acontecer a Ellie. Advertiu-a com insistência,

de que não se envolvesse no Campo do Cigano. O que ela, evidentemente, desejava avisar era que não se envolvesse *comigo.* Ellie também não entendeu.

Seria a mim que Ellie temia? Creio que sim, embora ela própria não o soubesse. Sabia de alguma ameaça a pesar sobre ela, sabia da existência de um perigo. Santonix, igualmente, estava a par da maldade que existia dentro de mim, exatamente como acontecia com minha mãe. Talvez todos três soubessem. Embora sabendo, Ellie nunca se importou. É curioso, muito curioso. Agora compreendo. Fomos muito felizes juntos. Sim, muito felizes.

Gostaria de ter então percebido que éramos felizes... Tive a minha oportunidade. Talvez todos tenham a sua. Eu... lhe dei as costas.

É curioso que Greta não tenha agora a menor importância, não é?

Mesmo a minha bela casa não me interessa.

Apenas Ellie... E Ellie jamais me encontrará novamente... Noite sem fim... Eis o fim da minha história...

Acabo onde começo — é o que a gente sempre diz.

Mas que significa isso?

E onde é, exatamente, que começa a minha história? Cumpre-me tentar descobri-lo...